



JESUÍTAS BRASIL

IHU ONLINE

Revista do Instituto Humanitas Unisinos



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Nº 485 | Ano XVI
16/05/2016

ISSN 1981-8769
(impresso)
ISSN 1981-8793
(online)

Agroecossistemas e a ecologia da vida do solo

Por uma outra forma de agricultura

Ana Maria Primavesi: *Observar, conhecer e integrar.
Passos para uma ecologia da vida*

Antonio Nobre: *Quando a tecnociência vê um pixel
mas ignora a paisagem*

Steve Gliessman: *Agroecossistema. A interação e os
relacionamentos de todas as partes do sistema alimentar*

Luiz Carlos Bresser-Pereira:
Novo desenvolvimentismo.
Uma proposta para a crise
econômica brasileira

André de Azevedo:
Má gestão e os
rumos da crise
econômica brasileira

Vito Mancuso:
A gratuidade da
Misericórdia

Agroecossistemas e a ecologia da vida do solo. Por uma outra forma de agricultura

“**A** natureza, ao longo de bilhões de anos, evoluiu um sofisticadíssimo sistema vivo de condicionamento do conforto ambiental. Biodiversidade é o outro nome para competência tecnológica na regulação climática. A maior parte da agricultura tecnificada adotada pelo agronegócio é pobre em relação à complexidade natural. Ela elimina de saída a capacidade dos organismos manejados de interferir benéficamente no ambiente, introduzindo desequilíbrios e produzindo danos em muitos níveis”, afirma **Antonio Donato Nobre**, cientista do Centro de Ciência do Sistema Terrestre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - CCST/Inpe, na entrevista publicada na revista **IHU On-Line** desta semana que debate o desafio e a urgência de “desenvolver agroecossistemas alternativos ante o forte controle do sistema alimentar do qual se assenhorearam atualmente grandes corporações e interesses privados”, como atesta **Steve Gliessman**, professor de Agroecologia do Departamento de Estudos Ambientais da Universidade da Califórnia.

Além destes pesquisadores supracitados, participam do debate **Ana Primavesi**, uma das pioneiras nos estudos e práticas agroecológicas no Brasil, **Ulrich Loening**, membro do Conselho de Administração do Centro de Ecologia Humana (Centre for Human Ecology), em Edimburgo, na Escócia, **Alastair McIntosh**, membro honorário da Faculdade de Teologia da Universidade de Edimburgo e professor visitante de Ciências Sociais na Universidade de Glasgow, na Escócia, e **Genebaldo Freire Dias**, doutor

em Ecologia pela Universidade de Brasília - UnB.

Uma resenha do livro “Economia ecológica. Princípios e Aplicações” (Lisboa: Instituto Piaget, 2004), de Herman Daly e Joshua Farley, é apresentada por **José Roque Junges**, professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Unisinos.

Também nesta edição podem ser lidas as entrevistas com **Luiz Carlos Bresser-Pereira**, economista, professor da Fundação Getulio Vargas em São Paulo, cuja obra “A Construção Política do Brasil. Sociedade, Economia e Estado desde a Independência” (São Paulo: Editora 34, 2014) é sintetizada e refletida por **Gilberto Antonio Faggion**, mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e professor da Unisinos, e com **André de Azevedo**, economista e professor do Programa de Pós-Graduação em Economia da Unisinos, que descreve, a partir da história do Plano Real, as principais características dos problemas econômicos do Brasil contemporâneo.

Por sua vez, **Vito Mancuso**, teólogo italiano refletindo sobre conceitos como Misericórdia e Perdão, constata que “numa sociedade como a nossa, onde quase tudo tende a ser monetizado e calculado com base no ganho pessoal, tem enorme necessidade da gratuidade e da misericórdia”. “Eles são agora - afirma - uma das referências mais credíveis da transcendência”.

A todas e a todos uma boa leitura e uma excelente semana!

Crédito foto de Capa: USDANRCS South Dakota/Flicker Creative Commons

IHU ON-LINE

A **IHU On-Line** é a revista do **Instituto Humanitas Unisinos - IHU**. Esta publicação pode ser acessada às segundas-feiras no site www.ihu.unisinos.br e no endereço www.ihuonline.unisinos.br.

A versão impressa circula às terças-feiras, a partir das 8 horas, na Unisinos. O conteúdo da **IHU On-Line** é *copyleft*.

Diretor de Redação
Inácio Neutzling (inacio@unisinos.br)

Coordenador de Comunicação - IHU
Ricardo Machado - MTB 15.598/RS
(ricardom@unisinos.br)

Jornalistas
João Vitor Santos - MTB 13.051/RS
(joaovs@unisinos.br)
Leslie Chaves - MTB 12.415/RS
(leslies@unisinos.br)
Márcia Junges - MTB 9.447/RS
(mjunges@unisinos.br)
Patrícia Fachin - MTB 13.062/RS
(prfachin@unisinos.br)

Revisão
Carla Bigliardi

Projeto Gráfico
Ricardo Machado

Editoração
Rafael Tarcísio Forneck

Atualização diária do site
Inácio Neutzling, César Sanson, Patrícia Fachin, Cristina Guerini, Evelyn Zilch, Fernanda Forner, Matheus Freitas e Nahiene Alves.

Colaboração
Jonas Jorge da Silva, do Centro de Pesquisa e Apoio aos Trabalhadores - CEPAT, de Curitiba-PR.



Instituto Humanitas Unisinos - IHU
Av. Unisinos, 950
São Leopoldo / RS
CEP: 93022-000

Telefone: 51 3591 1122 | Ramal 4128
e-mail: humanitas@unisinos.br
Diretor: Inácio Neutzling
Gerente Administrativo: Jacinto Schneider (jacintos@unisinos.br)

Sumário

Destaques da Semana

- 6 Destaques On-Line
- 8 Linha do Tempo
- 9 Luiz Carlos Bresser-Pereira: Novo desenvolvimentismo. Uma proposta para a crise econômica brasileira
- 17 Gilberto Antonio Faggion: A Construção Política do Brasil. Uma síntese
- 19 Gilberto Antonio Faggion: O momento político nacional à luz da obra de Luiz Carlos Bresser-Pereira
- 19 Luiz Carlos Bresser-Pereira: Uma cura possível para a “síndrome de vira-latas”
- 20 André Filipe Zago de Azevedo: Má gestão e os rumos da crise econômica brasileira
- 24 Vito Mancuso: A gratuidade da Misericórdia. ‘A primeira forma de misericórdia que podemos exercer é a da compreensão’

Tema de Capa

- 30 Ana Maria Primavesi: Observar, conhecer e integrar. Passos para uma ecologia da vida
- 37 Steve Gliessman: Agroecossistema. A interação e os relacionamentos de todas as partes do sistema alimentar
- 40 Ulrich Loening: Por uma “Ciência Convivial”
- 44 Antonio Donato Nobre: Quando a tecnociência vê um pixel mas ignora a paisagem
- 48 José Roque Junges: Para além do autismo econômico
- 54 Alastair McIntosh: Quando o bolso enche e o espírito se esvazia
- 60 Genebaldo Freire Dias: Uma educação para além da gestão ambiental

IHU em Revista

- 66 Agenda de Eventos
- 69 Publicações
- 71 Retrovisor

Implicações ético-políticas do cristianismo
na filosofia de M. Foucault e G. Agamben.
Governamentalidade, economia política,
messianismo e democracia de massas



16 de março a 22 de junho de 2016

Ministrante: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz – UNISINOS

ihu.unisinos.br

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Destques da Semana

Destques On-Line

Entrevistas publicadas entre os dias 10-05-2016 e 13-05-2016 no sítio do IHU.

O fascista não argumenta; rosna. A exclusão de temáticas humanísticas dos currículos escolares

Entrevista com Ricardo Timm, graduado em Música com habilitação em Instrumentos pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e em Estudos Sociais e Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS, onde também cursou mestrado em Filosofia. Também é doutor em Filosofia pela Universität Freiburg (Albert-Ludwigs).

Publicada em 13-05-2016

Disponível em <http://bit.ly/24VD88P>

“O fascismo só existe na ausência da crítica”, diz Ricardo Timm à **IHU On-Line**, ao comentar os discursos extremados em relação ao atual cenário político brasileiro. Na entrevista, concedida por e-mail, o filósofo comenta algumas das características do fascismo, entre elas, a “ojeriza completa ao questionamento e pavor ao pensamento, e, por extensão, à cultura em geral”. Segundo ele, “o fascista típico não argumenta, ele rosna, emite onomatopeias, cacareja lugares-comuns, mas não processa dados cognitivos”. Sobre o “fascismo brasileiro”, Timm frisa que ele “é tão rudimentar como a sociedade na qual ele surge, o que não significa, absolutamente, que seja menos primário ou violento que em outras tradições”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

A cobrança por serviços de saúde lesa os direitos sociais

Entrevista com Veralice Maria Gonçalves, doutora em Psiquiatria e Ciências do Comportamento, coordenadora dos projetos da área de TI do Ministério da Saúde no Rio Grande do Sul, respondendo pela gerência local DATASUS. É professora convidada da Escola do Grupo Hospital Conceição e da Escola de Saúde Pública do RS.

Publicada em 12-05-2016

Disponível em

“Há necessidade de adequação do sistema à situação de saúde, e uma proposta que visualiza o atendimento a essa necessidade é a estruturação do sistema em uma rede de atenção, tendo a atenção primária à saúde como coordenadora dessa rede”, diz Veralice Maria Gonçalves. Para ela, “apesar de o SUS ter sido a maior política de inclusão social da história do Brasil, há muitos desafios para serem enfrentados”.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

“Houve mobilidade social. Mas a desigualdade social não foi reduzida. Agravou-se”

Entrevista com Waldir Quadros, graduado em Economia pela Universidade de São Paulo - USP e mestre e doutor em Ciência Econômica pela Universidade Estadual de Campinas - Unicamp, onde atualmente é professor do Instituto de Economia.

Publicada em 11-05-2016

Disponível em <http://bit.ly/1TSEJ6x>

“Com a transferência de recursos que é feita através dos juros, não há como reduzir a desigualdade. Aconteceram dois fenômenos: houve uma melhoria nas condições das camadas populares até 2014, porém tudo indica que a desigualdade se agravou”, afirma o economista.

As variáveis fundamentais para compreender a crise social e os retrocessos que estão em curso são, de um lado, o desemprego, porque as pessoas ficam desempregadas ou são admitidas em outras atividades com salários menores e, de outro, a recessão econômica, diz Waldir Quadros à IHU On-Line.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Como democratizar o poder destituído? O terreno está aberto

Entrevista com Alexandre Mendes, professor da Faculdade de Direito da Universidade do Estado do Rio de Janeiro - UERJ. Doutor em Direito pela UERJ e mestre em Criminologia e Direito Penal pela Universidade Cândido Mendes - UCAM.

Publicada em 10-05-2016

Disponível em <http://bit.ly/1TeB9DY>

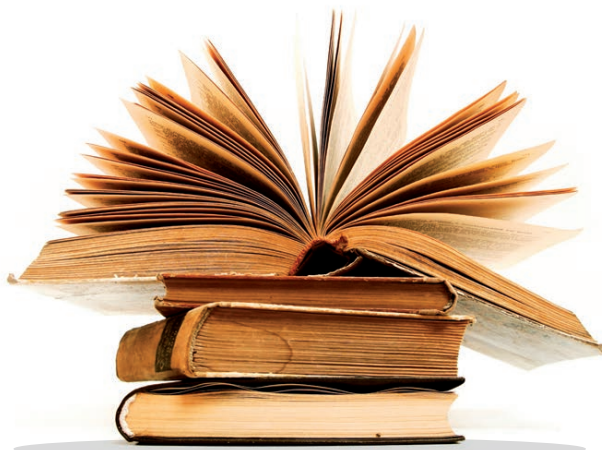
Diante da atual crise política, a questão que está colocada, do ponto de vista da multidão, é “como criar novos dispositivos políticos que não nos deixem reféns de possíveis acordos institucionais realizados no âmbito policial, judicial ou partidário. Falando francamente: como produzir um ‘impeachment’ (a destituição necessária de um governo que é contrário à multidão) que não faça emergir as figuras lamentáveis que assistimos na noite da votação da admissibilidade do pedido, os possíveis acordões internos dos corredores do poder, ou um funcionamento judicial que dança ao sabor de uma lógica corporativa”. A reflexão é de Alexandre Mendes em entrevista concedida à IHU On-Line.



Fonte imagem: www.ihu.unisinos.br

Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.



Linha do Tempo

A IHU On-Line apresenta quatro notícias publicadas no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, entre os dias 09-05-2016 e 13-05-2016, relacionadas a assuntos que tiveram repercussão ao longo da semana

Boaventura: “Chegou a hora de uma nova esquerda”

Golpe no Brasil revela revanchismo das elites - mas foi possível porque governo acomodou-se a velhos projetos e métodos. Já há condições para Outra Política. “A autocrítica tem de ser minha também. Quantas vezes jantei com Rafael Correa, presidente do Equador e ao final cantei canções do Che Guevara, como se a revolução estivesse próxima”? Questiona em entrevista sobre a crise política no Brasil.

A entrevista é de Diego León Pérez e Gabriel Delacoste, publicado por La Diaria e reproduzido Outras Palavras, em 10-05-2016. Tradução de Antonio Martins.

Leia mais em <http://bit.ly/23NldLE>

“Depois de muito tempo, as esquerdas se juntaram no país”

Se existe um consenso, hoje, não só a nível nacional quanto global, é que o modelo atual de desenvolvimento não está funcionando. Seja de direita ou de esquerda, todo mundo tem críticas, e alguns até têm também sugestões. Durante quase duas horas, num café em Copacabana, na semana passada, entrevistei o sociólogo Ivo Lesbaupin, que durante anos dirigiu a Abong - Organizações em Defesa dos Direitos e Bens Comuns - e que hoje vem se dedicando, junto a outros estudiosos, a refletir sobre o que poderia ser um novo modelo de sociedade.

A entrevista é de Amelia Gonzalez, publicada por G1, 09-05-2016.

Leia mais em <http://bit.ly/10vnGZy>

Nocaute

“Com a traumática derrubada do lulismo, interrompe-se mais uma vez a tentativa - no fundo a mesma de Getúlio Vargas - de integrar os pobres por meio de uma extensa conciliação de classe. Venceu de novo a forte resistência nacional a qualquer tipo de mudança verdadeiramente civilizatória. Mesmo a mais moderada e conciliadora”, constata André Singer, cientista político, em artigo publicado por Folha de S. Paulo, 14-05-2016.

Eis um trecho do artigo.

O lulismo estava nas cordas desde a quinta-feira, 27 de novembro de 2014, em que a presidente reeleita anunciou que havia decidido entregar a condução da economia do país ao projeto austericida que condenara na campanha eleitoral. Um ano e meio depois, na aurora de anteontem (12), o exausto lutador caiu.

Leia mais em <http://bit.ly/1rON1nb>

Carta para o “Eu” do futuro ou Para não dizer que falei de flores

“O dantesco episódio desta época fora sintetizado pelas mãos de 55 artistas, que variavam entre ex-funcionários fantasmas de senadores biônicos a magnatas das commodities, que com a delicadeza do pincel do cinismo pintaram a tragédia da Democracia brasileira”, escreve em artigo Ricardo Machado, jornalista e mestre pelo PPG em Comunicação da Unisinos.

Eis um trecho artigo.

Querido “Eu” do futuro,

Houve um tempo em que o Brasil vivia entre a porta da capela e a janela do berçário. Enquanto na seção dos nascidos nem ruído se ouvia, no salão dos mortos a gritaria era grande. Enfileirados um ao lado do outro, os falecidos jaziam à espera do enterro.

Leia mais em <http://bit.ly/1XeAswY>

ENTREVISTA

Novo desenvolvimentismo. Uma proposta para a crise econômica brasileira

O economista Bresser-Pereira apresenta a teoria do novo desenvolvimentismo como uma alternativa às políticas econômicas adotadas desde os anos 80 até hoje, para garantir o crescimento econômico brasileiro

Por Patrícia Fachin

A pesar dos problemas econômicos que o Brasil enfrenta nos últimos anos, tem havido “um aumento constante do gasto social em saúde e educação, e isso também é distribuição de renda, aliás, esse tipo de distribuição de renda não aparece nos índices, mas é real”, defende Bresser-Pereira na entrevista a seguir, concedida à IHU On-Line pessoalmente no dia 09-05-2016, quando esteve no Instituto Humanitas Unisinos - IHU, participando do I Ciclo de Estudos. **Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras**, para apresentar seu livro *A Construção Política do Brasil. Sociedade, Economia e Estado desde a Independência* (São Paulo: Editora 34, 2014). A despeito do avanço social, frisa, “o Brasil está em um retrocesso relativo no plano econômico desde 1980” e isto significa que “está ficando para trás”.

Segundo o economista, a forma “absolutamente fundamental” de distribuir renda é através dos impostos progressivos, mas essa proposta foi esquecida pela esquerda e pela direita. “O que vejo é uma briga permanente entre a esquerda e a direita, em que a esquerda resolve todos os problemas expandindo as despesas públicas, haja crise ou não haja crise, e os ortodoxos também resolvem todos os problemas, sem exceção, fazendo ajuste fiscal. Essa é uma disputa absolutamente ridícula”, adverte.

Para ele, entre os pontos fundamentais para enfrentar as desigualdades sociais, destacam-se a alta carga tributária e o “aumento do gasto social do Estado em educação, saúde, previdência e assistência. Esses são gastos que têm um efeito realmente distribuidor, são universais, atendem a todas as pessoas. O aumento da carga tributária necessário para realizar esses serviços tem que ser discutido na sociedade, e não conseguido através do déficit público”, afirma.

Nesta entrevista, o economista também explica e apresenta sua teoria do novo desenvolvimentismo como uma alternativa tanto ao desenvolvimentismo clássico da escola cepalina dos anos 50, quanto ao neoliberalismo dos anos 90 e ao “desenvolvimentismo social” praticado nos governos Lula e Dilma. Sua teoria propõe uma nova forma de garantir o crescimento econômico, sem que para isso seja preciso “crescer com déficit em conta corrente”, como ocorreu no governo FHC, nem através do uso da “âncora cambial para combater a inflação”, como fizeram Lula e Meirelles, gerando “um desastre na economia brasileira”.

A teoria do novo desenvolvimentismo está fundamentada nas teses de que “a coisa mais importante que pode acontecer a um povo é ele realizar a sua revolução capitalista, ou seja, formar o seu estado-nação, se industrializar e se tornar um país capitalista moderno”, e a de que “o capitalismo pode ser organizado do ponto de vista econômico” segundo o novo desenvolvimentismo. O sucesso do novo desenvolvimentismo, pontua, depende da regulação da taxa de câmbio, que estará num patamar correto quando tornar “competitivas as empresas industriais” do país, e da regulação dos cinco preços macroeconômicos.

Luiz Carlos Bresser-Pereira é professor emérito da Fundação Getúlio Vargas, onde ensina economia, teoria política e teoria social. É presidente do Centro de Economia Política e editor da Revista de Economia Política desde 1981. Foi concomitantemente professor visitante de desenvolvimento econômico na Universidade de Paris I (1978), de teoria da democracia no Departamento de Ciência Política da Universidade de São Paulo - USP (2002/03), e de Novo Desenvolvimentismo na École d’Hautes Études en Sciences Sociales, em Paris. Foi também visitante, sem dar aulas regulares, no Instituto de Estudos Avançados da USP (1989) e na Oxford University (1999 e 2001). Também foi Ministro da Fazenda, da Administração Federal e Reforma do Estado, e da Ciência e Tecnologia no governo FHC. É bacharel em Direito pela USP, mestre em Administração de Empresas pela Michigan State University, doutor e livre docente em Economia pela USP. Bresser-Pereira é autor de, entre outras obras, *Desenvolvimento e Crise no Brasil* (1968/2003), *A Sociedade Estatal e a Tecnoburocracia* (1980), *Inflação e Recessão*, com Yoshiaki Nakano (1984), *Lucro, Acumulação e Crise* (1986), *A Crise do Estado* (1992), *Reformas Econômicas em Novas Democracias*, com Adam Przeworski e José María Maravall (1993), *Reforma do Estado para a Cidadania* (1998), *Construindo o Estado Republicano* (2004), *Macroeconomia da Estagnação* (São Paulo: Editora 34, 2007), *Globalização e Competição* (Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2009). Publicou recentemente em inglês o livro *Developmental Macroeconomics* (2014), em conjunto com os economistas José Luis Oreiro e Nelson Marconi. Esta obra será publicada em breve em português, com uma atualização, sob o título *Macroeconomia Desenvolvimentista: Teoria e política econômica do novo desenvolvimentismo*.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual é a diferença entre o novo desenvolvimentismo que o senhor propõe e o desenvolvimentismo feito nos governos Lula e Dilma?

Luiz Carlos Bresser-Pereira - O novo desenvolvimentismo é um sistema teórico que vem sendo desenvolvido para substituir o que chamo de desenvolvimentismo clássico ou o estruturalismo latino-americano, que se esgotou há bastante tempo e, a meu ver, não tinha uma macroeconomia. Desde os anos 2000 comecei a desenvolver esse sistema - eu já havia desenvolvido nos anos 80 a teoria da inflação inercial, que também é relevante para o novo desenvolvimentismo -, de forma que hoje, 15 anos depois, existe um sistema teórico.

O desenvolvimentismo Lula-Dilma: sucesso social e desastre econômico

A pergunta a ser colocada, então, seria: até que ponto os governos Lula e Dilma seguiram as ideias do novo desenvolvimentismo? Eu diria que, infelizmente, não seguiram essas ideias. Os governos Lula e Dilma fizeram um desenvolvimentismo social, mais social do que desenvolvimentista. No aspecto social, o modelo deles foi bem-sucedido porque conseguiu uma razoável diminuição da desigualdade, mas no plano econômico fracassou ao não garantir a retomada do crescimento econômico brasileiro. Esses governos foram vítimas do "populismo cambial", que é deixar a taxa de câmbio altamente apreciada, o que implica em um aumento dos aluguéis, dos juros etc., mas inviabiliza a indústria, que perde competitividade. Isso foi muito grave.

O que me incomodava mais era o fato de que havia muitos economistas que se diziam desenvolvimentistas, mas apoiavam totalmente a posição do governo em relação ao câmbio e não queriam mexer na taxa de câmbio porque isso significaria redução dos salários. De fato, significa mesmo, mas significa

também a redução dos outros rendimentos, e não existe desenvolvimento econômico se não se faz algum sacrifício para pôr ordem na casa. Inventaram [os economistas], inclusive, em certo momento, que havia um social-desenvolvimentismo, o que era uma coisa ridícula, porque não tinha teoria nenhuma; era só nome.

IHU On-Line - O que diferencia a sua teoria do novo desenvolvimentismo para o que se chamou de social-desenvolvimentismo nos governos Lula e Dilma, é a proposta de regulação do câmbio?

Luiz Carlos Bresser-Pereira - O que caracteriza o novo desenvolvimentismo, primeiro, é a existência de uma teoria política. Então, precisamos antes entender o que é o capitalismo e fazer uma distinção clara entre o que é o desenvolvimentismo realmente existente e o que é a teoria chamada de novo desenvolvimentismo.

A minha tese é a de que o capitalismo pode ser organizado, do ponto de vista econômico, de duas maneiras: desenvolvimentista, em que se tem uma moderada intervenção do Estado na economia, em que se tem a ideia de nação e um nacionalismo econômico que possibilita a competição entre as nações, e se tem ainda uma coalizão de classes unindo empresários, trabalhadores e a burocracia pública; ou o liberalismo econômico, no qual se afirma que basta que o Estado garanta a propriedade e os contratos e que seja responsável do ponto de vista fiscal, e o restante é resolvido pelo mercado.

Dada essa definição, digo que o capitalismo nasce desenvolvimentista, porque nasceu no mercantilismo, que foi a primeira forma de desenvolvimentismo. Os economistas liberais e os historiadores econômicos dizem que foi Adam Smith quem fundou a teoria econômica, o que é falso, e dizem que o mercantilismo foi um desastre, o que também é falso. A prova disso é que a coisa mais importante que pode acontecer a um povo é ele realizar a sua revolução capitalis-

ta, ou seja, formar o seu estado-nação, se industrializar e se tornar um país capitalista moderno.

Revoluções industriais e o desenvolvimentismo

As primeiras revoluções industriais, que aconteceram na Inglaterra, na Bélgica e na França, foram todas realizadas no quadro do mercantilismo. Então, que fracasso é esse? As revoluções industriais que se seguiram posteriormente, nos países retardatários centrais, como Alemanha, Áustria, Suécia e EUA, fizeram sua revolução na segunda metade do século XIX, também no quadro do desenvolvimentismo - o chamado bismarckismo -, e tiveram, de um lado, uma forte intervenção do Estado na economia e, de outro, uma proteção forte à indústria.

Os países que não se industrializaram no século XIX tiveram de enfrentar o imperialismo moderno colonialista desses países, porque todos eles imitaram a Inglaterra, que era o modelo do que dava certo.

No século XX, quatro países do Leste Asiático conseguiram criar seus estados-nações, se desenvolveram com autonomia e hoje são países ricos: Japão, Coreia do Sul, Taiwan e Singapura; e a China está a caminho. Mas isso tudo foi feito no quadro de um desenvolvimentismo. Os países da América Latina, que nem foram reduzidos à colônia propriamente dita, porque eles foram colônia de Portugal e Espanha e conseguiram a independência, como o Brasil e o México, fizeram sua revolução industrial entre 1930 e 1980 novamente no quadro do desenvolvimentismo.

Liberalismo econômico

O liberalismo econômico tornou-se dominante no mundo, especialmente na Inglaterra e na França, a partir dos anos 1830, quando eles fizeram a sua abertura comercial. Esse liberalismo econômico foi dominante até 1929, quando houve a crise de 29 e, posteriormente, ini-

ciou-se um novo desenvolvimentismo, com o New Deal¹ de *Roosevelt*, e, com o pós-guerra, o chamado “anos dourados” do capitalismo, que corresponde aos anos 40, 50 e 60, em que a intervenção do Estado volta a ser forte - o primeiro desenvolvimentismo foi autoritário, mas o segundo já foi democrático. Nos anos 70 veio uma nova crise, a qual deu oportunidade para os capitalistas rentistas assumirem o poder, e tivemos 30 anos de atraso neoliberal. Isso, a meu ver, terminou em 2008 e agora estamos num momento de crise e de encontro no mundo todo.

Desenvolvimentismo brasileiro

No Brasil, a teoria que orientou o nacional-desenvolvimentismo, que é o desenvolvimentismo existente - que teve como líder Getúlio Vargas² -, foi o desenvolvimentismo

1 **New Deal** (tradução literal em português seria “novo acordo” ou “novo trato”): foi o nome dado à série de programas implementados nos Estados Unidos entre 1933 e 1937, sob o governo do Presidente Franklin Delano Roosevelt, com o objetivo de recuperar e reformar a economia norte-americana, e assistir os prejudicados pela Grande Depressão. O nome dessa série de programas foi inspirado no Square Deal, nome dado pelo anterior Presidente Theodore Roosevelt à sua política econômica. (Nota da **IHU On-Line**)

2 **Getúlio Vargas [Getúlio Dornelles Vargas]** (1882-1954): político gaúcho, nascido em São Borja. Foi presidente da República nos seguintes períodos: 1930 a 1934 (Governo Provisório), 1934 a 1937 (Governo Constitucional), 1937 a 1945 (Regime de Exceção) e de 1951 a 1954 (Governo eleito popularmente). Recentemente a **IHU On-Line** publicou o Dossiê Vargas, por ocasião dos 60 anos da morte do ex-presidente, disponível em <http://bit.ly/inaoZMX>. A **IHU On-Line** dedicou duas edições ao tema Vargas, a 111, de 16-08-2004, intitulada *A Era Vargas em Questão - 1954-2004*, disponível em <http://bit.ly/ihuon111>, e a 112, de 23-08-2004, chamada *Getúlio*, disponível em <http://bit.ly/ihuon112>. Na edição 114, de 06-09-2004, em <http://bit.ly/ihuon114>, Daniel Aarão Reis Filho concedeu a entrevista *O desafio da esquerda: articular os valores democráticos com a tradição estatista-desenvolvimentista*, que também abordou aspectos do político gaúcho. Em 26-08-2004, Juremir Machado da Silva, da PUC-RS, apresentou o **IHU Ideias Getúlio, 50 anos depois**. O evento gerou a publicação do número 30 dos **Cadernos IHU Ideias**, chamado *Getúlio, romance ou biografia?*, disponível em <http://bit.ly/ihuid30>. Ainda a primeira edição dos **Cadernos IHU em formação**, publicada

clássico, que era a escola cepalina. O desenvolvimentismo clássico estava baseado na ideia de que desenvolvimento significa industrialização, na crítica à lei das vantagens comparativas do mercado internacional, e, portanto, na crítica da teoria liberal, e na ideia de que era preciso fazer planejamento econômico ou política industrial e ter um protecionismo forte. Além disso, afirmava a necessidade de se fazer a revolução burguesa, como havia ocorrido em outros países, e rejeitava a ideia da revolução socialista.

“
O capitalismo nasce desenvolvimentista, porque nasceu no mercantilismo, que foi a primeira forma de desenvolvimentismo

Essas ideias foram úteis, mas começaram a entrar em crise nos anos 1970 na América Latina, quando surgiu a teoria da dependência associada, do meu amigo Fernando Henrique Cardoso (FHC)³. Ele disse que a revolução burguesa era impossível, já que a burguesia era intrinsecamente dependente - essa era uma tese marxista. Então, o desenvolvimentismo clássico da escola cepalina defendia uma revolução nacional, enquanto a teoria da

pelo IHU em 2004, era dedicada ao tema, recebendo o título *Populismo e Trabalho. Getúlio Vargas e Leonel Brizola*, disponível em <http://bit.ly/ihuemo1>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Fernando Henrique Cardoso** (1931): Sociólogo, cientista político, professor universitário e político brasileiro. Foi o 34º Presidente do Brasil, por dois mandatos consecutivos. Conhecido como FHC, ganhou notoriedade como ministro da Fazenda (1993-1994) com a instauração do Plano Real para combate à inflação. (Nota da **IHU On-Line**)

dependência defendia que a burguesia latino-americana não tinha condição de ser nacional - o que é falso - e, com isso, foi liquidada a ideia da revolução burguesa no Brasil. Como todos os países latino-americanos estavam ressentidos com as revoluções conservadoras que ocorreram no Brasil em 64, na Argentina em 67 e no Uruguai em 68, o grupo de exilados que se reuniu no Chile e que formulou essa teoria da dependência associada, refletiu essa insatisfação, a qual tomou conta dos intelectuais latino-americanos. FHC se tornou o intelectual mais importante da época, junto com Enzo Faletto⁴, que era um intelectual verdadeiramente - FHC é um intelectual político. Faletto morreu marxista, enquanto FHC, hoje, é um conservador.

O ataque ao desenvolvimentismo clássico

Assim, o desenvolvimentismo clássico foi atacado no seu cerne por se achar que não existia uma burguesia nacional no Brasil. A teoria da dependência foi desenvolvida pelo grupo marxista mais ortodoxo, com André Gunder Frank⁵ e Ruy Mauro Marini⁶. Posteriormente,

4 **Enzo Faletto** (1935 - 2003): foi um sociólogo e historiador chileno. Faletto é um dos formuladores da Teoria da Dependência. Sua obra mais conhecida é *Dependencia y desarrollo en América Latina*; ensayo de interpretación sociológica, escrita juntamente com Fernando Henrique Cardoso. O livro foi publicado inicialmente no México (Siglo XXI, 1969) e depois no Brasil (Rio de Janeiro: Zahar, 1970). É também autor de *Génesis Histórica del Proceso Político Chileno* (1971) e *El Liberalismo* (1977). (Nota da **IHU On-Line**)

5 **Andreas (André) Gunder Frank** (1929-2005): foi um economista e sociólogo alemão. Nos anos 1960, foi um dos criadores da Teoria da Dependência - com Theotonio dos Santos, Ruy Mauro Marini, Vânia Bambirra, e outros - cuja formulação, próxima à da “teoria do desenvolvimento desigual e combinado” de Leon Trotsky, auxiliou o combate às formulações hegemônicas dos partidos comunistas. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Ruy Mauro Marini** (1932-1997): considerado um dos mais brilhantes intelectuais militantes da América Latina. Destacou-se por sua importante obra que subverteu o pensamento colonizado dominante e por sua militância coerente. Sua vida, marcada por exílios recorrentes, condensa um dos períodos mais intensos da história política

Florestan Fernandes⁷ defendeu a ideia de que se não era possível fazer uma revolução burguesa, tinha de se fazer a revolução socialista, que era a lógica mais tola, porque não havia condição alguma de fazer uma revolução socialista e tampouco era bom fazê-la. Mas FHC tirou outra conclusão da impossibilidade de fazer a revolução burguesa: se não é possível fazê-la, temos de nos associar ao império e aproveitar as frestas possíveis. Foi isso que ele fez no seu governo. Eu tomei um susto e só percebi isso quatro anos depois que saí do governo dele. Eu sabia que existiam alguns desacordos em relação à burguesia nacional, mas não achei que fosse algo muito relevante.

Entretanto, quatro anos após ter saído do governo FHC, quando eu estava concedendo uma entrevista em Paris, em 2003, ao responder a pergunta de um jornalista, eu disse que não era da Escola de Sociologia de São Paulo, como foi FHC, mas sim do Instituto Superior de Estudos Brasileiros - Iseb, que era a escola nacionalista desenvolvimentista dos anos 50, de Ignácio Rangel, Álvaro Vieira Pinto - eles que abriram minha visão do Brasil. Dado esse fato, fui reler o livro do FHC para ver como era a história, e era isso mesmo: FHC estava coerente do ponto de vista do problema internacional, mas não do ponto de vista ideológico.

Então, nos anos 90, toda a América Latina foi submetida às reformas neoliberais, que não resolviam os problemas, dado que fracassaram, mas o velho desenvolvimentismo clássico também não tinha mais respostas, especialmente porque não tinha uma macroeconomia. Vi que o que faltava para o desenvol-

latino-americana. Suas teses em torno das características do capitalismo dependente constituem a base para a compreensão não só de nosso continente mas também das diversas formas da super-exploração da força de trabalho e do sub-imperialismo. É autor de diversas obras, entre as quais citamos *Dialética da dependência*. Petrópolis: Vozes, 2000. (Nota do **IHU On-Line**).

⁷ **Florestan Fernandes** (1920-1995): Sociólogo e político brasileiro. Foi duas vezes deputado federal pelo Partido dos Trabalhadores. (Nota da **IHU On-Line**)

vimentismo clássico era uma teoria macroeconômica, porque eles adotavam uma macroeconomia pós-keynesiana, mas ela era muito voltada para os problemas dos EUA e da Europa. São teorias que pensam originalmente em economias fechadas, que depois são abertas, mas os keynesianos nunca levaram a sério o problema do comércio internacional, da taxa de câmbio etc.

IHU On-Line - Até hoje eles pensam assim?

Luiz Carlos Bresser-Pereira - Sem dúvida, e não somente os keynesianos. Percebi que na teoria econômica existe um buraco: a taxa de câmbio é pouco estudada não somente pelos keynesianos, mas também pelos neoclássicos, ou seja, por todos, porque é um tema que estava relegado apenas à teoria do comércio internacional. Então comecei a montar uma teoria nova, que no plano da teoria política deve considerar esses aspectos que expliquei: coalização de classe, Estado desenvolvimentista etc., mas no plano macroeconômico a ideia é trabalhar com uma economia aberta desde o início. Os economistas preferem fazer uma economia fechada para depois abri-la, mas a realidade concreta e objetiva das economias em desenvolvimento, como o Brasil, não é assim.

Então, a primeira coisa a fazer é verificar o que distingue um país como o Brasil, de renda média, de um país rico, além do fato de os países mais pobres terem uma renda per capita mais baixa. A diferença fundamental - e essa é uma novidade muito grande - é a de que esses países se endividam em moeda estrangeira, enquanto um país rico se endivida na própria moeda. Assim, os países ricos não ficam submetidos a crises de balanços de pagamento; só ficam submetidos a crises bancárias. A crise de 2008, por exemplo, é uma crise bancária. É impossível os Estados Unidos caírem em uma crise de balanço de pagamentos, porque eles devem em dólar, e se alguém quiser cobrá-los, eles só emitem mais moeda e pa-

gam. O Estado japonês deve 260% do seu PIB e ninguém tem coragem de mexer com ele, porque se alguém quiser fazer um ataque especulativo contra o Japão, perderá uma quantidade enorme de dinheiro, porque o Japão paga tudo e pronto. No Brasil isso não é possível, porque nós nos endividamos em moeda estrangeira. Então isso faz uma diferença muito grande.

IHU On-Line - Além do câmbio, o senhor introduz a ideia de cinco preços macroeconômicos. Pode explicá-los? Que impacto eles têm na economia?

Luiz Carlos Bresser-Pereira - Essa é uma novidade completa na macroeconomia em geral, pois ninguém fala nisso - acho que fui eu quem inventou. Os cinco preços macroeconômicos são a taxa de lucro, que é a taxa mais importante do capitalismo, porque não há capitalismo sem lucro; a taxa de juros; a taxa de câmbio; a taxa de salários; e a taxa de inflação. O que é uma economia equilibrada do ponto de vista macroeconômico? É uma economia em que esses cinco preços estejam no lugar certo. São os *right prices* [preços justos]. Sou a favor de *right prices*, mas o que significa *right prices*? Significa que a taxa de lucro deve ser satisfatória para o empresário, ou seja, deve ser suficientemente alta para estimular o empresário a investir, dada a taxa de juros. Logo, o nível da taxa de juros deve ser relativamente baixo, caso contrário será necessária uma taxa de lucro muito alta para estimular o empresário a investir, e a taxa de juros, do rentista, tem de ser baixa.

A taxa de câmbio - esta é a grande novidade da teoria - está certa quando torna competitivas as empresas industriais de um país ou as empresas não-commodities, que vendem bens comercializáveis, que utilizam a tecnologia do estado da arte mundial, ou seja, as empresas têm que ser competitivas. No Brasil, nos últimos oito anos, de 2007 a 2014, a taxa de câmbio esteve altamente apreciada - a taxa de câmbio estava em R\$ 2,20 e a taxa

de equilíbrio era de R\$ 3,80 -, de forma que as empresas eficientes e competentes não tinham condições de investir e por isso foram ficando para trás, inclusive fecharam.

A taxa de inflação deve ser baixa - não há nenhuma razão para ser alta - e a taxa de salários deve ser compatível com o aumento da produtividade e, portanto, com uma taxa de lucro satisfatória para os empresários. Os amigos são os empresários e a coalizão política se faz com os empresários, não com os rentistas. Por isso, os juros precisam ser os mais baixos possíveis; essa é a distinção. A coalizão de classe só acontece quando se consegue dividir a burguesia em dois; isso é fundamental.

Mercado X Estado

O mercado é ótimo, uma maravilha de instituição - os neoclássicos pensam que o mercado é um mecanismo milagroso, quando na verdade é uma instituição muito bem regulada e administrada, porque se não for, não funciona. Mas esse mercado, para atividades razoavelmente competitivas, é um maravilhoso sistema de coordenação econômica. Se vier um governo e disser que se propõe a planejar a produção de camisas ou mesmo de automóveis ou de computadores, penso que esse governo não presta para nada, é cretino, porque não se pode planejar isso. Só se pode estimular uma indústria que você acha que pode ser boa em produzir, mas quem diz como vai ser o funcionamento da empresa é o mercado e a capacidade da própria empresa de competir no mercado.

Agora, tem um setor da economia que não é competitivo: a infraestrutura e alguns setores da indústria de base altamente monopolistas. Portanto, nesses setores, precisa haver planejamento econômico, precisa de uma intervenção forte do Estado na economia no plano micro. No plano macro, é preciso ter uma política macroeconômica muito ativa, porque aqueles cinco preços macroeconômicos não estão em absoluto garantidos.

O mercado não tem a menor condição de regular esses cinco preços - isso é histórico, não estou inventando nada, crises e mais crises mostram que o mercado é incapaz de manter esses cinco preços, e toda a importância que a macroeconomia ganhou nos últimos 50 anos, desde que Keynes a inventou, reflete esse esforço de tentar intervir e controlar esses cinco preços macroeconômicos.

O problema fundamental é que existe nos países em desenvolvimento uma tendência à sobreapreciação cíclica e crônica da taxa de câmbio. Isso significa que se deixar a taxa de câmbio livre, ela tende a se apreciar, ou seja, ela se depreciará em crises - em uma crise financeira ela vai lá em cima e se deprecia -, depois começa a se apreciar e se torna altamente depreciada por vários anos, cronicamente, até que entra em déficit em conta corrente, a dívida externa começa a aumentar e, de repente, os credores que estavam emprestando dinheiro com bons juros percebem que o credor não está bom, com isso ocorre um efeito "manada", eles suspendem a rolagem da dívida, vem outra crise e outra vez a depreciação.

A importância da política cambial

O objetivo fundamental da política cambial - que não existe, é proibido falar em política cambial, porque isto é visto como mercantilismo - é neutralizar essa tendência à sobreapreciação cíclica e crônica da taxa de câmbio, que tem como uma das suas causas a doença holandesa. Quase todos os países sofrem de doença holandesa⁸, mas

⁸ **Doença holandesa:** conceito econômico que tenta explicar a aparente relação entre a exploração de recursos naturais e o declínio do setor manufatureiro. A teoria prega que um aumento de receita decorrente da exportação de recursos naturais irá desindustrializar uma nação devido à valorização cambial, que torna o setor manufatureiro menos competitivo aos produtos externos. É, porém, muito difícil dizer com exatidão que a doença holandesa é a causa do declínio do setor manufatureiro porque existem muitos outros fatores econômicos a se levar em consideração. (Nota da IHU On-Line)

os países do leste asiático, por exemplo, não, logo não precisam neutralizar a doença holandesa e isso facilita muito a vida deles. Em 1989 fui convidado para participar de um grande seminário em Tóquio, incrivelmente bem organizado, sobre uma comparação entre a América Latina e o Leste Asiático, entre países ricos em recursos naturais e países pobres em recursos naturais. Desde aquela época eles continuaram avançando fortemente, enquanto nós paramos no começo da década. Já sabíamos que eles estavam ganhando a corrida em grande estilo, mas não sabíamos o porquê.

Então, descobrimos que a doença holandesa provoca uma primeira apreciação, mas ela provoca uma apreciação do equilíbrio industrial para o equilíbrio corrente, que são dois conceitos novos. O que é equilíbrio corrente? É o que deveria ser, em princípio, o equilíbrio da taxa de câmbio, porque é ela que equilibra intertemporalmente a conta corrente de um país. O que é equilíbrio industrial? É a taxa de câmbio que é necessária para que as empresas que utilizam tecnologia no estado da arte mundial sejam competitivas. Quando se tem a doença holandesa, essa segunda taxa é mais alta ou depreciada do que a primeira. A diferença entre essas duas taxas no Brasil pode ser entendida do seguinte modo: digamos que a taxa de equilíbrio industrial seja R\$ 3,80 por dólar e a taxa de câmbio de equilíbrio corrente seja R\$ 3,00, assim R\$ 0,80 é a doença holandesa. É possível medi-la em reais. Mas a doença holandesa apenas traz a taxa de câmbio até o equilíbrio corrente, porque quem determina a taxa de câmbio em um país que é exportador de commodities, como o Brasil se tornou, é o preço internacional das commodities.

Por que a taxa de câmbio teve um nível de depreciação brutal em 2014? Um pouco por causa da crise, mas principalmente porque foi em 2014 que o preço das commodities caiu violentamente, em específico o minério de ferro e a soja. Quan-

do cai o preço das commodities, a taxa de câmbio tem que subir e tem que depreciar para que os exportadores de minério de ferro e soja continuem a produzir, do contrário, toda a economia para, e isso é impossível.

Três políticas econômicas causam déficit em conta corrente

É preciso agora saber quais são os fatos que levam ao déficit em conta corrente: deve acontecer algo sempre, que leva a taxa de câmbio a entrar na área do déficit em conta corrente e, por isso, o país começa a acumular dívida, pois sempre que se está com déficit em conta corrente se começa a acumular dívida externa. Nesse ponto digo que são três políticas habituais que têm levado ao déficit em conta corrente. Os *policy makers*, em países em desenvolvimento como o Brasil, adotam normalmente três políticas, em geral consideradas boas políticas, ou pelo menos perfeitamente aceitáveis pelo FMI, as quais são um desastre, porque causam a apreciação cambial.

A primeira delas é a política de crescer com poupança externa, isto é, crescer com déficit em conta corrente, pois poupança externa é sinônimo de déficit em conta corrente. No governo FHC, o Brasil cresceu com poupança externa: não tinha déficit nenhum quando ele chegou ao governo e, cinco anos depois, tinha quase 5% de déficit, com uma bruta crise e nenhum crescimento. A segunda política é o uso da âncora cambial para combater a inflação - isso Lula e seu Meirelles⁹ fizeram "adoidado"

9 Henrique de Campos Meirelles (1945): engenheiro civil e administrador brasileiro. Fez carreira como executivo do setor financeiro no *Bank of Boston*, tornando-se CEO do *BankBoston Corporation*. Foi presidente do Banco Central do Brasil entre janeiro de 2003 e dezembro de 2010, durante a gestão de Luiz Inácio Lula da Silva, constituindo-se na pessoa que por mais tempo ocupou o cargo na instituição. Em 2002, havia candidatado-se pelo PSDB ao cargo de deputado federal por Goiás, tendo sido eleito. No entanto, optou por aceitar a presidência do Banco Cen-

tral, não assumindo a cadeira de deputado. Desfilou-se do PSDB (que fazia oposição ao governo Lula) e filiou-se posteriormente ao PMDB. Mais tarde, ingressou no PSD. Em maio de 2006, quando Michel Temer assumiu a presidência do Brasil, depois do afastamento de Dilma Rousseff, Meirelles volta à espalçada agora como Ministro da Fazenda. (Nota da **IHU On-Line**)

-, fizeram um desastre na economia brasileira, receberam a taxa de câmbio a R\$ 6 por dólar (a preço de hoje) e entregaram a R\$ 2,20, quando precisava ser R\$ 3,80. Com isso, Dilma¹⁰ recebeu uma "missão impossível". A terceira política é a adoção de uma taxa de juros muito alta para combater a inflação - na verdade essa política é usada para atender o poder político dos rentistas, inclusive de uma grande classe média rentista.

Também, sobre isso, estava lendo nos jornais que os alemães estão muito bravos com [Mario] Draghi [presidente do Banco Central Europeu]¹¹ porque ele está colocando taxa de juros negativa e os rentistas alemães estão bravíssimos, porque contam com uma taxa de juros positiva para suas poupanças.

IHU On-Line - Apesar desses problemas na economia, o senhor considera que houve um enfrentamento e redução das desigualdades até 2014. Outros especialistas acreditam que só houve redução da pobreza. Que fatores evidenciam seu ponto de vista?

10 Dilma Rousseff (1947): é uma economista e política brasileira, filiada ao Partido dos Trabalhadores-PT, presidente do Brasil de 2011 (primeiro mandato) até 2016 (segundo ano de seu segundo mandato). Dilma deixou a presidência, em 11 de maio de 2016, com a aceitação pelo Senado da abertura do processo de investigação a que foi submetida. Durante o governo do ex-presidente Luiz Inácio Lula da Silva, assumiu a chefia do Ministério de Minas e Energia e posteriormente da Casa Civil. (Nota da **IHU On-Line**)

11 Mario Draghi OMRI (1947): é um banqueiro e economista italiano que foi governador do Banco da Itália de 2006 a 2011, sendo o atual presidente do Banco Central Europeu. Na função, é membro dos Conselhos Diretivos e Geral do Banco Central Europeu em Frankfurt, membro do Conselho de Administração do Banco de Compensações Internacionais em Basileia e representa a Itália nos Conselhos do Banco Internacional para Reconstrução e Desenvolvimento e do Banco Asiático de Desenvolvimento. (Nota da **IHU On-Line**)

Bresser-Pereira - Essas pessoas falam apenas em redução da pobreza porque o Bolsa Família é um programa muito focado na pobreza, e realmente não é um programa de distribuição de renda propriamente dito, mas é um programa de redução da pobreza. Entretanto, houve uma medida que foi o aumento em termos reais em mais de 50% do salário-mínimo, e esse, sim, teve um efeito distributivo, porque repercutiu nos demais salários.

Tem havido no Brasil, também, um aumento constante do gasto social em saúde e educação, e isso também é distribuição de renda, aliás, esse tipo de distribuição de renda não aparece nos índices, mas é real. De forma que o Coeficiente de Gini¹², que capta realmente a distribuição e não a redução de pobreza, claramente caiu, principalmente por causa do salário-mínimo. Adicionalmente a esse fato, o Brasil vem construindo um estado de bem-estar social desde a transição democrática, e isso se acelerou no governo do PT.

IHU On-Line - Qual é a expectativa para a continuidade da redução da desigualdade neste momento de crise econômica?

Bresser-Pereira - Vejo de forma muito pessimista. No meu livro *A Construção Política do Brasil*¹³ divido a história do Brasil independente em três grandes ciclos, cujos nomes são bens significati-

12 Coeficiente de Gini: é uma medida de desigualdade desenvolvida pelo estatístico italiano Corrado Gini, e publicada no documento "Variabilità e mutabilità" ("Variabilidade e mutabilidade" em italiano), em 1912. É comumente utilizada para calcular a desigualdade de distribuição de renda mas pode ser usada para qualquer distribuição. Ele consiste em um número entre 0 e 1, onde 0 corresponde à completa igualdade de renda (português brasileiro) ou rendimento (português europeu) (onde todos têm a mesma renda) e 1 corresponde à completa desigualdade (onde uma pessoa tem toda a renda (português brasileiro) ou rendimento (português europeu), e as demais nada têm). O índice de Gini é o coeficiente expresso em pontos percentuais (é igual ao coeficiente multiplicado por 100). (Nota da **IHU On-Line**)

13 A Construção Política do Brasil. Sociedade, Economia e Estado desde a Independência (São Paulo: Editora 34, 2014)

vos. O primeiro ciclo, que chamo de Estado e Integração territorial, corresponde ao Império, porque foi isso que fizemos: construímos o Estado e garantimos a integração do território brasileiro. Depois veio a República Velha, que é uma transição. Posteriormente, entre 1930 e 1980, houve o ciclo Nação e Desenvolvimento; em outra forma de dizer, é o momento da revolução capitalista brasileira, de grande desenvolvimento econômico. Depois, a partir de 1980 até 2014, ocorreu um terceiro ciclo, que chamo de Democracia e Justiça Social, porque toda a ênfase não apenas do PT, mas de toda a sociedade brasileira, estava em recuperar a democracia - o que foi conseguido - e em reduzir as desigualdades. Isso porque havíamos criticado muito fortemente o Regime Militar, que foi muito autoritário, e, no grande acordo nacional - do qual resultou a transição democrática -, além da democracia, havia essa ideia da necessidade de distribuição e redução das desigualdades.

Infelizmente esse ciclo foi perdendo força - é normal -, sobretudo porque fracassou em termos de desenvolvimento econômico, isto é, no plano econômico. Nos 34 anos desse pacto, de 1980 a 2014, a renda per capita cresceu apenas 0,9% ao ano, enquanto no período anterior da revolução capitalista ou do Ciclo Nação e Desenvolvimento, crescia 4,1%; é uma diferença muito grande.

O fato de o crescimento ter sido muito pouco deixou alguns setores excluídos, especialmente a classe média tradicional, e isso foi provocando uma irritação, que desembocou em 2013, e certamente em 2014. Além de uma guinada à direita - isso acontece -, nunca tinha visto no Brasil uma guinada para o ódio; é algo péssimo, coisa de fascismo, e não foi do PT, foi da direita.

IHU On-Line - Quem representa a direita hoje no país?

Bresser-Pereira - Quem defende a redução das despesas sociais. O PSDB é centro-direita, o Democra-

tas é centro-direita mais à direita. Esses grupos que estou falando, os mais radicais, estão além da direita do PSDB e do partido Democratas. Ter direita e esquerda é muito saudável, faz parte da lógica do capitalismo e da democracia, porque a democracia é uma disputa entre adversários. No entanto, quando a coisa deixa de ser uma luta entre adversários e passa a ser uma luta entre inimigos, surge o ódio e isso é muito ruim, não é democrático e é preocupante. Acredito que esse impeachment decorreu um pouco disso e da inabilidade da Presidente, que não mostrou ser capaz de manter a confiança do povo.

IHU On-Line - Foi apenas uma inabilidade política ou econômica também?

Bresser-Pereira - Os erros econômicos aconteceram, mas não são suficientes para o impeachment. O grande erro dela aconteceu no último ano do governo, quando fez as grandes desonerações. Antes disso, a Presidente se mostrou corajosa e determinada a defender os interesses dos mais pobres. Quando ela viu que as políticas que vinha adotando não logravam a retomada do desenvolvimento econômico, resolveu caminhar para uma ideia de política industrial. Eu sou a favor de política industrial, mas nunca como um substituto dos preços macroeconômicos e de uma taxa de câmbio colocada no lugar certo, competitiva. Assim, desde meados de 2013, ela passou a fazer desonerações enormes, o que beneficiou muito os industriais, mas evidentemente não fez com que eles voltassem a investir como se pretendia, de modo que a crise se agravou.

IHU On-Line - Por que temos uma grande recessão atualmente no Brasil?

Bresser-Pereira - Nós temos uma grande recessão principalmente porque estávamos com a economia já debilitada, desde o começo do governo Dilma, pelo fato de que a taxa de câmbio havia, novamente, se apreciado de maneira brutal. Quando isso acontece, as empre-

sas industriais perdem condições de investir, então começam a fechar e há um enorme processo de desindustrialização, como o que aconteceu. Em cima disso, veio a crise econômica internacional, que afinal repercutiu de forma violenta no Brasil em 2014, porque foi só nesse ano que o preço das commodities, especificamente do minério de ferro e da soja - que são nossas principais exportações -, caiu verticalmente.

Além disso, houve o problema do escândalo do petróleo, da operação Lava Jato, que não tem a ver com a Presidente exatamente, mas que paralisou a economia, visto que paralisou todo o setor de petróleo e as empreiteiras brasileiras. Outro fator é que o crescimento que ocorreu no governo Lula foi baseado fortemente no crédito. Houve aumento de salários, mas também houve aumento de créditos, e esse aumento de créditos chegou ao limite: as pessoas já não tinham mais condições de continuar se endividando e isso também foi uma causa da recessão. E, finalmente, o Banco Central, a partir de maio de 2013, voltou a aumentar fortemente a taxa de juros no momento em que a economia já estava começando a se desaquecer. O maior erro da presidente foi esse, que aconteceu quando a crise já estava desencadeada. Portanto, é tolice atribuir a crise ao PT. Poderíamos até pensar que eles deveriam ter feito uma desvalorização na época, mas isso não foi feito, e Fernando Henrique também não o fez.

IHU On-Line - A redução das desigualdades depende exclusivamente de uma política macroeconômica, como a que o senhor apresenta ao mencionar a importância de regular o câmbio e os cinco preços macroeconômicos?

Bresser-Pereira - De jeito nenhum. A minha tese é de que a política macroeconômica não foi criada por Keynes para distribuir renda; esse é um grande equívoco que a esquerda comete. O objetivo da política macroeconômica é garantir o pleno emprego e, por-

tanto, garantir oportunidades de investimento para as boas empresas, logo, o crescimento econômico. Mas as ideias de Keynes atraem muita gente apenas pelo fato de as pessoas serem de esquerda e entenderem que ser de esquerda quer dizer aumentar os salários ou os rendimentos das pessoas no curto prazo.

Keynes teve uma ideia fascinante de que quando se está em uma grande crise, ao invés de diminuir a despesa do Estado - como se fazia antes - deve-se aumentá-la, e dessa forma a política econômica parece uma coisa sem custo. Ou seja, expandindo a economia se empregam mais pessoas, o consumo e o investimento crescem, e vivemos todos no mundo da não escassez.

IHU On-Line - Se as políticas keynesiana e neokeynesiana não são capazes de reduzir a desigualdade, então, como reduzi-la?

Bresser-Pereira - Não se reduz quase nada a desigualdade porque os salários aumentam, mas aumentam também os juros, os aluguéis e os dividendos dos rentistas, portanto a diferença é pequena; porém, melhora a situação de todos. Então, essa política realmente é muito boa, mas quando há uma crise muito clara. O que vejo é uma briga permanente entre a esquerda e a direita, em que a esquerda resolve todos os problemas expandindo as despesas públicas, haja crise ou não haja crise, e os ortodoxos também resolvem todos os problemas, sem exceção, fazendo ajuste fiscal. Essa é uma disputa absolutamente ridícula. Há outro motivo, creio, para a esquerda defender déficits públicos: ela é a favor do aumento da carga tributária, e isso é um jeito de aumentá-la sem se fazer uma boa discussão a respeito.

Sou a favor de uma carga tributária alta, e a carga tributária brasileira, no tamanho em que está, é alta e é boa. Isso porque, no meu entendimento, a distribuição de renda, além do salário-mínimo, se faz por meio do aumento do gasto social do Estado, do aumento em educação, saúde, previdência e as-

sistência. Esses são gastos que têm um efeito realmente distribuidor, são universais, atendem a todas as pessoas. Mas o aumento da carga tributária necessário para realizar esses serviços tem que ser discutido na sociedade, e não conseguido através do déficit público.

Há uma forma de distribuir renda absolutamente fundamental, e que esquerda e direita, nos últimos 30 ou 40 anos, esqueceram: por meio dos impostos progressivos. No Brasil não se discute isso há séculos. Os impostos progressivos surgiram com força no governo Roosevelt, que foi o grande estadista que o mundo teve no século XX. E no pós-guerra esses impostos ainda aumentaram mais um pouco, no período chamado de "anos dourados" do capitalismo, que foi um período de um segundo desenvolvimentismo e também um período social-democrático e de distribuição de renda. Então, os impostos progressivos tiveram um efeito muito importante nessa área.

Porém, assim que chegou o neoliberalismo, a partir de 1980, os ricos e os rentistas fizeram uma campanha violenta para reduzir os impostos. Eles queriam uma *flex tax* - um imposto achatado -, ou seja, 10% de imposto para todo mundo e mais nada. Não conseguiram isso, mas conseguiram reduzir fortemente em todo o mundo, inclusive no Brasil, a progressividade dos impostos. A esquerda não protestou, e esse assunto também saiu da agenda dela. Aqui no Brasil se fala há muitos anos em uma reforma tributária, mas essa reforma é simplesmente fazer uma reforma do Imposto de Circulação de Mercadorias - ICMS.

IHU On-Line - Também se fala em tributar grandes fortunas e heranças. Como vê essa proposta?

Bresser-Pereira - Fala-se pouco nisso. Não acredito que a tributação de grandes fortunas tenha muito efeito distributivo. Para mim, o que tem efeito distributivo realmente é o imposto progressivo sobre a renda e o imposto sobre he-

ranças, que deveria ser muito mais alto no Brasil, pois é muito baixo.

Fiquei muito impressionado quanto à importância do efeito distributivo do imposto progressivo quando vi, recentemente, uma comparação entre os Estados Unidos e a Suécia - os Estados Unidos, entre os países ricos, é o que tem a pior distribuição de renda e os países escandinavos são os que têm a melhor distribuição. Nesse estudo havia uma comparação entre o Gini da Suécia e o dos Estados Unidos antes e depois do imposto. Antes do imposto, a diferença entre os dois países era muito pequena; a Suécia tinha um Gini um pouco melhor e era um pouquinho mais igualitária; agora, depois do imposto, a diferença foi brutal. É nesse ponto, no gasto social, que está a distribuição social-democrática que precisamos fazer.

IHU On-Line - O que vislumbra para o futuro da economia brasileira?

Bresser-Pereira - O Brasil está em um retrocesso relativo no plano econômico desde 1980, ou seja, está ficando para trás.

IHU On-Line - Sua teoria do novo desenvolvimentismo está sendo aceita no meio político e econômico?

Bresser-Pereira - Muitos a aceitam, os jovens estão muito interessados. Sou convidado a fazer conferências em tudo quanto é parte. A minha esperança é que isso acabe se tornando uma escola de pensamento. Já publiquei dois livros sobre o novo desenvolvimentismo: *Macroeconomia da Estagnação* (São Paulo: Editora 34, 2007) e *Globalização e Competição* (Rio de Janeiro: Elsevier-Campus, 2009). E em inglês saiu outro chamado *Macroeconomia Desenvolvimentista: Teoria e política econômica do novo desenvolvimentismo*, feito com José Luis Oreiro e Nelson Marconi, o qual será publicado também em português dentro de dois meses. A edição brasileira será melhor, pois pude atualizar as teorias.

ENTREVISTA

A Construção Política do Brasil. Uma síntese

Por Leslie Chaves

O economista Luiz Carlos Bresser-Pereira produziu uma vasta bibliografia ao longo de sua carreira, que continua em plena atividade com a elaboração de análises aprofundadas sobre o contexto político e econômico do país e a proposição de novas teorias para interpretação e busca de soluções para as adversidades da realidade brasileira.

O Instituto Humanitas Unisinos promoveu duas oportunidades de reflexão sobre o pensamento do estudioso a partir da discussão de sua obra *A Construção Política do Brasil. Sociedade, Economia e Estado desde a Independência* (São Paulo: Editora 34, 2014).

Gilberto Antonio Faggion, professor dos Cursos de Economia e Administração da Unisinos, apresentou uma síntese do livro no

Ciclo de Estudos. Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras¹.

A seguir Gilberto Antonio Faggion, em entrevista concedida pessoalmente à **IHU On-Line**, aponta os aspectos mais relevantes acerca do contexto histórico, social e econômico do Brasil, segundo a obra de Bresser-Pereira.

Gilberto Antonio Faggion é graduado em Comércio Exterior e Administração de Empresas pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos - Unisinos e mestre em Administração pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atualmente, é professor da Unisinos e integrante da equipe do Instituto Humanitas Unisinos - IHU.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - De que modo se organiza a obra? Qual é o argumento central que sustenta o estudo?

Gilberto Antonio Faggion - A obra se organiza em 23 capítulos e ainda mais um capítulo de conclusão. É um livro bastante extenso se considerarmos que em cada um desses capítulos é tratado um período diferente, um espaço, com variadas características políticas, históricas, geográficas, sociológicas, antropológicas, econômicas e sociais. Desse modo, são abordados muitos elementos dentro de cada uma dessas partes, sempre com o apoio de dados acompanhados de análises que deixam a obra extremamente rica, pois há uma interpretação dos números.

Um dos aspectos que chamam atenção é que ao longo do livro duas questões são utilizadas como fios condutores de organi-

zação do estudo. A primeira é: Por que o Brasil realizou de forma tão tardia a sua revolução industrial? Nessa pergunta está um dos itens centrais da obra. Bresser-Pereira diz que todos os países que hoje podemos considerar desenvolvidos passaram por uma revolução capitalista, normalmente burguesa e nacional, quando, a partir da formação de um Estado-nação, entraram na revolução industrial. No Brasil a revolução industrial só vai ocorrer em 1930, praticamente 200 anos depois de já haver ocorrido em países como Inglaterra, França, Holanda e Bélgica.

A segunda questão que perpassa a obra, se aproximando mais da atualidade é: Por que o Brasil nos últimos 35 anos tem apresentado índices de crescimento que deixam a desejar, ou seja, um baixo crescimento? Desde o Plano Real, de 1994, o país tem um crescimento muito aquém do esperado.

A partir dessas duas questões é desenvolvido o argumento central da obra que é: Ao se formar os Estados-nações, originados da transição do sistema econômico mercantilista para o sistema capitalista, as classes sociais começam a se reconhecer e ver a necessidade de formar pactos e são esses acordos que vão marcando os principais momentos históricos e econômicos de cada país.

É interessante que ao longo do livro, além de uma série de dados de instituições e organismos com credibilidade, o autor se fundamenta em intérpretes do Brasil. Ele se utiliza das elaborações de pensadores clássicos como Marx, Weber e Keynes, mas especificamente quando fala do Brasil ele se apoia em obras de estudiosos brasileiros como Caio Prado Júnior, Celso Furtado, Florestan Fernandes, Ignácio Rangel, Gilberto Freyre, Raimundo Faoro e Sérgio Buarque de Holanda, que são intérpretes do Brasil. Desse modo, o livro também é riquíssimo cultural-

¹ Saiba mais sobre o ciclo em <http://bit.ly/1VYoatE>. (Nota da **IHU On-Line**)

mente, na medida em que dialoga com esses autores para entender os diferentes momentos do país.

Os ciclos e pactos políticos

Um aspecto importante que chama atenção e que ao mesmo tempo faz parte da organização do livro em si, é que o autor elabora um quadro que nos ajuda a entender os 23 capítulos. Ele diz que em todos os momentos é necessário haver pactos políticos e sociais entre a nação, ou povo, e seus governantes. Sem esses acordos os projetos não acontecem. Bresser-Pereira vai deixar muito claro que o Brasil teve três grandes ciclos e dentro dos quais estão os pactos.

O primeiro ciclo é o “Estado e Integração Territorial”, que começa na Independência e se estende até 1930. É o período onde se forma a ideia de Estado, de extensão territorial, no qual o “Pacto é Oligárquico”. Ou seja, as oligarquias fazem um pacto com o governo para a manutenção dos latifúndios, da concentração de terras e de poder, do sistema escravocrata e de uma cultura patrimonialista, entre outros elementos.

O segundo ciclo é o “Nação e Desenvolvimento”, que Bresser-Pereira define como o mais importante, pois é quando ocorre a revolução capitalista brasileira. Nessa revolução há dois pactos:

- “Pacto Nacional-Popular de 1930”: firmado entre Getúlio Vargas e o povo, que entram em acordo sobre a necessidade de o Brasil se industrializar, e um dos caminhos encontrados foi a substituição de importações. Esse pacto dura cerca de 15 ou 20 anos, representando uma verdadeira revolução industrial brasileira.
- “Pacto Autoritário-Modernizante de 1964”: mantém a ideia do desenvolvimentismo do pacto anterior, mas não incluí o povo, pois vai se dar mais com a elite.

O terceiro ciclo é o “Democracia e Justiça Social”, que para o autor começa justamente a partir do movimento de 1977, com o fim do regime militar. A burguesia, a classe industrial e o povo começam a ver a

necessidade de democracia e maior participação nas decisões políticas. Nesse período se dão três pactos:

- O primeiro é o “Pacto Democrático-Popular de 1977 e das Diretas Já”.
- O segundo o “Pacto Liberal-Dependente”, que acontece a partir de 1991 quando o Brasil se abre para o exterior e com isso muitas indústrias nacionais acabam indo à falência porque não tinham o mesmo nível de competitividade internacional. Se passa a operar na lógica do neoliberalismo.
- O terceiro é o “Pacto Nacional-Popular de 2006 a 2014”. Vejam que esse acordo não abrange o primeiro governo Lula, o qual governou ainda dentro do “Pacto Liberal-Dependente”. É no segundo mandato de Lula e agora no início do governo da presidente Dilma Rousseff que começa o “Pacto Nacional-Popular”. Entretanto, para Bresser-Pereira esse pacto ainda não se consolidou, uma vez que é necessário que o povo e os dirigentes consigam chegar a um acordo para colocar os planos em prática, o que ainda não houve no país.

IHU On-Line - Como a obra pode auxiliar a interpretação do cenário político e econômico de hoje no país?

Gilberto Antonio Faggion - Essa obra nos ajuda a entender as estratégias político-econômicas que têm sido adotadas pelos governos ao longo da trajetória do Brasil. Isso o autor vai nos mostrando a partir de dados e análises consistentes no livro. Perceber as estratégias de crescimento escolhidas em cada período auxilia no entendimento das ações de hoje.

Acompanhando passo a passo a história do Brasil a partir das análises do autor é possível ver que o país atravessou diversas crises, muitas delas até mais graves do que os problemas que estamos passando agora. Alguns desses momentos de instabilidade econômica foram nacionais, outros tiveram influência de elementos externos. Assim, é possível perceber que as crises são cíclicas, o país passa por esses momentos, enfrenta os problemas e

acaba encontrando novas soluções. O interessante, quando se observa o que vem ocorrendo em um período extenso como o da Independência até os dias atuais, é perceber que as situações não são estáveis e nem sempre ocorrem do modo como foram planejadas, pois o mundo é dinâmico e há muitas variáveis interferindo nesses processos.

IHU On-Line - Qual ponto do trabalho você destacaria entre os mais interessantes?

Gilberto Antonio Faggion - Um aspecto importante a se destacar é que o Bresser-Pereira, como estudioso que é, propõe uma teoria. Por oferecer uma consistente proposta teórica o autor é um dos intérpretes do Brasil. A proposta dele é o Novo Desenvolvimentismo, que se afasta tanto do Desenvolvimentismo clássico da época de Vargas, com uma intervenção mais forte do Estado impulsionando o crescimento do país; quanto do Liberalismo Econômico, onde o mercado é a grande força reguladora.

Bresser-Pereira propõe novas ideias. Dentro dessas suas originais elaborações, o estudioso enumera cinco questões macroeconômicas que devem ser administradas para promover o desenvolvimento no Brasil:

- Taxa de lucro: deve ser interessante para o empresário investir;
- Taxa de Juros: deve ser baixa, não para financiar apenas os rentistas, mas para financiamento da própria economia com investimentos e aumento de produção;
- Taxa de Câmbio: deve ser competitiva para gerar inovação em nível mundial;
- Taxa de Salário: que não pode ser altíssima a ponto de matar a taxa de lucro, mas deve ser justa suficientemente para a pessoa se sentir adequadamente remunerada;
- Taxa de Inflação: não deve fugir ao controle para não gerar instabilidades.

Esses seriam os cinco pontos macroeconômicos fundamentais que devem ser gerenciados para que se coloque em prática o plano do Novo Desenvolvimentismo. ■

Leia mais sobre o tema

O momento político nacional à luz da obra de Luiz Carlos Bresser-Pereira

Livro *A Construção Política do Brasil* foi sistematizado por Gilberto Antonio Faggion no primeiro encontro do I Ciclo de Estudos Modos de existência e a contemporaneidade em debate

Por Leslie Chaves



Na quinta-feira, 05-05-2016, na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, a apresentação e o debate sobre o livro abriram as sessões do I Ciclo de Estudos Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras. Saiba mais sobre o ciclo, que segue com sessões até 10 de novembro, em <http://bit.ly/1VYotE>.

Para o professor Faggion, sintetizar a obra de Bresser-Pereira foi um “desafio, pois se trata de um trabalho complexo e detalhado que examina múltiplos aspectos da questão política brasileira”. Conforme sintetizou o professor, o livro traz uma “análise integrada da evolução da sociedade, da economia e da política brasileiras desde a Independência até a atualidade. Para Bresser-Pereira, a história reflete a ocorrência de coalizões de interesses entre classes sociais, que possibilitaram a formação de Estados-nação, o começo do capitalismo e da Revolução Industrial. Parte do pressuposto de que a revolução capitalista é o momento crucial de cada povo”, explica.

A reportagem completa foi publicada nas Notícias do Dia de 09-05-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU. Confira em <http://bit.ly/10vAq2f>

Uma cura possível para a “síndrome de vira-latas”

Bresser Pereira acredita que esse “complexo” é reeditado pelo neoliberalismo. Assim, o neodesenvolvimentismo se apresenta como uma possibilidade de “cura” para a falta de projeto de nação

Por João Vitor Santos



Na noite de segunda-feira (09-05), enquanto o cenário político feria em Brasília pela decisão do presidente interino da Câmara Waldir Maranhão (PP-MA) de barrar o processo de impeachment, o debate promovido pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU, dentro do ciclo **Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil e do I Ciclo de Estudos Modos de existência e a contemporaneidade em debate**. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras, propunha olhar mais além. A partir de sua obra “A Construção Política do Brasil. Sociedade, Economia e

Estado desde a Independência” (São Paulo: Editora 34, 2014), Luiz Carlos Bresser-Pereira iniciou sua reflexão apresentando o conceito de neodesenvolvimentismo. “O novo desenvolvimentismo surge já na Revolução Industrial, mas é depois da 2ª Guerra que a discussão emerge. Ele surge do desenvolvimentismo clássico, o também chamado estruturalismo latino-americano”, recupera o professor da Fundação Getúlio Vargas.

Depois da fala de Bresser-Pereira e da plateia, o coordenador da Faculdade de Jornalismo da Unisinos, Edelberto Behs, provoca: “e a síndrome de vira-latas do brasileiro? Onde fica em sua fala?”. Bresser sorri com o canto da lábio e dispara: “bela pergunta”. O que o economista percebe é que está aí uma chave de leitura para sua teoria. “Essa expressão ‘complexo de vira-latas’ foi cunhada por Nelson Rodrigues. É muito boa, mas eu a conheci aos 20 anos de idade com o nome de ‘complexo de inferioridade colonial’”, brinca.

A reportagem completa foi publicada nas Notícias do Dia de 11-05-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1ZWVGyC>

ENTREVISTA

Má gestão e os rumos da crise econômica brasileira

Para André de Azevedo, a combinação entre estagnação com inflação alta é um dos problemas mais sérios do país

Por Leslie Chaves

A inflação é uma sombra sempre pairando sobre as cabeças e os bolsos dos brasileiros. A preocupação é resultante de um histórico de índices astronômicos e de uma série de tentativas de resolução desse problema. Nesse momento de instabilidades políticas e depressão econômica, o receio de que o contexto econômico se agrave a patamares caóticos como o dos anos 1990 também vem à tona. Conforme recorda o economista e professor André Filipe Zago de Azevedo, “em 1993, ano anterior ao lançamento do Plano Real, a inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA, chegou a 2.477%, a maior taxa anual captada pelo índice. Isso equivale a uma taxa mensal de 91,8% ao mês, ou 2,2% ao dia! Vale lembrar que, em 1998, o IPCA acumulou uma inflação anual de apenas 1,66%, ou seja, antes da estabilização, a inflação diária equivalia à de um ano pós-estabilização”, ressalta, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Ao avaliar a situação atual, o professor afirma que os índices de inflação estão longe de repetir os números descontrolados do passado, no entanto “o maior problema que estamos enfrentando agora é a estagnação, com o Produto Interno Bruto - PIB caindo e a inflação em patamares relativamente elevados para o passado recente”. E alerta: “O desempenho em 2016 deverá

levar o Brasil à recessão mais profunda e duradoura de sua história. E isso não ocorrerá por acaso ou por culpa de uma suposta crise externa, mas será fruto da má gestão da política econômica nos últimos anos”.

O processo de estabilização da economia do país e os reflexos dessa trajetória nos dias de hoje serão debatidos pelo professor André Filipe Zago de Azevedo no dia 31-05-2016, quando ele irá proferir a conferência “Plano Larida: da hiperinflação à estabilização”. A atividade, que acontece das 19h30min às 22h na Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU, integra o ciclo de debates *Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil*, o qual estende sua programação até o dia 06-06-2016. Saiba mais sobre o evento em <http://bit.ly/1WBt5Rj>.

André Filipe Zago de Azevedo é graduado e mestre em Economia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS e doutor em Economia pela University of Sussex, Inglaterra. Atualmente é professor do Programa de Pós-Graduação em Economia e do Mestrado Profissional em Gestão e Negócios, ambos na Unisinos. Também é consultor econômico da Federação das Associações Comerciais do Rio Grande do Sul - Federasul.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais foram as principais bases de sustentação do Plano Larida e suas propostas centrais para a economia brasileira? Qual sua avaliação sobre esse conjunto de medidas?

André Filipe Zago de Azevedo - Havia no Brasil, no início dos anos 1980, a percepção de que a inflação era predominantemente inercial. Ou seja, havia um processo automático de realimentação dos pre-

ços, com a inflação presente sendo igual à inflação passada, provocado principalmente pelos mecanismos de indexação. Choques de oferta e demanda apenas alteravam o patamar inflacionário, que se mantinha



A banda informal de flutuação do real em relação ao dólar ajudou a manter a inflação sob controle nos primeiros anos do processo de estabilização

mais elevado devido à inércia. Na época, surgiram duas propostas para combater este tipo de inflação: a moeda indexada, de André Lara Resende¹ e Pérsio Arida², também conhecido como Plano Larida, e o choque heterodoxo, baseado no congelamento de preços, de Francisco Lopes³ (todos eram professores da PUC-RJ).

Em síntese, o Plano Larida tinha como base de sustentação a criação de uma moeda indexada, com o objetivo de eliminar a inércia inflacionária. Essa nova moeda seria um referencial de preços, servindo apenas como uma unidade de conta em relação à qual os preços da economia seriam fixados. O nome escolhido à época era “novo cruzeiro”, cujo valor seria determina-

do pelas Obrigações Reajustáveis do Tesouro Nacional - ORTN, que eram utilizadas como indicador oficial da correção monetária. Como a correção monetária e a cambial eram idênticas naquele período, o uso do novo cruzeiro ou da ORTN como nova moeda estabelecia uma paridade fixa entre o dólar norte-americano e a nova moeda. A âncora cambial seria utilizada como forma de dar maior credibilidade à nova moeda. A adesão à nova moeda seria voluntária, prevendo-se a existência de duas moedas por certo período de tempo. Por fim, quando o uso da nova moeda fosse generalizado, o governo extinguiria o cruzeiro e a economia teria apenas a nova moeda em circulação, livre da inflação.

O sucesso do Plano Real reflete a solução inteligente e de baixo custo formulada pelos economistas André Lara Resende e Pérsio Arida, formuladores do Plano Larida. As tentativas anteriores, baseadas no congelamento de preços, se mostraram incapazes de reduzir a inflação brasileira. O congelamento de preços gera distorções nos preços relativos, pois na data do congelamento havia sempre preços que recém haviam sido reajustados e outros que estavam na véspera do reajuste. Como aponta Lara Resende (1985)⁴, a estrutura de preços relativos era distorcida pela assincronia dos reajustes, gerando ganhos ou perdas de renda real in-

sustentáveis e que acabavam por minar os planos econômicos lastreados no congelamento de preços. No Plano Real, ao contrário, os próprios agentes econômicos definiam voluntariamente seus preços na nova moeda indexada, evitando distorções nos preços relativos.

IHU On-Line - Que avaliação o senhor faz do contexto econômico brasileiro antes da implementação do Plano Larida? Quais foram as motivações preponderantes para a elaboração de medidas para a economia naquele momento?

André Filipe Zago de Azevedo - O contexto econômico brasileiro às vésperas da implementação do Plano Real era extremamente preocupante, com a inflação se mostrando resiliente às várias tentativas anteriores de estabilização monetária. Em 1993, ano anterior ao lançamento do Plano Real, a inflação, medida pelo Índice Nacional de Preços ao Consumidor Amplo - IPCA, chegou a 2.477%, a maior taxa anual captada pelo índice. Isso equivale a uma taxa mensal de 91,8% ao mês, ou 2,2% ao dia! Vale lembrar que, em 1998, o IPCA acumulou uma inflação anual de apenas 1,66%, ou seja, antes da estabilização a inflação diária equivalia à de um ano pós-estabilização. Portanto, a hiperinflação foi a principal motivação para a elaboração das medidas do Plano Larida.

IHU On-Line - O que representa o Plano Larida para a organização socioeconômica do Brasil? Quais foram suas contribuições na criação do Plano Real?

André Filipe Zago de Azevedo - O Plano Larida, sem dúvida, serviu de base ao Plano Real. A Unidade Real de Valor - URV desempenhou o papel da ORTN, servindo como um referencial de preços, evitando que houvesse uma distorção dos preços relativos da economia e permitindo que a introdução do Real fosse realizada

1 André Pinheiro de Lara Resende (1951): economista brasileiro, filho do escritor Otto Lara Resende. Formado em Economia pela PUC-Rio, obteve posteriormente o título de PhD em Economia pelo Massachusetts Institute of Technology. Trabalhou no Banco de Investimentos Garantia, no Unibanco e foi sócio fundador do Banco Matrix, junto com Luiz Carlos Mendonça de Barros. (Nota da **IHU On-Line**)

2 Pérsio Arida (1952): é um economista brasileiro, conhecido por transitar entre a academia, o governo, e o setor privado. Estudioso da inflação brasileira, foi um dos idealizadores do Plano Real e presidente do Banco Central do Brasil em 1995. (Nota da **IHU On-Line**)

RESENDE, A. L.; ARIDA, P. Inertial inflation and monetary reform. In: WILLIAMSON, JOHN (Org.). Inflation and Indexation: Argentina, Brazil and Israel. Cambridge: MIT Press, 1985. Originalmente apresentado em seminário em Washington, 1984. (Nota do entrevistado)

3 Francisco Lopes: Economista brasileiro que elaborou a proposta conhecida como “Choque Heterodoxo”, que incluía o congelamento de preços, para estabilização da economia. (Nota da **IHU On-Line**)

4 RESENDE, A. L. A moeda indexada: Uma proposta para eliminar a inflação inercial. Revista de Economia Política, v. 5, p. 130-134, 1985. (Nota do entrevistado)

sem pressões para recomposição de preços. Outra similaridade é o uso da âncora cambial, dando mais credibilidade à nova moeda. A banda informal de flutuação do real em relação ao dólar ajudou a manter a inflação sob controle nos primeiros anos do processo de estabilização.

Quanto às diferenças, pode-se destacar a maior preocupação com o equilíbrio fiscal e com a abertura da economia do Plano Real. Do lado fiscal, uma série de medidas para reduzir despesas e elevar receitas foi adotada, com destaque para a criação do Fundo Social de Emergência - FSE, que desvinculou parcialmente as receitas da União, do Programa de Ação Imediata - PAI, que propôs o corte emergencial de gastos, o equacionamento da inadimplência dos estados e municípios, o maior controle sobre os bancos estatais, o início do saneamento dos bancos federais e a reorientação do programa de privatização. No que se refere à abertura comercial, ela serviu como um elemento importante para conter as pressões inflacionárias em um ambiente de elevado crescimento econômico, resultante do plano de estabilização.

IHU On-Line - Por que a proposta do Plano Larida demorou cerca de dez anos para ser implementada no Brasil?

André Filipe Zago de Azevedo - Há muitas tentativas para explicar a demora na aplicação do Plano Larida para combater a inflação no Brasil, visto que ele havia sido formulado originalmente em meados dos anos 1980. Uma delas se refere à sua maior complexidade em comparação aos planos anteriores, que se baseavam principalmente no congelamento de preços, que são mais facilmente compreendidos pelos políticos e pela população. Além disso, o congelamento de preços tem um impacto imediato sobre a inflação, enquanto o Plano Larida demandaria uma fase de transi-

ção, que duraria alguns meses. Essa maior demora para os resultados surgirem parece ter sido um aspecto crucial para a escolha do governo Sarney, em fevereiro de 1986, do chamado choque heterodoxo - proposta de Francisco Lopes, que tinha no congelamento de preços a sua principal âncora -, ao invés do Plano Larida.

Mesmo após o fracasso inicial do Plano Cruzado, em 1986, a percepção majoritária entre os economistas era a de que um plano de estabilização deveria incluir um congelamento de preços. Assim, tivemos vários planos que in-

“
O Plano Larida, embora mais complexo que os anteriores, era o conjunto de medidas mais consistente que ainda não havia sido tentado

sistiram nessa mesma tecla, como o Plano Bresser (junho de 1987), o Plano Verão (janeiro de 1989) e os Planos Collor I (março de 1990) e Collor II (janeiro de 1991), e que somente conseguiram reduzir a inflação por alguns meses. Somente após o quase esgotamento das alternativas de tratamento da inflação crônica brasileira, as principais propostas do Plano Larida foram incorporadas ao Plano Real.

IHU On-Line - De que modo o senhor avalia a organização das forças políticas que possibilitaram a implementação do Plano Larida e posteriormente do Real no país?

André Filipe Zago de Azevedo - Naquele momento, após o impeachment do Presidente Collor, o país vivia sob o governo Itamar Franco. Ele era um governo de transição e contava com a união de várias forças pró-impeachment. Essa coalizão de forças políticas permitiu ao governo obter o apoio necessário para o lançamento do Plano. Além da união de diferentes partidos políticos, havia uma fadiga com o crônico processo inflacionário brasileiro. Naquele momento, há quase 15 anos o país vivia com taxas de inflação anual acima da casa de três dígitos, com exceção de 1986, quando foi lançado o Plano Cruzado. O Plano Larida, embora mais complexo que os anteriores, era o conjunto de medidas mais consistente que ainda não havia sido tentado. Assim, a combinação de forte apoio político e uma proposta engenhosa de combate à inflação conseguiu, finalmente, reduzir abrupta e permanentemente a inflação brasileira para patamares civilizados.

IHU On-Line - Mais de duas décadas depois da criação do Plano Larida e do Real, quais foram os principais acertos e custos sociais dessas medidas para o Brasil? Tendo em perspectiva essa trajetória, de que modo avalia o cenário econômico atual do país?

André Filipe Zago de Azevedo - O maior legado dos Planos Larida e Real foi a estabilização monetária que o país apresenta desde 1994. Apesar de períodos de inflação mais elevada, como este que estamos vivendo atualmente, os índices de preços mal chegam a dois dígitos ao ano, algo que ocorria semanalmente no final dos anos 1980 e início dos 1990. Com a inflação mais baixa, praticamente extinguiu-se o nefasto imposto inflacionário, que incide sobre os mais pobres, que não tem acesso ao sistema bancário para proteger a sua renda. Portanto, a queda abrupta da inflação acaba gerando

uma melhor distribuição de renda, pois beneficia principalmente os mais pobres.

No entanto, a nossa inflação poderia ser mais baixa do que aquela com a qual nos acostumamos nos últimos anos e convergir para o nível apresentado em outras economias emergentes. Uma razão, de ordem estrutural, impede uma redução mais acentuada da inflação brasileira. Apesar de termos nos livrado das taxas de dois dígitos ao mês, ainda mantemos um dos pilares do processo inflacionário crônico: a indexação de preços. Esse mecanismo atrela os preços do presente à inflação passada, limitando uma queda mais acentuada em períodos recessivos. No aluguel de imóveis e nas contas de luz, por exemplo, ainda prevalece essa prática, usual em tempos de hiperinflação, mas sem sentido em períodos de relativa estabilidade de preços. Isso explica por que, mesmo com a forte desaceleração da economia, os preços não declinaram na mesma intensidade.

Ao lado da indexação de preços importantes da economia, o ainda elevado protecionismo brasileiro é outro fator fundamental para manter a nossa inflação acima daquela observada em outros países. Após o processo de abertura comercial brasileiro, no início dos anos 1990, que tirou o país de uma situação de quase autarquia, pouco se fez para ampliar seu grau de integração com o mundo. Nos últimos anos, a tarifa média de importação brasileira, ponderada pelo volume de comércio, inclusive tem aumentado, sendo uma das mais altas do mundo. Esse elevado protecionismo acaba gerando ineficiência, pois há menos competição e, con-

sequentemente, preços mais altos para o consumidor.

Enquanto o país não se livrar de hábitos antigos e perniciosos, profundamente arraigados em nossa sociedade, como a indexação e o protecionismo, e o Banco Central

“

O desempenho em 2016 deverá levar o Brasil à recessão mais profunda e duradoura de sua história

não voltar a dedicar as suas baterias para defender efetivamente o bolso dos consumidores, a inflação brasileira continuará sendo uma das maiores do mundo. As tentativas do governo federal de combatê-la com medidas pontuais e pouco convencionais, como reduzindo impostos de produtos com grande peso nos índices de inflação, como os automóveis, ou permitindo a valorização da taxa de câmbio em determinados momentos, apenas reforçam a percepção de que mudanças mais profundas são necessárias.

O cenário econômico atual também tem a inflação como um de seus principais problemas, mas, felizmente, está muito distante do tormento da hiperinflação do passado. O maior problema que estamos enfrentando agora é a estagflação, com o Produto Interno Bruto - PIB caindo e a inflação em patamares relativamente ele-

vados para o passado recente. O desempenho em 2016 deverá levar o Brasil à recessão mais profunda e duradoura de sua história. E isso não ocorrerá por acaso ou por culpa de uma suposta crise externa, mas será fruto da má gestão da política econômica nos últimos anos.

A condução de nossa economia combina irresponsabilidade fiscal, com o governo federal gastando muito acima do que arrecada, ingerência indevida nas ações do Banco Central, retirando a sua autonomia para controlar a inflação, e insistência na retomada do crescimento via expansão da demanda, já exaurida pela própria crise. Envolto com o processo de *impeachment* e com os desdobramentos da operação Lava Jato, o governo não teve nem tempo para pensar em medidas para aumentar a produtividade de nossa economia, que poderia atenuar os efeitos da crise atual.

Espero que o novo governo enfrente de frente os principais problemas macroeconômicos do país. Além de melhorar a gestão macroeconômica, é necessário retomar urgentemente a agenda de reformas, especialmente a previdenciária e a tributária, possibilitando que no médio prazo possamos colher os seus frutos, melhorando as condições de vida dos brasileiros. Isso só será possível se o próximo governo pensar em políticas de Estado e não ficar refém do curto prazo. Às vezes, medidas impopulares hoje se revelam indispensáveis para melhorar o amanhã. Se continuarmos a empurrar com a barriga os nossos problemas, não perderemos apenas competitividade, mas a esperança de um futuro melhor. ■

LEIA MAIS...

— *Brasil será atingido pela crise mundial.* Entrevista especial com André Filipe Zago de Azevedo publicada na revista IHU On-Line, nº 274, de 22-09-2008, disponível em <http://bit.ly/1TK9uHY>.

TEOLOGIA PÚBLICA

A gratuidade da Misericórdia.

‘A primeira forma de misericórdia que podemos exercer é a da compreensão’

“Penso que a misericórdia seja decisiva também para aqueles que recusam qualquer discurso religioso, os agnósticos e ateus, porque um ser humano pode rejeitar a Deus, mas muito dificilmente recusará o bem gratuito e silencioso de misericórdia”, diz o teólogo italiano

Por Márcia Junges | Edição: Ricardo Machado | Tradução: Ramiro Mincato

É no deserto das relações de capitalização que a misericórdia torna-se a gota que traz vida à vida. “É exatamente uma sociedade como a nossa, onde quase tudo tende a ser monetizado e calculado com base no ganho pessoal, que tem enorme necessidade da gratuidade e da misericórdia. Perdão e misericórdia, realmente exercitados, têm hoje um enorme valor, uma profunda carga profética. Eles são agora uma das referências mais credíveis da transcendência”, sustenta Vito Mancuso, em entrevista por e-mail à IHU On-Line.

Nesse sentido, ele chama atenção para a importância à abertura ao Outro, cujo diálogo inter-religioso cumpre papel fundamental. “É absolutamente crucial, também para o diálogo inter-religioso. Já recordei o budismo, mas pense-se também no Islã e no fato de que cada sura do Alcorão começa com ‘em nome de Deus, clemente e misericordioso’. Ou considere-se o judaísmo, em que, para proclamar a misericórdia

de Deus, não se tem medo de recorrer ao mesmo substantivo que designa o útero: *rehem*, frequentemente no plural, *rahamim*”, explica.

Vito Mancuso é teólogo italiano. Atualmente é professor de “História das Doutrinas Teológicas” na Universidade de Pádua. É autor de uma vasta obra teológica. Destacamos algumas, como *Il principio passione. La forza che ci spinge ad amare* (Milano: Garzanti, 2013); *La vita segreta di Gesù. I vangeli apocrifi spiegati* (Milano: Garzanti editore, 2014); *Io Amo. Piccola filosofia dell’amore* (Milano: Garzanti editore, 2014); e *Questa Vita* (Milano: Garzanti editore, 2015). Em português: *A obra Eu e Deus. Um guia para perplexos* (São Paulo: Paulinas, 2014).

A entrevista foi originalmente publicada nas Notícias do Dia de 15-05-2016, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/255tAbw>.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como definiria o perdão e a misericórdia?

Vito Mancuso - Misericórdia é uma palavra latina formada a partir do adjetivo *miser*, significando “infeliz” ou mesmo “miserável”, no sentido de “pobre”, e do substantivo *cor*, que significa “coração”: a misericórdia é, portanto,

o coração que se torna infeliz e pobre. Ele em si não teria nenhum motivo para ser infeliz ou pobre, no entanto, preocupado com a situação dos outros, torna-se assim.

Este é o significado transmitido pela raiz etimológica da palavra misericórdia. Significado semelhante temos em “perdão”, formada pelo

prefixo “per” e o substantivo “domum”, isto é, um grande dom, um presente bem feito, perfeito.

O perdão também lembra anistia em nível jurídico: é o conceder a graça, o não proceder com a punição. Em ambos os casos se descreve o vir menos da vontade de poder, em favor da vontade da



Porque o ser cristão não é o propósito da nossa vida, o propósito é ser plenamente humano, o ser cristão é uma ferramenta

relação. Seja a misericórdia, seja o perdão, são a exaltação da vontade de relação.

IHU On-Line - Quais são os limites e possibilidades da misericórdia em sociedades globalizadas e num tempo marcado pelo relativismo e pelo recrudescimento dos ódios de toda espécie?

Vito Mancuso - É exatamente uma sociedade como a nossa, onde quase tudo tende a ser monetizado e calculado com base no ganho pessoal, que tem enorme necessidade da gratuidade e da misericórdia. Perdão e misericórdia, realmente exercitados, têm hoje um enorme valor, uma profunda carga profética. Eles são agora uma das referências mais creíveis da transcendência. Hoje, é difícil pensar em transcendência no sentido físico, como se pensava no passado, graças à cosmologia ptolomaica¹. Hoje, a cosmologia contemporânea, na maioria das vezes, inibe a sensação de transcendência, transmitindo, ao contrário, uma sensação de infinidade e perplexidade. Acredito, ao invés, que a ética, especialmente quando exercida de forma gratuita, pode abrir na consciência contemporânea uma abertura à transcendência.

IHU On-Line - Em que sentido o perdão e a misericórdia são, em última instância, um "chamamento ao amor"?

Vito Mancuso - Eles o são no seu significado mais íntimo, já que ambos, como disse antes, são vontade

de relação. E também mais do que isso, eles constituem uma vontade de relação tão intensa, que até podem chegar a perder, do ponto de vista do interesse pessoal próprio (e note-se que a palavra "perder" tem a mesma raiz de "perdão").

É preciso especificar, porém, sendo nós constituídos de relações (porque todas as coisas no mundo são constituídas por uma rede de relacionamentos), na verdade, quando perdoamos e exercemos a misericórdia, perdemos apenas em nível superficial do ser, enquanto ganhamos em nível mais efetivo e mais profundo. Por isto, o perdão e a misericórdia, e, geralmente, o exercício do bem, conferem por aqueles que os praticam uma sensação de júbilo, paz e alegria interior. Penso que se trate exatamente daquela alegria "que o mundo não pode dar", mencionada por Jesus.

IHU On-Line - Em artigo publicado no La Repubblica o senhor afirma que, "se o nome de Deus, de fato, é misericórdia, só quem precisa de misericórdia, isto é, o pecador, pode encontrá-la". A partir desse horizonte, qual é o sentido do pecado em nossos dias?

Vito Mancuso - É o mesmo de sempre: uma grande derrota, e ainda mais uma grande perda, como quando se diz, por exemplo, não tendo podido assistir a um bom filme ou um jogo importante de futebol, "pecado, que pena!". O pecado é uma perda. E é claro, só quando se tem uma sensação de perda ou de derrota, pode-se sentir o desejo de algo que vai em direção oposta, de realização e de vitória.

IHU On-Line - Por que a misericórdia solidária "não é bondade adocicada, mas sim aplicação da lei ética fundamental da humanidade"?

Vito Mancuso - Porque a lei ética fundamental da humanidade reproduz a lei física fundamental, que rege a história do mundo. A lei ética é a da relação harmoniosa, expressa melhor na famosa fórmula que diz: "Não faças aos outros o que não queres que te façam" (ou, na formulação positiva: "faz aos outros o que queres que te façam"). Esta, como disse, não faz outra coisa que reproduzir a lei física fundamental do ser, que é relação.

Na verdade, tudo o que vemos no mundo, cada corpo físico, seja ele grande como uma galáxia, ou pequeno como um átomo, é um sistema: assim, o conjunto de relações tornadas possíveis pela harmonia, é que dá forma à energia caótica primordial. A relação harmoniosa é a lei fundamental da física. Daí a estreita relação com a ética. Desse ponto de vista, portanto, não é, de maneira nenhuma, um insípido "bonismo", mas, ao contrário, uma rigorosa aplicação da lógica que rege a física.

IHU On-Line - Tendo em vista os 50 anos do encerramento do Concílio Vaticano II², qual é a re-

² **Concílio Vaticano II:** convocado no dia 11-11-1962 pelo Papa João XXIII. Ocorreram quatro sessões, uma em cada ano. Seu encerramento deu-se a 8-12-1965, pelo Papa Paulo VI. A revisão proposta por este Concílio estava centrada na visão da Igreja como uma congregação de fé, substituindo a concepção hierárquica do Concílio anterior, que declarou a infalibilidade papal. As transformações que introduziu foram no sentido da democratização dos ritos, como a missa rezada em vernáculo, aproximando a Igreja dos fiéis dos diferentes países. Este Concílio encontrou resistência dos setores conservadores da Igreja, defensores da hierarquia e do dogma estrito, e seus frutos foram, aos poucos, esvaziados, retornando a Igreja à estrutura rígida preconizada pelo Concílio Vaticano I. O Instituto Humanitas Unisinos - IHU produziu a edição 297, Karl Rahner e a ruptura do Vaticano II, de 15-6-2009, bem como a edição 401, de 03-09-2012, intitulada Concílio Vaticano II. 50 anos depois, e a edição 425, de 01-07-2013, intitulada O Concílio Vaticano II como evento dialógico. Um olhar a partir de Mikhail Bakhtin e seu Círculo. Em 2015, o Insti-

¹ **Ptolomeu** (100-178): polímata grego reconhecido pelos seus trabalhos em astrologia, astronomia e cartografia. (Nota **IHU On-Line**)

levância e o motivo que inspiram o Jubileu da Misericórdia?

Vito Mancuso - Penso que a Igreja Católica deve voltar a ser concebida como uma comunidade unida pela misericórdia e não pelo poder. Penso que esta conversão já começou, mas que, no entanto, está ainda longe de terminar. Acho que a misericórdia foi o ponto de viragem do Vaticano II, para tornar possível, novamente, esta consciência decisiva da verdadeira identidade católica.

IHU On-Line - Qual é o significado do Jubileu da Misericórdia no contexto em que vivemos?

Vito Mancuso - De ser um lembrete do significado mais profundo e mais autêntico de "ser" homens. Porque o ser cristão não é o propósito da nossa vida, o propósito é ser plenamente humano, o ser cristão é uma ferramenta.

IHU On-Line - Qual é a novidade da abordagem da misericórdia no pontificado de Francisco?

Vito Mancuso - A absoluta ausência de clericalismo e de todo e qualquer, mesmo mínimo, aceno ao poder.

IHU On-Line - Em que medida as ações de Francisco como "pastor" expressam a sua visão de misericórdia?

Vito Mancuso - De maneira considerável. Eu diria que Francisco exerce o seu ministério, primeiramente, por meio das ações, é um

tuto Humanitas Unisinos – IHU promoveu o colóquio O Concílio Vaticano II: 50 anos depois. A Igreja no contexto das transformações tecnocientíficas e socioculturais da contemporaneidade. As repercussões do evento podem ser conferidas na IHU On-Line, edição 466, de 01-06-2015, e também em Notícias do Dia no sítio IHU. (Nota da **IHU On-Line**)
3 **Papa Francisco** (1936): Argentino filho de imigrantes italianos, Jorge Mario Bergoglio é o atual chefe de estado do Vaticano e Papa da Igreja Católica, sucedendo o Papa Bento XVI. É o primeiro papa nascido no continente americano, o primeiro não europeu no papado em mais de 1200 anos e o primeiro jesuíta a assumir o cargo. A edição 465 da revista IHU On-Line analisou os dois anos de pontificado de Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

Papa que age: mesmo quando fala, suas palavras são ações faladas, têm a mesma força performativa da palavra bíblica ou davar, como as palavras dos profetas, que sempre se associam a ações. Exatamente o oposto do Papa Bento⁴, cujo ministério foi todo de palavras, o Papa Francisco é um Papa que age, que fala com o corpo.

IHU On-Line - Em que essa concepção de igreja misericordiosa muda a forma como a instituição se relaciona com seus fiéis?

Vito Mancuso - Obviamente a igreja deveria mudar, mas, infelizmente, não necessariamente, sempre acontece. Como todos sabemos, o rosto da Igreja é ainda, muitas vezes, o rosto do bispo, ou até mais do pároco concreto que

“

Não acho que seja uma coincidência que a palavra misericórdia seja feminina

as pessoas encontram em seu ambiente. Precisamente por isso, no entanto, é muito importante que da parte do Papa haja orientações muito claras sobre o exercício da misericórdia e do perdão.

IHU On-Line - Nesse sentido, como a misericórdia se aplica àqueles fiéis que estão fora da ortodoxia esperada pela igreja?

Vito Mancuso - Felizmente O nome de Deus é Misericórdia (São

4 **Bento XVI, nascido Joseph Aloisius Ratzinger** (1927): Foi papa da Igreja Católica e bispo de Roma de 19 de abril de 2005 a 28 de fevereiro de 2013, quando oficializou sua abdicação. Desde sua renúncia é Bispo emérito da Diocese de Roma, foi eleito, no conclave de 2005, o 265º Papa, com a idade de 78 anos e três dias, sendo o sucessor de João Paulo II e sendo sucedido por Francisco. (Nota da **IHU On-Line**)

Paulo: Planeta do Brasil, 2016), como escreveu recentemente o Papa, não o da Igreja. Assim sendo, estando alguém fora da Igreja, não fica excluído da misericórdia divina, que, naturalmente, irá expressar-se nas formas de outras denominações cristãs e outras religiões. No budismo⁵ é dito, por exemplo, que a misericórdia (em sânscrito, karuna) é uma das quatro moradas divinas, isto é, uma atitude que, se praticada, confere certeza de encontrar o divino e o bem, que os budistas chamariam de "natureza de Buda".

IHU On-Line - Em que sentido Maria é o arquétipo da igreja misericordiosa?

Vito Mancuso - Na forma em que o feminino o é. Não acho que seja uma coincidência que a palavra misericórdia seja feminina, porque é próprio da natureza feminina o sentimento de acolhimento incondicional. A mãe é a ausência de julgamento, ela é o abraço, é abertura total. É o princípio mariano da Igreja, de que falava o grande teólogo Hans Urs von Balthasar⁶, acostando-o a um outro princípio, igualmente necessário, que é o princípio petrino ou da lei e do perfil institucional. Princípio mariano e princípio petrino devem ser harmonizados, mas não se trata de uma relação simétrica, porque

5 **Budismo**: é uma filosofia ou religião não teísta que abrange diversas tradições, crenças e práticas geralmente baseadas nos ensinamentos de Buda. Engloba escolas como o Teravada, Zen, Terra Pura e o budismo tibetano, se espalhou mais pelo Tibete, China e Japão. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Hans Urs Von Balthasar** (1905-1988): teólogo católico suíço. Estudou Filosofia em Viena, Berlim e Zurique, onde doutorou-se em 1929, e em Teologia em Munique e Lyon. Destacou-se como investigador dos santos padres e da Filosofia e Literatura modernas, especialmente a franco-germana. Criou sua própria Teologia, síntese original do pensamento patrístico e contemporâneo. Entre suas obras destacam-se O cristianismo e a angústia (1951), O mistério das origens (1957), O problema de Deus no homem atual (1958) e Teologia da história (1959). A edição 193 da IHU On-Line, de 28-08-2006, Jorge Luis Borges. A virtude da ironia na sala de espera do mistério publicou uma entrevista com Ignácio J. Navarro, intitulada Borges e Von Balthasar. Uma leitura teológica. (Nota da **IHU On-Line**)

o evangelho demonstra uma clara assimetria em favor do princípio mariano.

IHU On-Line - Qual é o legado, a contribuição fundamental de Carlo Maria Martini⁷ para o aprofundamento da misericórdia e do perdão em nosso mundo?

Vito Mancuso - Martini, assim como eu o conheci, era um homem da Palavra, isto é, da exegese e da interpretação. Era um filólogo, um amigo da palavra. Ele ensinou que a misericórdia é, acima de tudo, leitura, compreensão. Isso se aplica a todos os fenômenos, a partir do fenômeno humano: a primeira forma de misericórdia que pode-

⁷ **Carlo Maria Martini** (1927-2012): teólogo jesuíta, profundo conhecedor da Bíblia, cardeal italiano e arcebispo emérito de Milão falecido dia 31 de agosto de 2012. Confira a última entrevista que concedeu, sob o título "A Igreja retrocedeu 200 anos. Por que temos medo?". Confira, ainda, a cobertura dada pelo IHU à morte de Martini: Morreu Martini, o bispo do diálogo; Martini, um homem de Deus. Artigo de Vito Mancuso. "A abertura de Martini aos não crentes foi um ato de responsabilidade". Entrevista com Massimo Cacciari. A "dura viela" da morte, segundo Martini. (Nota da **IHU On-Line**)

mos exercer é a da compreensão, é compreender os outros por aquilo que fazem, que sentem, que são. Misericórdia é um exercício do olhar, para ver pessoas e situações, independentemente do nosso interesse particular e, em nome do "inter-essere", da comunhão, da relação.

“

A primeira forma de misericórdia que podemos exercer é a da compreensão

IHU On-Line - Gostaria de acrescentar algum aspecto não questionado?

Vito Mancuso - Gostaria de acrescentar que nunca podemos deixar de recordar a primazia da misericórdia. É absolutamente crucial, também para o diálogo inter-

-religioso. Já recordei o budismo, mas pense-se também no Islã⁸ e no fato de que cada sura do Alcorão⁹ começa com "em nome de Deus, clemente e misericordioso". Ou considere-se o judaísmo, em que, para proclamar a misericórdia de Deus, não se tem medo de recorrer ao mesmo substantivo que designa o útero: rehem, frequentemente no plural, rahamim.

Além disso, penso que a misericórdia seja decisiva também para aqueles que recusam qualquer discurso religioso, os agnósticos e ateus, porque um ser humano pode rejeitar a Deus, mas muito dificilmente recusará o bem gratuito e silencioso de misericórdia.

⁸ **Islã** ou islão: religião monoteísta que surgiu na Península Arábica no século VII, baseada nos ensinamentos religiosos do profeta Muhammad (Maomé) e numa escritura sagrada, o Alcorão. (Nota da **IHU On-Line**)
⁹ **Corão**: também conhecido como Alcorão, significa recitação. É o livro sagrado do Islamismo, totalmente ditado pelo profeta Maomé (Mohammad) e redigido na linguagem árabe por seus seguidores no século VII d.C., em várias cidades da Arábia. (Nota da **IHU On-Line**)

LEIA MAIS...

- *E se as reformas não chegarem e uma nova primavera for mera ilusão? Os desafios de um pontificado.* Entrevista especial com Vito Mancuso publicada na Revista **IHU On-Line**, nº 465, de 18-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1TaUJlM>.
- *“Um erro: o papa falou como se estivesse no bar”.* Entrevista com Vito Mancuso, publicada em **Notícias do Dia**, em 18-01-2015, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1IXoMq4>.
- *Quando a Igreja renuncia à beleza.* Artigo de Vito Mancuso, publicado em **Notícias do Dia**, em 18-12-2014, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1Ha3m8B>.
- *“A desobediência também pode renovar a Igreja”.* Entrevista com Vito Mancuso, publicada em **Notícias do Dia**, em 25-04-2012, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1Pe9aoz>.
- *“A experiência de fé não parte das doutrinas”.* Entrevista com Vito Mancuso, publicada em **Notícias do Dia**, em 09-11-2012, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1Pe9fbU>.
- *O ofício de Pedro.* Artigo de Vito Mancuso, publicado em **Notícias do Dia**, em 05-03-2013, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1F99j6d>.
- *Vaticano II. Um vento de ar puro hoje aprisionado.* Artigo de Vito Mancuso, publicado em **Notícias do Dia**, em 20-09-2012, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1E2gx6J>.
- *Ave Maria laica.* Artigo de Vito Mancuso, publicado em **Notícias do Dia**, em 16-09-2013, no sítio IHU, disponível em <http://bit.ly/1KXJTt3>.



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

WWW

ihu.unisinos.br



unisinos.br/blogs/ihu



fb.com/InstitutoHumanitasUnisinos



instagram.com/_ihu



youtube.com/ihucomunica



twitter.com/_ihu

IHU ON-LINE



INSTITUT
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

Tema de Capa

Observar, conhecer e integrar. Passos para uma ecologia da vida

A partir de seu olhar sobre o solo, Ana Primavesi defende a necessidade de apreender amplamente as dinâmicas formas de vida para só então se integrar num sistema produtivo ecológico

Por João Vitor Santos

Ela tem 96 anos e a paixão de toda a vida: o solo. Essa é Ana Maria Primavesi, pioneira no Brasil no tema da produção ecológica. Uma pesquisadora de laboratório e campo, capaz de pôr em prática uma perspectiva sistêmica sobre as formas de vida. “É preciso observar mais a natureza”, resume ela, ao falar sobre os caminhos para se produzir alimento saudável para o ser humano e um meio ambiente sadio. Hoje, vive com a filha, Carin, numa casa na cidade de São Paulo, construída por ela nos anos 1950, cercada de jardins. Apesar das limitações físicas em decorrência de uma lesão no fêmur, a professora procura ir ao campo, mesmo que seja pertinho da metrópole.

Para compreender o que está por trás da “lógica Primavesi”, é preciso também conhecer um pouco mais dessa mulher. Nasceu em 1920 em St. Georgen ob Judenburg, na Áustria. Chegou ao Brasil em 1949 e naturalizou-se. “Após a guerra, com tantas mortes na família, também dos irmãos queridos, eu e meu marido, que tínhamos perdido todas as propriedades agrícolas, decidimos que era preciso procurar por paz, respirar ares novos, onde houvesse maior possibilidade de realizar nossos sonhos e esperanças”, recorda.

Ana Maria cresceu em meio ao campo e, atenta e observadora, daí foi um passo para se tornar uma cientista da área. “Meus pais eram muito ligados à atividade agropecuária e florestal. E na universidade éramos levados a realizar atividades de pesquisa desde o primeiro semestre. Fui treinada a observar já em termos de sistema de produção, de forma holística”. “Também tive dois professores que ensinaram a fazer um tipo de ‘exame clínico’ com muita observação e visão integrada”, recorda. Assim que chegou ao Brasil, ela e o marido passaram a produzir no interior de São Paulo, a partir de técnicas ecológicas de manejo do solo. Assim, aliava a pesquisa nos laboratórios à prática de campo. “Tivemos certeza de nosso caminho quando meu marido conseguiu produzir um trigo tipo canadense (de altíssima qualidade) em um solo degradado”, destaca.

Mas no que consistem seus princípios? Para Ana, é preciso “observar a natureza, em como ela, a partir de ecossistemas primários, construía os ecossistemas naturais clímax, com alta capacidade de manter vida e produção, e com todas as estruturas de ecossistemas desenvolvidos”. Ou seja, observar a ecologia da vida e, assim a conhecendo, se integrar ao sistema amplo

capaz de gerar vida, produzir e até corrigir desequilíbrios com o mínimo de interferência humana. É mais do que pensar em produção orgânica, é também pensar em produção ecológica.

Apesar de tudo, a pesquisadora não se entrega, e isso pode ser constatado na entrevista a seguir, concedida à **IHU On-Line** em abril de 2016. Com quase um século de vida, Ana aceita o convite para a entrevista por e-mail. Conta com a ajuda de Carin para lidar com a internet. É uma forma de seguir propagando suas ideias e semeando esperança. “A sociedade é parte do aspecto ambiental, mas insiste-se em separar isso nos cursos universitários. Esse conhecimento fragmentado, compartmentado, analista, especializado é o grande mal”, sentenciana, ao mesmo tempo que provoca a pensar numa “educação ambiental de como a vida funciona”.

Ana Maria Primavesi é graduada em Agronomia pela Universidade Rural de Viena, com doutorado em Ciências Agrônomicas. Em 2012, recebeu o prêmio mundial da agricultura orgânica pela Internacional Federation of Organic Agriculture Movements - IFOAM. Foi professora na Universidade Federal de Santa Maria - UFSM, pesquisadora da Fundação Mokiti Okada, de São Paulo, e agricultora, pois praticou as técnicas da agroecologia na sua fazenda, em Itaí, São Paulo. Seus ensinamentos podem ser encontrados em cerca de 100 artigos científicos inéditos e 12 livros. Entre os trabalhos de maior influência estão: *Manejo Ecológico do Solo: a agricultura em regiões tropicais* (São Paulo: Nobel, 1984); *Agroecologia: ecosfera, tecnosfera e agricultura* (São Paulo: Nobel, 1997); *Manejo ecológico de pragas e doenças: técnicas alternativas para a produção agropecuária e defesa do meio ambiente* (São Paulo: Nobel, 1988); *Manejo ecológico do solo: a agricultura em regiões tropicais* (São Paulo: Nobel, 1984); *Agricultura sustentável: manual do produtor rural* (São Paulo: Nobel, 1992); *Manejo ecológico de pragas e doenças: técnicas alternativas para a produção agropecuária e defesa do meio ambiente* (São Paulo: Nobel, 1988); *Cartilha do solo* (São Paulo, Mokiti Okada 2006); *Pergunte ao Solo e às Raízes* (São Paulo: Nobel, 2014); *A Convenção dos Ventos* (São Paulo: Expressão Popular, 2016).

Acaba de ser lançada sua biografia por Virginia Knabben: *Ana Maria Primavesi, histórias de vida e agroecologia* (São Paulo: Expressão Popular, 2016).

Confira a entrevista.



A ciência progride quando sustentada pelos resultados de campo, que por sua vez realimentam as pesquisas científicas com dúvidas a resolver

IHU On-Line - Como descobriu a sua paixão pelas coisas simples do campo? E como isso a transformou em cientista?

Ana Maria Primavesi - Eu cresci em ambiente rural e meus pais eram muito ligados à atividade agropecuária e florestal (mãe: de canteiros de flores, horta doméstica, plantas medicinais; e pai: de lavouras, criação de gado e atividade florestal). Meu pai fazia melhoramento animal e assim precisava de método e observação. E na universidade nós éramos levados a realizar atividades de pesquisa. Fui treinada a observar, já em termos de sistema de produção, de forma holística. Depois tive dois professores que ensinaram a fazer um tipo de "exame clínico" com muita observação e visão integrada.

IHU On-Line - Por que a senhora sempre andou tanto no campo quanto no laboratório¹?

Ana Maria Primavesi - A ciência progride quando sustentada pelos resultados de campo, que por sua vez realimentam as pesquisas científicas com dúvidas a resolver. Com o conhecimento da prática eu tinha muitas dúvidas que precisavam ser esclarecidas. Em realidade, a ciência existe para esclarecer os processos que ocorrem na natureza e que necessitamos conhecer para melhorar o seu manejo e fortalecimento nos sistemas de produção de alimentos e de água doce.

¹ Ana Primavesi sempre aliou suas pesquisas laboratoriais a práticas de campo, seja trabalhando com grupos de agricultores ou mesmo no sítio de propriedade da família. (Nota da **IHU On-Line**)

IHU On-Line - A senhora é uma das primeiras no Brasil a tratar do tema agricultura orgânica. Como a senhora descobriu esse tipo de produção? De onde veio sua inspiração?

Ana Maria Primavesi - Em realidade, no início, toda agricultura praticada era orgânica, e, até certo ponto, ecológica. Com ensinamentos de mestres na universidade, fui estimulada a olhar por essa perspectiva. Foram eles que me repassaram os princípios de como analisar o conjunto de fatores em uma atividade agrícola, indo diretamente para a procura das causas. E as causas deveriam ser procuradas com o solo (características de um solo observando na natureza o que resulta maior produtividade de fitomassa²), o comportamento das próprias plantas (sintomas de deficiências minerais, vigor e arquitetura das raízes) e das associações de plantas no campo.

Na realidade, era preciso observar a natureza, em como ela, a partir de ecossistemas primários (rochas aflorando; inóspitos à vida superior e à produção), construía os ecossistemas naturais *clímax*³,

² **Fitomassa:** é o conjunto de toda a massa da planta, que é a biomassa (massa viva) constituída por o peso do corpo vegetal presente numa dada área. É uma medida, expressa em g/m² ou t/tem, usado para a análise quantitativa da vegetação que cobre um território. (Nota da **IHU On-Line**)

³ **Clímax** (perspectiva da Biologia): é o último estágio alcançado por comunidades ecológicas ao longo da sucessão ecológica. Na sucessão, primeiramente têm-se ambientes desprovidos de vegetação, seguidos por populações pioneiras (ou *eceses*), posteriormente as intermediárias (ou *seres*), até que alcance o *clímax*. Este estágio é caracterizado por compreender espécies que são as melhores

com alta capacidade de manter vida e produção, e com todas as estruturas e os serviços ecossistêmicos desenvolvidos. A natureza utiliza as mesmas ferramentas para recuperar solos compactados, mortos biologicamente, abandonados, durante o pousio.

O segredo é a observação, isso eu aprendi com meus pais e alguns professores generalistas (sabem um pouco de tudo do todo). Os especialistas sabem muito de pouco do todo, que chega a ser nada, sabem só de algo específico, sem relação com o todo. Ficam com uma visão muito estreita, para a prática de campo. Esse é também um grande conflito que deveria ser resolvido amigavelmente.

IHU On-Line - Quais os desafios que enfrentou quando começou a tratar do tema da agricultura orgânica? Quais resistências já foram vencidas e quais ainda persistem nos dias de hoje?

Ana Maria Primavesi - Tivemos certeza de nosso caminho quando meu marido conseguiu produzir um trigo tipo canadense (de altíssima qualidade) em um solo degradado da região de Sorocaba, em São Paulo. O trigo estava sem ferrugem, embora a variedade fosse altamente suscetível. Isso ocorreu após dois anos de práticas de recuperação biológica do solo com coquetel de adubos verdes fibrosos. Quando entramos para a vida acadêmica e docente em Santa Maria, no Rio Grande do Sul, estávamos no auge da revolução verde que promovia uma agricultura nos moldes de "chão de fábrica", em que as variabilidades de nossos solos eram uniformizadas com

competidoras da comunidade local. Geralmente as espécies vegetais climáticas são de maior porte, além de mostrar alta eficiência entre produção e consumo de nutrientes. No estágio *clímax*, quando uma espécie é extinta, outra espécie típica de *clímax* a substitui, mantendo a ciclagem entre as comunidades de florestas e outros habitats de topo na sucessão ecológica. Comunidade *clímax* representa uma situação natural em que a comunidade permanece com um nível estável em frequência de espécies (biodiversidade). (Nota da **IHU On-Line**)

calagens e adubações NPK⁴ pesadas. O objetivo era de atender as exigências de variedades híbridas que respondiam a doses elevadas de nitrogênio, utilizando-se para isso mecanização intensa e irrigação, e depois também herbicidas.

As terras eram uniformizadas. Os olhos d'água e pequenos cursos d'água eram simplesmente riscados do mapa, para facilitar a mecanização. Depois as árvores eram eliminadas para facilitar a administração a olho nu e a aviação agrícola. E, tudo que fosse relacionado à matéria orgânica e seu uso, era proibido. Identificamos que eram promovidos os aspectos físicos e químicos dos solos. Mas não os biológicos. Os biológicos do solo, não das plantas. Os biológicos que usam todo material orgânico, de onde retiram sua energia para agregar o solo e estabilizar os agregados e os macroporos, que são vitais para a saúde das plantas, pois garantem a entrada de água e de ar.

Assim, lutamos pela inclusão por esse aspecto biológico de solo. Isso porque sabíamos que precisávamos de um solo vivo para produzir com abundância e de forma mais barata, pois aumentava a eficiência dos insumos aplicados, que assim poderiam ser utilizados de maneira mais racional.

A luta feroz

Mas a revolução verde não contemplava o aspecto biológico. E a luta foi feroz. Mesmo iniciando como docentes da Universidade nessa visão holística de manejo do solo, da produtividade e da consideração do aspecto biológico por meio do primeiro curso de pós-graduação no Brasil, oficialmente aceito, a resposta deles foi: embora concordemos com esses conhecimentos, não poderemos incluí-los nos cursos regulares de graduação, pois precisamos treinar os estu-

4 **NPK**: é uma sigla utilizada em estudos de agricultura, que designa a relação dos três nutrientes principais para as plantas (nitrogênio, fósforo e potássio), também chamados de macronutrientes, na composição de um fertilizante. (Nota da **IHU On-Line**)

dantes para os concursos públicos, que não contemplam o aspecto biológico.

Ao encerrarmos nossas atividades universitárias, tentamos romper barreiras na consultoria técnica a grandes empresas agrícolas e à indústria. A indústria de insumos argumentava que, embora a ideia fosse excelente, precisaríamos que os manejos propostos tivessem também um produto que pudesse ser embalado e comercializado. Aí decidimos escrever um livro-texto e partir

“
Os especialistas sabem muito de pouco do todo, que chega a ser nada, sabem só de algo específico, sem relação com o todo

para o desenvolvimento e difusão, no corpo a corpo no campo, com produtores rurais, extensionistas⁵ e estudantes, num tipo de educação ambiental com as boas práticas de manejo agroambiental. Por sorte tivemos apoio de segmentos da classe agrônômica, que estava detectando calcanhares de Aquiles nos planos da revolução verde se quiséssemos a sustentabilidade.

IHU On-Line - Como compreender o fenômeno da vida a partir do solo?

5 **Extensionista**: é aquele que baseia-se em experiências ou ideias promissoras, as divulga com o objetivo de encontrar soluções para problemas parecidos, adaptando-as sempre às novas realidades que vai encontrando. Na área rural, atuam como uma espécie de consultores numa ponte entre agricultores, pesquisas e técnicas desenvolvidas. (Nota da **IHU On-Line**)

Ana Maria Primavesi - Muito simples. Observando a natureza. Quando a vida iniciada nos oceanos conseguiu produzir oxigênio e com isso criar a ozonosfera⁶ para filtrar a radiação ultravioleta, estava aberto o caminho para a colonização dos ambientes naturais primários sobre os continentes. Constituíam pura rocha (não havia solos, nem lençol freático, nem cadeia, muito menos teia alimentar, as amplitudes térmica e hídrica eram extremas; as condições eram inóspitas à vida superior e à produção de fitomassa, de biomassa). Era preciso priorizar a produção de solo permeável para armazenar a água das chuvas. Foi criada a primeira associação de agentes pioneiros, incumbida para produzir solos: os líquens⁷, que utilizavam o artifício do albedo (cor clara que reflete radiação solar) para refrescar o substrato.

A função primeira do solo é captar e armazenar água da chuva. E esse serviço ecossistêmico ele só consegue realizar quando permanentemente vegetado. A vegetação oferece uma tripla proteção para o solo permeável: o dossel (parte aérea) das plantas, a serapilheira (partes mortas das plantas como folhas secas, ramos) e a trama radicular que mantém o solo poroso superficialmente e procura manter o solo permeável em profundidade. Logicamente a vida associada às plantas contribui para aperfeiçoar esse processo e as estruturas vitais.

A diversidade é uma ferramenta da natureza para produzir o máximo de biomassa (vegetais e fauna associada) com a energia solar incidente por metro quadrado de área. Quando se elimina a cober-

6 **Ozonosfera** (camada de ozônio): é uma região da estratosfera terrestre que concentra altas quantidades de ozônio (gás formado a partir da combinação de três átomos de oxigênio). Localizada entre 15 e 35 quilômetros de altitude e com cerca de 10 km de espessura, contém aproximadamente 90% do ozônio atmosférico. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Líquens**: seres vivos muito simples que constituem uma simbiose de um organismo formado por um fungo (o micobionte) e uma alga ou cianobactéria (o fotobionte). (Nota da **IHU On-Line**)

tura permanente do solo (partes aéreas, palhadas, raízes diversificadas), ele costuma adensar e virar “pedra”, com características de ambiente natural primário. Ele sofre regressão para condições inóspitas à vida e à produção, como um ambiente urbano sem área verde. Tudo muito simples de entender quando se vê o quadro completo. Esses detalhes precisam ser considerados e incorporados nos sistemas de produção se desejam ser sustentáveis e garantir alimentos e água doce residente para as gerações futuras, além de reservas cambiais à nação.

IHU On-Line - Como deve ser a relação do homem do campo com o solo? O que a agricultura dos povos originais ensina nesse sentido?

Ana Maria Primavesi - O problema é que os estragos ambientais não são mais realizados pelo homem do campo, mas por robôs e máquinas do campo. O ser humano se afasta cada vez mais do contato direto com o campo, com a terra. Os povos nativos ensinavam que se utilize o tanto de terra necessária para produzir o sustento à comunidade. E se a terra degradasse, ficava em repouso. A natureza se encarrega de recuperá-la. Até os criadores de gado faziam rotação de animais, apregoadas atualmente como prática saudável para a longevidade das pastagens, como no nomadismo.

O homem moderno procura transformar o máximo de área em dinheiro, em Produto Interno Bruto - PIB, nem que isso só ocorra durante um a três anos. Depois procuram novas áreas a serem “mineradas”. E não veem que estão matando a galinha dos ovos de ouro. No caso do Brasil, certamente é o que ocorre. Como se destroem solos e microclimas de forma infantil, perdulária! As populações tradicionais procuravam seguir as leis da natureza e se enquadrar nelas. Não criar um mundo artificial, industrial, que continua dependendo dos serviços ecossistêmicos, naturais.

IHU On-Line - Como entender a agricultura para além do binômio agrotóxico e adubo?

Ana Maria Primavesi - Certamente a natureza se utiliza de nutrientes (dissolvidos da rocha local ou introduzida: calcários, fosfatos naturais, guanos, esterco, urinas

“

Quando se elimina a cobertura permanente do solo, ele costuma adensar e virar ‘pedra’

e nitrogênio atmosférico durante queda de raios, cinzas e poeiras vindas desde a África, conchas moídas e outros) para nutrir as plantas e a fauna. A indústria química procura facilitar a disponibilidade de nutrientes e até permitir que se consiga estimular as plantas a produzir mais rapidamente. Mas a área comercial procura extrapolar as vendas e o uso. A natureza também usa ferramentas físicas (espinhos, pelos), biológicas (chamados inimigos naturais, fungos, bactérias) e químicas (como as fitoalexinas⁸ e outras; especialmente a nutricional, procurando o equilíbrio dos nutrientes) para defender as plantas de pragas e patógenos. Também ocorrem ferramentas para suprimir plantas não desejáveis por meio da alelopatia⁹.

8 Fitoalexinas: são compostos antimicrobianos que se acumulam em concentrações elevadas em algumas plantas após infecções bacterianas ou fúngicas e ajudar a limitar a propagação do agente patogênico. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Alelopatia: termo criado em 1937 pelo pesquisador austríaco Hans Molisch com a união das palavras gregas allélon (mútuo) e pathos (prejuízo). Este fenômeno já era relatado desde a antiguidade e tem se tornado objeto de estudos de diversos pesquisadores ao longo dos séculos. Atualmente, alelopatia é definida como: processo que envolve metabólitos secundários produzidos por plantas, algas, bactérias e fungos que influenciam o crescimento e desenvolvimento de sistemas biológicos. É a capacidade de as plantas, su-

A indústria química procura imitar a natureza, aumentando a concentração das moléculas químicas e dos indivíduos biológicos para facilitar o controle de pragas e doenças. Porém, do ponto de vista ecológico, quando um cultivo necessita de defesa contra pragas e patógenos de forma generalizada e intensa, isso é um sinal de que as plantas estão biologicamente doentes (seu campo energético está perturbado, enfraquecido) e a “polícia sanitária” da natureza entrou em ação para eliminar seres fracos, doentes, inaptos a continuar a luta pela vida. O sistema de produção deveria ser revisto e aprimorado. Com destaque para o restabelecimento de um solo vivo, com tripla camada de proteção permanente, e agregação de nutrientes que mais faltam no sistema de produção.

IHU On-Line - Como compreender o que está por trás da lógica da produção orgânica, da relação entre homem com o meio ambiente?

Ana Maria Primavesi - Oficialmente, a produção orgânica simplesmente procura substituir moléculas químicas dos agrotóxicos por opções orgânicas e os adubos solúveis por orgânicos ou menos solúveis; e, também, a redução do uso de nitrogenados sintéticos¹⁰. Porém, o sucesso do movimento orgânico depende da mudança de paradigma, da adoção ecológica de manejo do ambiente em agroecossistemas. A necessidade de uso de defensivos, adubos e irrigação exagerados indica que há necessidade

periores ou inferiores, produzirem substâncias químicas que, liberadas no ambiente de outras, influenciam de forma favorável ou desfavorável o seu desenvolvimento. (Nota da **IHU On-Line**)

10 Fertilizantes ou adubos (sintéticos ou orgânicos): são qualquer tipo de substância aplicada ao solo ou produção. No Brasil, é comum referir-se aos fertilizantes como “adubo sintético” e, simplesmente “adubo”, ou esterco animal para fertilizantes de origem orgânica. Os principais fertilizantes nitrogenados sintéticos são derivados da amônia anidra. (Nota da **IHU On-Line**)

de adequação do sistema de produção incluindo os princípios ecológicos, os princípios que a natureza usa para construir ecossistemas produtivos.

IHU On-Line - Qual o papel do solo na concepção da agricultura orgânica?

Ana Maria Primavesi - Na agricultura orgânica não existe uma concepção diferente. Na biodinâmica¹¹, sim. Mas, acho que aquela visão apresentada no início, de quando o ambiente primário é transformado em clímax, seja o conceito que deveria ser usado como referência. Em geral, usa-se o solo de mata como referência. Mas é somente um ponto. Quanto posso degradá-lo? Se também tenho o referencial do qual devo fugir (das características do ambiente primário, pedra), agora com dois pontos de referência extremos, fica mais fácil planejar algum manejo racional e ecológico.

IHU On-Line - Quais os benefícios, as vantagens, da produção agrícola em um solo vivo?

Ana Maria Primavesi - A principal vantagem do solo vivo é que ele vai apresentar um alto estado e grau de agregação, com muitos macroporos, o que permite a drenagem de água, a entrada de oxigênio (deve ser lembrado que as raízes seriam, além dos "intestinos" das plantas, também os "pulmões", e precisam receber oxigênio para a respiração, do contrário a planta murcha; o "estômago" seria a rizosfera¹²) e facilita o desenvol-

11 Agricultura biodinâmica: é um método de agricultura biológica com base nas teorias de Rudolf Steiner, fundador da antroposofia. Este tipo de agricultura considera as fazendas como organismos complexos. Enfatiza o equilíbrio de seu desenvolvimento integral e a inter-relação de solo, plantas e animais como um sistema de autonutrição sem intervenção externa na medida do possível, tendo em conta a perda de nutrientes devido ao vazamento de alimentos fora da fazenda. (Nota da IHU On-Line)

12 **Rizosfera:** é a região onde o solo e as raízes das plantas entram em contato. O número de microrganismos na raiz e à sua volta é muito maior do que no solo livre; os tipos de microrganismos na rizosfera também di-

vimento radicular. Além disso, vai permitir a ocorrência de inúmeros seres micro-meso¹³ e macroscópicos associados às plantas, que vão estimular seu desenvolvimento e sua defesa naturalmente.

IHU On-Line - Quais as diferenças e a concepção da produção agrícola entre países tropicais como o Brasil e países não tropicais como os europeus?

Ana Maria Primavesi - Em climas temperados, no geral, os solos são congelados no inverno e precisam ser aquecidos rapidamente para se

“
O problema é que os estragos ambientais não são mais realizados pelo homem do campo, mas por robôs e máquinas do campo

obter um mínimo de período vegetativo. Os solos são menos intemperizados¹⁴ e, portanto, mais ricos quimicamente, em geral mais rasos, e armazenam mais água. Nos trópicos, os solos precisam ser protegidos do aquecimento e do ressecamento, e as raízes precisam ser estimuladas para explorar maior volume de solo para obter os nutrientes necessários.

ferem do solo livre de raiz. (Nota da IHU On-Line)

13 O termo “meso” é empregado pela entrevistada no sentido de postura mediana; colocação imparcial entre medidas extremas. No caso, entre micro e macro. (Nota da IHU On-Line)

14 **Intemperismo:** conjunto de fenômenos físicos e químicos que levam à degradação e o enfraquecimento das rochas. (Nota da IHU On-Line)

Em situações de solos marginais, arenosos, em que ocorre deficiência múltipla de nutrientes essenciais, pode-se incluir procedimentos de enriquecimento. O processo de degradação da matéria orgânica do solo, fonte energética da vida do solo que promove sua agregação, é de 4 a 5 vezes mais rápido que em clima temperado, e pode, em casos extremos (ambiente quente e úmido, solo arenoso, recebendo elevadas doses de calcário) reduzir a matéria orgânica essencial do solo 50 vezes mais rapidamente.

Os flagelados pela degradação do solo

Assim, o solo perde rapidamente sua estabilidade, se não houver reposição da camada da matéria orgânica, e sofre mais intensamente de erosão e de perda de água por escoamento superficial, o que resulta em enchentes, com flagelados das cheias. E, com a água das chuvas perdidas pelas enchentes, no período das águas, segue-se depois um período de seca mais intenso, com os flagelados da seca.

IHU On-Line - Por que é importante conhecer o clima e desenvolver técnicas de manejo e produção específicas em cada região, assim criando e não importando tecnologias?

Ana Maria Primavesi - Acho que as respostas anteriores já deram um sinal para esta pergunta. Devo acrescentar que, com o aquecimento global se intensificando, e com o aumento das áreas degradadas, fornecedoras do calor em excesso, e desta forma com chuvas mais intensas, mais erosivas, deveriam ser incorporados com mais urgência os elementos que a natureza utiliza para estabilizar microclimas, que é o componente arbóreo. Quebraventos, sistemas agrofloretais e silvipastoris¹⁵ seriam os mais ade-

15 **Silvipastoril** – relativo à cultura e conservação de árvores, bem como a criação de gado (normalmente bovino), em mesmo ambiente. (Nota da IHU On-Line)

quados. A mecanização deveria se adequar a essas necessidades técnicas lógicas.

Entretanto, a lógica ainda é cega, e procura adequar o ambiente às máquinas. Triste. Triste. De apertar o coração! Ainda mais, sabendo-se que a vocação do Brasil é a produção de alimentos, de água doce e do ecoturismo. Destruir as estruturas naturais e os serviços ecossistêmicos essenciais deveria ser um crime de lesa-pátria. Mas o imediatismo ainda é premiado. A população não se dá conta do perigo que corre.

IHU On-Line - Quais são os principais passos para a implementação de agricultura orgânica em países tropicais?

Ana Maria Primavesi - Existem as normas de agricultura orgânica a serem seguidas. Mas, em princípio, seria interessante seguir os procedimentos ditados pela ecologia. Deve ser uma agricultura orgânica com base ecológica. Poderia ser incorporado parcialmente até pela agricultura industrial. Mas deveria ter um contato mais próximo do ser humano com a terra. Isso porque exige maior conhecimento e é mais complexo do ponto de vista gerencial. Mas é o futuro viável.

IHU On-Line - Qual a importância da teoria da trofobiose¹⁶, de¹⁷? Em que medida as perspectivas do pesquisador francês atravessam seu trabalho?

¹⁶ **Teoria da Trofobiose:** diz que uma planta desequilibrada nutricionalmente torna-se mais suscetível a pragas e patógenos. A adubação mineral e o uso de agrotóxicos provocam inibição na síntese de proteínas, causando acúmulo de nitrogênio e aminoácidos livres no suco celular e na seiva da planta, alimento que pragas e patógenos utilizarão para se proliferar. O pesquisador a formular a teoria foi Francis Chaboussou. (Nota da **IHU On-Line**)

¹⁷ **Francis Chaboussou:** pesquisador francês autor da Teoria da Trofobiose que, na década de 1970, lançou um dos pilares da agroecologia. Formado em biologia pela Universidade de Bordeaux, na França, foi pesquisador do Institut National de la Recherche Agronomique e da Estação de Zoologia do Centro de Pesquisas Agronômicas de Bordeaux. (Nota da **IHU On-Line**)

Ana Maria Primavesi - Chaboussou defende o equilíbrio de nutrientes e reforça a noção de que desequilíbrios nutricionais, em especial daqueles provocados pela adição inconsciente de minerais por meio dos defensivos industriais ou orgânicos (cobre

“

O sucesso do movimento orgânico depende da mudança de paradigma, da adoção ecológica de manejo do ambiente em agroecossistemas

da calda bordaleza¹⁸, enxofre da calda sulfocálcica), são a causa do aumento no aparecimento de doenças e pragas. É que plantas desequilibradas nutricionalmente apresentam muitas moléculas orgânicas formadas pela metade (micromoléculas, como aminoácidos e açúcares redutores) que representam um verdadeiro sopão nutritivo para as pragas e patógenos. Chaboussou veio trazer uma informação nova, específica, complementar ao que já se sabia de forma genérica.

A gente já defendia a ideia de que plantas com nutrição desequilibrada eram mais suscetíveis a pragas e patógenos. O Instituto da Potassa (representante da indús-

¹⁸ Calda bordalesa ou mistura de Bordeaux: é um fungicida agrícola tradicional, composto de sulfato de cobre, cal hidratada ou cal virgem e água, em simples mistura. (Nota da **IHU On-Line**)

tria química) tem diversos casos mostrando isso.

IHU On-Line - O argumento de quem defende a agricultura com plantas transgênicas e uso de agrotóxicos é a necessidade da produção em grande escala, otimizando o uso de recursos naturais. Mas como a agricultura orgânica pode fazer frente a esses argumentos?

Ana Maria Primavesi - Orgânica-ecológica! Como sempre digo: solos mortos geram plantas doentes que a natureza procura eliminar por meio de diversos agentes que, neste caso específico, chamamos de pragas e patógenos. Em condições normais, sem desequilíbrios, estes agentes seriam “cidadãos normais”, “guardiães normais” nos ecossistemas. Plantas doentes apresentam qualidade biológica, qualidade nutritiva para nossa alimentação, muito baixa. A transgenia, da forma praticada hoje em dia, simplesmente passa por cima desses conhecimentos ecológicos e promove a produção de alimentos deficientes nutricionalmente para a dieta humana.

E os solos, não sendo conservados nem recuperados, degradam até o ponto de precisarem ser abandonados. A transgenia não se importa em parar com a degradação dos solos. Essa é minha ressalva severa ao uso de ferramentas transgênicas, que podem ser muito úteis quando ecologicamente aplicadas. Mas, hoje em dia, deixam entender que, se usadas as sementes transgênicas, dispensam qualquer outro conhecimento técnico e ecológico de manejo, o que é falso.

IHU On-Line - Quais os desafios técnicos, políticos e econômicos para desenvolver a agricultura orgânica-ecológica nos dias de hoje?

Ana Maria Primavesi - É simplesmente fazer entender que existem serviços ecossistêmicos gratuitos, que dependem de infraestruturas ambientais naturais, que nenhum serviço ambiental tecnológico pago

consegue substituir de maneira aceitável e completa. E que o desmonte consciente ou inconsciente dessas infraestruturas ambientais (solo bem agregado e permeável protegido permanentemente, estruturas evapotranspiradoras hidrotérmicas reguladoras que são as árvores alocadas estrategicamente na microbacia hidrográfica, a diversidade de flora e de sua vida associada principalmente) leva à regressão ecológica do ambiente e, com isso, à insustentabilidade da agricultura industrial e, em escala menor, também da orgânica.

A percepção dessa infraestrutura essencial, que permite os serviços ecossistêmicos essenciais, é que é necessária e facilmente percebida ao comparar a evolução de um ambiente natural primário a clímax. Mas precisa ser aplicada, também, na agricultura orgânica. Por exemplo, um dos erros fatais na agricultura orgânica é querer enterrar a matéria orgânica. O lugar dela é na superfície da terra. A natureza deixa isso claríssimo. Outro erro é querer compostar tudo, em regiões tropicais, e aí se perde a melhor parte da atividade de degradação da matéria orgânica, em que são geradas as colas bacterianas para agregar as partículas sólidas do solo, e servir de alimento energético a fungos que, ao procurar ingerir esses açúcares com seus micélios, vão dar estabilidade aos agregados. Falta educação ambiental de como a vida funciona, tanto para os orgânicos como para aqueles que procuram praticar a agricultura em moldes industriais.

IHU On-Line - Como avalia as discussões sobre meio ambiente e produção ecológica hoje? Qual a importância do pensamento sistêmico, como, por exemplo, o que propõe o Papa Francisco na encíclica *Laudato Si'*¹⁹, para a preservação do planeta?

¹⁹ *Laudato Si'* (português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum"); encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáti-

Ana Maria Primavesi - Mudanças são difíceis de realizar. Ainda mais quando se fala em atividades conservacionistas (nem se cogitam as recuperadoras) de médio a longo prazo, conhecimentos mais complexos que exigem gerenciamento mais complexo, se tudo tende a realizar o que for mais fácil e rápido. O papa certamente indicou as causas dos problemas atuais: sociais e ambientais, que em realidade são duas faces da mesma moeda. Falta agora mostrar o que e como fazer. A sociedade é parte do aspecto ambiental, mas insiste-se em separar isso nos cursos universitários. Esse

“
A lógica ainda é cega, e procura adequar o ambiente às máquinas. Triste. Triste. De apertar o coração!

conhecimento fragmentado, compartimentado, analista, especializado é o grande mal.

Se não for alterado para um ensino sintetizador, integrador, holístico, generalista, não vai haver solução em curto prazo. As poucas empresas que estão realizando um procedimento orgânico-ecológico estão tendo sucesso. A produtividade em realidade é muito maior quando se incorpora o aspecto biológico aos sistemas de produção, e para o qual a matéria orgânica di-

cas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista **IHU On-Line** publicou uma edição em que analisa debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqbhAJ> (Nota da **IHU On-Line**)

versificada, produzida localmente, é essencial.

Pacote vendido, comprado e não compreendido

O problema que vejo é que, além disso, ainda se tenta vender pacotes. Teve o pacote tecnológico da revolução verde que ainda vigora, agora enriquecido com o pacote de controle digital (agricultura de precisão), e existe a tentativa de se vender o pacote orgânico. Não se trazem informações de como o solo e o ambiente precisam ser manejados, e que com esse conhecimento ecológico básico ficaria mais fácil adequar um pacote, seja industrial ou orgânico. Sem conhecer esses fundamentos, ao tentar usar um pacote e ele não funcionar, este é criticado, queimado, descartado. Esse é um dos grandes problemas. Quando se conhecem os fundamentos, e o pacote não funciona, procuramos encontrar as causas e corrigir o pacote, e aí se progride.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Ana Maria Primavesi - Resumindo. É preciso observar mais a natureza. Não somente a clímax (florestas; que curiosamente ocorrem tanto em condições tropicais como árticas), mas também as primárias. Procurar manter o solo permeável e protegido por cobertura vegetal diversificada (incluindo as estruturas arbóreas estratégicas) é o caminho para se chegar à agricultura sustentável.

Quando algo vai mal em um sistema de produção, deve-se procurar pelas causas, e não simplesmente combater sintomas. O componente biológico dos solos deve ser considerado. E para isso é preciso saber manejar a matéria orgânica de maneira correta, em termos de tipos, modos e localização. Observando isso, a eficiência dos insumos utilizados (sementes, adubos, irrigação) e o capital investido vão apresentar eficiência surpreendentemente muito maior, em benefício geral: produtor, consumidor, nação. ■

Agroecossistema. A interação e os relacionamentos de todas as partes do sistema alimentar

Steve Gliessman inscreve o conceito de agroecologia não só como práticas agrícolas, mas também como a interação e conexão de todos os elementos que compõem um sistema alimentar

Por João Vitor Santos | Tradução Walter O. Schlupp

Podemos conceber a ideia de sistema alimentar como o fluxo que se estabelece entre quem precisa comer e quem gera os alimentos, envolvendo agentes desde a produção, o plantio, o cultivo e a colheita no campo, passando pelo processamento, industrialização ou beneficiamento, até a venda e o consumo desses produtos¹. Entretanto, percebemos uma banalização dessas relações no modo de vida da sociedade atual, baseada no capitalismo. “A agricultura veio a se concentrar principalmente em aumentar o rendimento e intensificar o processo. Virou um negócio, em vez de um meio de sustento, perdendo, nessa evolução, seu fundamento ecológico original”, classifica Steve Gliessman, professor de Agroecologia do Departamento de Estudos Ambientais da Universidade da Califórnia. É por isso que defende o resgate do conceito ecológico de produção e consumo de alimentos. Assim, compreende que “agroecologia é muito mais do que as práticas agrícolas, é a interação e os relacionamentos de todas as partes do sistema alimentar. É um conjunto de princípios de ação, não apenas um conjunto de práticas para a produção”.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Gliessman defende a agroecologia como “uma maneira de

devolver ‘cultura’ à agricultura”. “Como a agroecologia é a ecologia do sistema alimentar inteiro, desde a semente e o solo por todo o trajeto até a mesa, sua fundação holística inclui as pessoas, a sociedade e as economias”, completa. Por isso, acredita no papel de cooperativas e outras organizações que são capazes de restaurar essas relações entre produtores e consumidores, a terra e o planeta.

Steve Gliessman é professor de Agroecologia do Departamento de Estudos Ambientais da Universidade da Califórnia; é doutor pela Universidade da Califórnia. Realiza pesquisas no âmbito da agroecologia, definida como a aplicação de conceitos ecológicos e princípios para a concepção e gestão de sistemas alimentares sustentáveis. Seu foco é a identificação, mensuração e monitoramento dos componentes ecológicos da sustentabilidade na agricultura, e a conexão destes componentes para os aspectos econômicos e sociais do projeto do sistema alimentar a longo prazo e de gestão. Entre suas publicações, destacamos *Agroecology: The Ecology of Sustainable Food Systems* (Agroecologia: A Ecologia de sistemas alimentares sustentáveis, em livre tradução) (Estados Unidos: CRC Press, 2006).

Confira a entrevista.

¹ O tema também foi discutido durante o **XV Simpósio Internacional IHU – Alimento e Nutrição no contexto dos Objetivos do Desenvolvimento do Milênio**, promovido pelo **Instituto Humanitas Unisinos – IHU** em maio de 2014. Saiba mais sobre o evento em <http://bit.ly/1T6TzcO>. O tema ainda foi pauta de duas edições da revista **IHU On-Line** no mesmo ano. São elas: **Alimento e nutrição no contexto dos Objetivos do Milênio**, edição número 442, de 05-05-2014 da revista **IHU On-Line**, disponível em <http://bit.ly/1Ik8LYd>; e **Desperdício e perda de alimentos**, edição número 452, de 01-09-2014, disponível em <http://bit.ly/1EkK8zs>. (Nota da **IHU On-Line**)



Os princípios básicos do desenvolvimento da agroecologia são os conceitos de diversificação, interação, pensamento sistêmico, transdisciplinaridade, justiça social e sustentabilidade

IHU On-Line - Como compreender o rompimento da agricultura com sua base ecológica? Como isso se dá e quais as consequências?

Steve Gliessman - Em partes demasiado numerosas do mundo, a agricultura veio a se concentrar principalmente em aumentar o rendimento e intensificar o processo. Virou um negócio, em vez de um meio de sustento, perdendo, nessa evolução, seu fundamento ecológico original.

IHU On-Line - Em que medida a agroecologia pode ser vista como alternativa aos problemas da agricultura convencional?

Steve Gliessman - A agroecologia é uma maneira de devolver "cultura" à agricultura, assim restabelecendo a base ecológica do nosso sistema alimentar. Como a agroecologia é a ecologia do sistema alimentar inteiro, desde a semente e o solo por todo o trajeto até a mesa, sua fundação holística inclui as pessoas, a sociedade e as economias.

IHU On-Line - Quais os desafios, tanto do ponto de vista técnico como também econômico, para a expansão da agroecologia no mundo e para conversão do sistema tradicional de produção?

Steve Gliessman - O maior desafio é, muito provavelmente, desenvolver agroecossistemas² alter-

² **Agroecossistema:** é um ecossistema com presença de, pelo menos, uma população agrícola. Portanto, pode ser entendido como

nativos ante o forte controle do sistema alimentar do qual se assenhorearam atualmente grandes corporações e interesses privados que pensam do jeito que descrevi na primeira resposta. Isto exige uma compreensão profunda da economia política dos sistemas alimentares, e o desenvolvimento de alternativas para a atual estrutura de poder político e econômico.

IHU On-Line - De que forma é possível aliar as discussões ecológicas em torno da produção desde a agricultura até a pecuária?

Steve Gliessman - A principal maneira de se fazê-lo é usar o conceito de agroecossistema para redesenhar os sistemas alimentares, devolvendo aos mesmos a diversidade, especialmente pela "re-integração" de animais e plantas em sistemas equilibrados e interativos.

IHU On-Line - Como compreender os princípios da agroecologia? Qual sua origem e como vem sendo trabalhada no mundo?

Steve Gliessman - A agroecologia opera como uma ciência que ao mesmo tempo se fundamenta

uma unidade de trabalho no caso de sistemas agrícolas, diferindo fundamentalmente dos ecossistemas naturais por ser regulado pela intervenção humana na busca de um determinado propósito. Os agroecossistemas possuem quatro propriedades (produtividade, estabilidade, sustentabilidade e equidade) que avaliam se os objetivos do sistema – aumentar o bem-estar econômico e os valores sociais dos produtores – estão sendo atingidos. (Nota da **IHU On-Line**)

na teoria ecológica holística³. Ela opera como conjunto de práticas baseadas na experiência e no conhecimento local e, além disso, funciona como parte de um movimento social projetado para levar sustentabilidade ecológica, econômica e social a todos os lugares e pessoas de sistemas alimentares por toda a parte. Todos os três componentes são necessários, caso contrário, não será agroecologia plena.

Ela tem muitas origens, mas, para mim pessoalmente, começou nos campos dos agricultores maias no sudeste do México, quando os engajei num processo de compartilhamento de conhecimento participativo em meados da década de 1970. Agora ela se tornou um movimento global.

IHU On-Line - Como a Teoria da Trofobiose⁴, de Chaboussou⁵,

³ No modelo de pensamento sistêmico holístico ou ecológico, o universo é explicado como um grande sistema, uma rede dinâmica de eventos inter-relacionados. Sendo assim a percepção de uma determinada realidade não faz sentido se ao observá-la não considerar o seu contexto. Nessa perspectiva o observador também é parte integrante da realidade observada, pois nada se encontra isolado e tudo faz parte de uma rede de relações, na qual todos são responsáveis por tudo. Por sistema entende-se um conjunto com dois ou mais elementos (conceitos, ideias, objetos, organismo ou pessoas), em constante interação, que sempre buscam atingir um mesmo objetivo ou equilíbrio. Esta forma de compreensão e interpretação é uma inovadora estrutura conceitual do processo de pensamento, seja em relação à natureza, à sociedade ou ao processo de construção do conhecimento. A visão holística ou sistêmica é um retorno às antigas cosmovisões. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Teoria da Trofobiose:** diz que uma planta desequilibrada nutricionalmente torna-se mais suscetível a pragas e patógenos. A adubação mineral e o uso de agrotóxicos provocam inibição na síntese de proteínas, causando acúmulo de nitrogênio e aminoácidos livres no suco celular e na seiva da planta, alimento que pragas e patógenos utilizarão para se proliferar. O primeiro a formular a teoria foi Francis Chaboussou. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ **Francis Chaboussou:** pesquisador francês autor da Teoria da Trofobiose que, na década de 1970, lançou um dos pilares da agroecologia. Formado em biologia pela Universidade de Bordeaux, na França, foi pesquisador do Institut National de la Recherche Agronomique e da Estação de Zoologia do Centro de Pesquisas Agrônomicas de Bordeaux. (Nota da **IHU On-Line**)

pode contribuir para que se compreenda o que está por trás da ideia de agroecologia?

Steve Gliessman - Trofobiose é apenas uma pequena parte de um sistema alimentar, que se aplica principalmente ao âmbito do cultivo, onde um organismo interage com outro, de modo a produzir mais alimentos. É uma interação positiva que raramente ocorre em lavouras convencionais, mas acontece frequentemente em agroecossistemas diversificados. Os princípios básicos do desenvolvimento da agroecologia são os conceitos de diversificação, interação, pensamento sistêmico, transdisciplinaridade, justiça social e sustentabilidade.

IHU On-Line - Qual sua avaliação acerca da produção agroecológica no Brasil e América Latina?

Steve Gliessman - Em termos do mercado maior, a agroecologia ainda forma uma parte pequena da produção agroecológica, mas para a maioria dos latino-americanos continua sendo a principal fonte de alimentos. Esse alimento vem de milhões de granjas familiares e pequenos agricultores que continuam em atividade no Brasil e na América Latina.

IHU On-Line - De que forma o conceito de agroecologia pode impactar socialmente na vida de produtores e consumidores?

Steve Gliessman - Com seu foco em segurança alimentar, soberania alimentar, meios de vida sustentáveis e justiça social no sistema

“

A agroecologia é uma maneira de devolver “cultura” à agricultura

alimentar, produtores e consumidores precisam reconectar-se desenvolvendo interações e sistemas alimentares baseados no relacionamento. Agroecologia tem a ver tanto com os produtores quanto com os consumidores. Sua estreita relação proporciona uma base importante para a mudança do sistema alimentar.

IHU On-Line - Muitas iniciativas de produção e venda de produtos agroecológicos partem da socie-

dade civil, através de cooperativas. Qual a importância dessas iniciativas? Qual deve ser o papel do poder público no estímulo à produção e consumo desses alimentos?

Steve Gliessman - Relações profundas entre consumidores conscientes e comprometidos e produtores agroecológicos são uma parte essencial da mudança do sistema alimentar. As cooperativas oferecem uma forma de organizar essas relações. Há muitas outras que permitem essa relação direta: grupos de consumidores, associações, cooperativas de comercialização, feiras de agricultores etc. Os governos precisam reconhecer e apoiar essa voz da sociedade civil, e não apenas se deixar influenciar por grandes produtores, interesses corporativos e empresas internacionais.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Steve Gliessman - Agroecologia é muito mais do que as práticas agrícolas, é a interação e os relacionamentos de todas as partes do sistema alimentar. É um conjunto de princípios de ação, não apenas um conjunto de práticas para a produção. ■



Por uma “Ciência Convivial”

Ulrich Loening vê necessidade de mudança na relação entre humanidade e planeta, pensando perspectivas econômicas e científicas que promovam a convivência de todas as formas de vida

Por João Vitor Santos | Tradução Walter O. Schlupp

Para o professor doutor em Bioquímica Ulrich Loening, desde que o ser humano vislumbrou a necessidade de grandes produções agrícolas, a Terra começou a ser alterada. “Desde as primeiras revoluções agrícolas de 10 mil anos atrás, a agricultura tem perturbado ecologias locais, e agora com intensidade ainda maior”, pontua. Por isso, defende a necessidade de se romper essa lógica, estimulando formas de produções que respeitem as mais diversas ecologias do planeta. É o que o professor enfatiza ao destacar, por exemplo, que “métodos de agroecologia visando manter o húmus e os organismos do solo constituem a característica crucial da abordagem proposta”. Ou seja, uma nova relação com a terra, com a produção.

Entretanto, na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, Loening problematiza esse rompimento de paradigma, que vai além da introdução de outras técnicas de produção agrícola. Para ele, a questão de fundo a ser atacada é cultural. “Passa a ser uma mudança na cultura social, um modo de vida que procura não subjugar a natureza”, explica. Parece simples, mas essa sua abordagem muda a pers-

pectiva que se tem hoje com relação, por exemplo, à ciência.

Ulrich Loening é membro do Conselho de Administração do Centro de Ecologia Humana (Centre for Human Ecology), em Edimburgo, na Escócia. Em 1984, presidiu a entidade e se aposentou em 1995. É doutor em Bioquímica pela Universidade de Oxford, na Inglaterra. Dedicou-se ao ensino e pesquisa sobre a síntese de proteínas e ácidos nucleicos, nos Departamentos de Botânica e Zoologia, na Universidade de Edimburgo, até o final da década de 80. Desenvolveu vários métodos de eletroforese para análise de RNA (em Biologia, o ácido ribonucleico - sigla em português: ARN e em inglês, RNA, ribonucleic acid - é o responsável pela síntese de proteínas da célula) e seu processamento e transporte para o citoplasma e confirmou a ideia emergente de que cloroplastos de plantas evoluíram a partir de simbiose com algas verde-azuladas - engenharia genética natural. Se diz um interessado por história natural, jardinagem e agricultura desde criança. Por isso, acredita que se envolveu com estudos e pesquisas sobre impactos ecológicos da sociedade.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - No que consiste o conceito de agroecologia? O que revela enquanto modo de vida, para além de sistema ou técnica de produção no campo?

Ulrich Loening - Agroecologia é a filosofia e a prática da agricultura que leva em conta a forma como a granja ou fazenda se encaixa na ecologia da região. Em contraste com a agricultura convencional,

que tem, na prática, ignorado ou atalhado processos naturais, a agroecologia tenta aproveitar processos naturais para produzir alimentos para os seres humanos. Ela enverga o ecossistema local em favor dos seres humanos, porém não muito. Por isso, passa a ser uma mudança na cultura social, um modo de vida que procura não subjugar a natureza.

IHU On-Line - Como compreender a relação entre o solo e a produção agroecológica? De que forma é possível tratar o solo enquanto organismo vivo, preservando as inúmeras formas de vida que nele existem e desenvolver a produção agrícola?

Ulrich Loening - Quase se poderia inverter essa pergunta: como conseguirá persistir a agricultura



Para resolver como, onde e se os humanos poderão viver na Terra, é necessária uma atitude científica nova e culturalmente diferente

convencional com grande utilização de fertilizantes e pesticidas, tendo em vista que ela tem causado perda contínua de solos e fertilidade? Já desde as primeiras revoluções agrícolas de 10 mil anos atrás, a agricultura tem perturbado ecologias locais, e agora com intensidade ainda maior. Métodos de agroecologia visando manter o húmus e os organismos do solo constituem a característica crucial da abordagem proposta.

Mudança na estrutura econômica

A produção seria mais sustentável desenvolvendo métodos de agroecologia, mas é preciso reconhecer que, no frígido dos ovos, mesmo com essa mudança de matriz produtiva, talvez não seja possível alimentar a população humana, que vem crescendo muito. Já agora, a demanda por alimento no mundo é muito maior do que a agricultura convencional consegue atender. Ainda não estamos em estado de crise, já que alimento suficiente vem sendo produzido para alimentar todos, e muitos mais. O problema no momento é a distribuição precária e a pobreza. Isso exige primeiro uma mudança nas estruturas econômicas, e essa mudança por si mesma já poderia incentivar a agricultura mais sustentável e ecologicamente sadia.

IHU On-Line - De que forma é possível fazer controle de pragas, desde insetos até ervas daninhas, e produzir alimentos saudáveis apenas trabalhando o manejo do solo? É nisso que se apoia a Teoria da Trofobiose? Que outras perspectivas a Teoria abre?

Ulrich Loening - Uma planta que cresce em seu ambiente natural com uma alimentação equilibrada é resistente a pragas e doenças, porque os organismos causadores de doenças não terão facilidade em obter os nutrientes de que precisam. Essa é a base da trofobiose, termo inventado por Chaboussou¹ em seu livro de 1985². Mas a agricultura de acordo com a trofobiose não consegue inibir as ervas daninhas. Afinal de contas, ervas daninhas são apenas aquelas plantas que nós, incidentalmente, não desejamos, e a natureza não pode distinguir o que nós casualmente queremos colher. A interpretação da trofobiose destaca o quanto nossos métodos agrícolas convencionais, pelo menos desde meados do século 19, se baseiam em insumos químicos que substituem as formas como as plantas se nutrem.

IHU On-Line - Em que medida a compreensão das formas de vida contidas no solo (visto como um espaço micro de todo o planeta) pode contribuir com o entendimento mais amplo da biologia humana?

Ulrich Loening - Após dois séculos em que começamos a compreender a ciência da agricultura, só recentemente é que se está come-

¹ **Francis Chaboussou**: pesquisador francês autor da Teoria da Trofobiose que, na década de 1970, lançou um dos pilares da agroecologia. Formado em biologia pela Universidade de Bordeaux, na França, foi pesquisador do Institut National de la Recherche Agronomique e da Estação de Zoologia do Centro de Pesquisas Agronômicas de Bordeaux. (Nota da **IHU On-Line**)

² Referência em português: Chaboussou, Francis. Plantas doentes pelo uso de agrotóxicos: a teoria da trofobiose; tradução de Maria José Guazzelli; Porto Alegre: L&PM, 1987. (Nota da **IHU On-Line**)

çando a reconhecer o significado da enorme diversidade da vida no solo. Esta nova compreensão começou com a descoberta das micorrizas³ na década de 1880, fungos que crescem em torno ou dentro de raízes de plantas e liberam nutrientes minerais para a planta, a qual, em troca, fornece alimento para os fungos.

Este é o maior sistema simbiótico do mundo e é provável que a vida vegetal na terra não poderia ter evoluído sem ele. Agora percebemos que milhões de micro-organismos do solo, desconhecidos em sua maioria, também ajudam as plantas a crescer de forma saudável. Esse diversificado ecossistema do solo, que tem sido comparado às complexidades de uma floresta tropical, também afeta diretamente a saúde humana. De modo semelhante, nosso sistema gastrointestinal também contém um vasto "bioma", consideravelmente influenciado de fora.

IHU On-Line - Quais os desafios para se romper com uma forma de relação mercantil entre o ser humano e a terra, que se materializa da agricultura baseada no modelo de agronegócio, e propor uma relação mais ecologicamente integral, valorizando as pequenas propriedades e produção mais limpa?

Ulrich Loening - Assim que algo é bem-sucedido, tende a fixar-se e continuar com seu próprio sucesso. Até mesmo o avanço da civilização exige que formas exitosas de vida sejam passadas de geração em geração. Apenas quando o sucesso ultrapassa seus limites num pequeno planeta, surgem problemas. É difícil alterar a maneira como pensamos, uma vez instalados o mito de Prometeu⁴ de obter o fogo (poder)

³ **Micorriza** ou Micorrhizum: é uma associação mutualística do tipo simbiótico, existente entre certos fungos e raízes de algumas plantas. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Prometeu**: na mitologia grega, Prometeu é um titã, filho de Jápeto e irmão de Atlas, Epimeteu e Menoécio. Foi um defensor da humanidade, conhecido por sua astuta inteligência, responsável por roubar o fogo de Zeus e o dar aos mortais. Zeus teria então punido-o

do céu e a atitude baconiana⁵ que lançou a ciência ocidental (“conhecimento é poder”). Surge a necessidade de mudança em direção a uma relação ecológica. Eu vejo isso como desafio fundamental por excelência.

Em nível mais prático, as pequenas propriedades (“*small is beautiful*” - o pequeno é lindo) são parte da resposta e, atualmente, continuam sendo as que produzem a maioria dos alimentos que realmente chegam à mesa. Mas as pequenas propriedades também precisam ficar intimamente conectadas com sua situação ecológica, em vez de combatê-la. Elas precisam basear-se em ciclagem de materiais, com estreitos laços dos seres humanos com a granja, que permitem o cultivo com o “dedo verde”. O/A agricultor/a, suas ferramentas e métodos, e o entorno, todos são parte do ecossistema local. Uma relação comercial de grande porte não consegue fazer justiça a esse fato, e assim torna-se insustentável.

IHU On-Line - Qual o papel dos governos no estímulo à agroecologia? Como avalia o desempenho de organizações civis, como cooperativas, da promoção desse estilo de vida e produção agroecológica?

Ulrich Loening - Políticos em geral não entendem de ecologia humana, talvez nem o consigam. Eles operam baseados no princípio de que sistemas financeiros eficazes no curto prazo conseguem satisfazer nossos desejos, e partem do princípio de que se algo parece bom, então mais do mesmo deve

por este crime, deixando-o amarrado a uma rocha por toda a eternidade enquanto uma grande águia comia todo dia seu fígado – que crescia novamente no dia seguinte. O mito foi abordado por diversas fontes antigas (entre elas dois dos principais autores gregos, Hesíodo e Ésquilo), nas quais Prometeu é creditado – ou culpado – por ter desempenhado um papel crucial na história da humanidade. (Nota da **IHU On-Line**)

⁵ Relativo à filosofia de Francis Bacon. Indução baconiana ou indução ampliadora, raciocínio empregado nas ciências experimentais e que consiste em passar de certo número de casos particulares a uma lei geral. (Nota da **IHU On-Line**)

ser melhor. Mas nosso mundo, superlotado desse princípio, perde sua validade, empresas gigantes do agronegócio rompem as ligações ecológicas e sociais que as pequenas propriedades produtivas podem ter.

A política da maioria dos governos e federações, como os Estados Unidos e a União Europeia, tem sido a de incentivar positivamente grandes fazendas, grandes empresas de suprimentos e cadeias alimentares mais longas e mais complexas. Tais políticas só podem levar a um distanciamento maior em relação às realidades ecológicas. Isso, por sua vez, faz com que empresas, mais do que os governos, governem o mundo e determinem as políticas a serem seguidas.

“

Esse diversificado ecossistema do solo também afeta diretamente a saúde humana

Vemos isso agora nas negociações (a portas fechadas) para o TTIP⁶, acordo de comércio internacional proposto entre a União Europeia e os Estados Unidos, que ameaça

⁶ **Acordo de Parceria Transatlântica de Comércio e Investimento (APT)**: mais conhecido como TTIP (em inglês: Transatlantic Trade and Investment Partnership) ou TAFTA (em inglês: Trans-Atlantic Free Trade Agreement), é uma proposta de acordo de livre comércio entre a União Europeia e os Estados Unidos, em forma de tratado internacional. O tratado visa impedir a interferências dos Estados no comércio entre os países aderentes e está a ser negociado em paralelo com a Parceria Trans-Pacífico ou TPP (em inglês: Trans-Pacific Partnership). O tema tem sido tratado nas Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, em diversos artigos. Entre eles “A história do caminho do capitalismo para o fascismo social”, de Eulogio González Hernández, publicado em 03-02-2016, disponível em <http://bit.ly/23uLU7K>. Confira mais artigos em ihu.unisinos.br. (Nota da **IHU On-Line**)

incentivar grandes corporações no sentido de controlar as políticas nacionais distantes.

Os governos têm, claramente, um papel primordial de impedir isso, assim como eles normalmente não têm deixado que monopólios interfiram no livre comércio. Provavelmente alguma forma de protecionismo é necessária, que permita desenvolvimentos locais livres de interferência externa. Obviamente este argumento econômico tem implicações sociais diretas. A liberdade individual de escolha é reprimida por grandes corporações, assim como tem sido reprimida por ditaduras totalitárias, em algumas partes do mundo.

IHU On-Line - A continuidade e crescimento da civilização pode ser compatível com a sustentabilidade ecológica global? Como articular a ideia local de sustentabilidade com a causa global?

Ulrich Loening - Esta foi a questão abordada e até certo ponto respondida pelo Relatório sobre os Limites do Crescimento elaborado para o Clube de Roma em 1972⁷. A resposta é que não, que se continuarmos *business as usual*, chegaremos a um impasse. À medida que a civilização evolui, ela também precisa desenvolver-se no sentido de “adequar suas ações aos padrões da natureza”, como indicou a Comissão Brundtland⁸ em

⁷ **Clube de Roma**: é um grupo de pessoas ilustres que se reúnem para debater um vasto conjunto de assuntos relacionados a política, economia internacional e, sobretudo, ao meio ambiente e o desenvolvimento sustentável. Foi fundado em 1966 pelo industrial italiano Aurelio Peccei e pelo cientista escocês Alexander King. Tornou-se muito conhecido a partir de 1972, ano da publicação do relatório intitulado Os Limites do Crescimento, elaborado por uma equipe do MIT, contratada pelo Clube de Roma e chefiada por Dana Meadows. O relatório, que ficaria conhecido como Relatório do Clube de Roma ou Relatório Meadows, tratava de problemas cruciais para o futuro desenvolvimento da humanidade tais como energia, poluição, saneamento, saúde, ambiente, tecnologia e crescimento populacional, foi publicado e vendeu mais de 30 milhões de cópias em 30 idiomas, tornando-se o livro sobre ambiente mais vendido da história. (Nota do **IHU On-Line**).

⁸ **Relatório Brundtland ou Nosso Futuro Comum**: Publicado em 1987, concebe

suas declarações de abertura em 1987. A próxima grande ideia social e científica trataria de tornar a civilização compatível com as realidades planetárias⁹. Resolver essa contradição exige uma visão global com ação local, coisa difícil de se conseguir, que em si precisa evitar o sofrimento causado pelas falhas das grandes corporações. Mas agora podemos ver novas atitudes emergindo, com grande número de pessoas da maioria dos países ansiando por melhorias.

IHU On-Line - Quais os impactos das diferentes civilizações tecnológicas nas formas de vida do planeta? Como isso repercute na agricultura?

Ulrich Loening - É notável que a “ciência” no sentido moderno surgiu na Europa, e não na China, apesar de sua antiga civilização, nem em países budistas, embora Buda¹⁰ tenha aconselhado que “nada vem de mão beijada”. Agora, esta atitude científica inicialmente europeia passou a permear o mundo inteiro. Talvez seja o momento de a Europa mais uma vez desencadear um novo Esclarecimento [ou Iluminis-

o desenvolvimento sustentável como “o desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades”. No início da década de 1980, a ONU retomou o debate das questões ambientais. Indicada pela entidade, a primeira-ministra da Noruega, Gro Harlem Brundtland, chefiou a Comissão Mundial sobre o Meio Ambiente e Desenvolvimento, para estudar o assunto. (Nota da **IHU On-Line**)
⁹ **Frank Fraser Darling**, o ecologista escocês, escreveu em 1951 que a “civilização é em última análise, uma contradição”. (Nota do entrevistado)

¹⁰ **Buda**: é um título dado na religião budista àqueles que despertaram plenamente para a verdadeira natureza dos fenômenos e se puseram a divulgar tal redescoberta aos demais seres. “A verdadeira natureza dos fenômenos”, aqui, quer dizer o entendimento de que todos os fenômenos são impermanentes, insatisfatórios e impessoais. Tornando-se consciente dessas características da realidade, seria possível viver de maneira plena, livre dos condicionamentos mentais que causam a insatisfação, o descontentamento, o sofrimento. O primeiro buda Sidarta Gautama. Foi um príncipe da região do atual Nepal que se tornou professor espiritual, fundando o budismo. Na maioria das tradições budistas, é considerado como o “Supremo Buda” de nossa era, Buda significando “o desperto”. (Nota da **IHU On-Line**)

mo] cultural/científico. Diferentemente de outros tempos, pode-se procurar soluções e sabedoria entre povos menos aculturados, cuja cultura tenha sobrevivido em alguns lugares. O conceito de “*The Way*”¹¹ (livro de Edward Goldsmith¹²), visando desenvolvimento com

“

Resolver essa contradição exige uma visão global com ação local

equidade social e ecológica de antigas raízes, pode fornecer um *ethos* para uma nova síntese.

IHU On-Line - No que consiste a ideia de “tecnologia apropriada” e qual sua relação com as formas de vida integrais, como a agroecologia?

Ulrich Loening - Tecnologia apropriada muitas vezes tem sido confundida com a “tecnologia intermediária” preconizada por Schumacher¹³. Eu considero apro-

¹¹ **The Way**: An Ecological Worldview (A maneira: uma visão de mundo ecológica, em livre tradução). Goldsmith, Edward. Reino Unido: Veltune Publishing, 2014. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² **Edward René David Goldsmith** (1928-2009): foi um ambientalista anglo-francês, escritor e filósofo conhecido por seus pontos de vista críticos em relação à sociedade industrial e da economia de livre mercado era conhecido. (Nota da **IHU On-Line**)

¹³ **Ernst Friedrich Fritz Schumacher** (1911-1977): pensador econômico, estatístico e economista no Reino Unido, servindo como conselheiro-chefe de economia ao National Coal Board britânico por duas décadas. Suas ideias tornaram-se populares em boa parte do mundo anglófono durante a década de 1970. Ele é mais conhecido por sua crítica às economias ocidentais e suas propostas de tecnologias adequadas e descentralizadas. As teorias básicas de desenvolvimento de Schumacher ficaram conhecidas pelos termos “escala intermediária” e “tecnologia intermediária”. Em 1977, publicou *A Guide for the Perplexed*, uma crítica ao cientificismo materialista e uma exploração da natureza e da organização do conhecimento. Junto com amigos de longa data e sócios como Mansur Hoda, Schu-

ariado aquilo que se adéqua à situação. Excelente exemplo são tecnologias que aproveitam energia do ambiente, que em última análise emana do sol e continua emanando, quer a usemos ou não. Se cobrirmos nossas necessidades de energia a partir desse fluxo, então é apropriado. Da mesma forma, a agricultura que se encaixa nos ciclos da natureza (e não apenas nas estações do ano, mas nos fluxos materiais e biológicos) conseguirá atuar e funcionar de forma sustentável. Nossa oferta de alimentos deve vir dos fluxos de nutrientes e organismos ao longo do ecossistema, causando o mínimo possível de diferenças, sejam usados ou não.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Ulrich Loening - Sim! Se somar tudo que argumentei acima, e outros estudos não incluídos aqui, você só pode chegar a uma conclusão: que a ciência aplicada sobre a qual nossa civilização está construída tem raízes culturais profundas. Agora, para resolver como, onde e se os humanos poderão viver na Terra, é necessária uma atitude científica nova e culturalmente diferente. Eu não quero dizer um método científico novo ou diferente, porque é autocriado pelo senso comum lógico, mas uma nova abordagem sobre a forma de aplicar a ciência e sobre sua motivação. Eu gosto de promover um nome para esta nova ciência: “Ciência Convivial”. Deriva de “con-vivo”, que significa “com vida” [sic]. Ciência Convivial pode ser usada em muitos sentidos: é uma ciência que cria tecnologias ecologicamente apropriadas, que promove a relação de convívio da sociedade com a natureza, que pode ajudar a superar a antipatia de muitas pessoas contra a ciência, e, acima de tudo, que pode criar uma relação mais convivial entre os seres humanos e a natureza. ■

macher fundou o Intermediate Technology Development Group, agora conhecido como Practical Action, em 1966. (Nota da **IHU On-Line**)

Quando a tecnociência vê um pixel mas ignora a paisagem

Para Antonio Nobre, mais importante do que ser multidisciplinar é ser não-disciplinar, isto é, integrar e dissolver as “disciplinas” em um saber amplo e articulado, sem fronteiras artificiais e domínios de egos

Por João Vitor Santos

O conhecimento científico não pode cegar a complexa relação entre os inúmeros ecossistemas presentes no planeta. “Tal abordagem gera soluções autistas que não se comunicam, tumores exuberantes cuja expansão danifica tudo que está em volta. Assim, a tecnociência olha o mundo com um microscópio grudado em seus olhos, vê pixel, mas ignora a paisagem”, afirma Antonio Donato Nobre, cientista do Centro de Ciência do Sistema Terrestre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - CCST/Inpe.

“A maior parte da agricultura tecnificada adotada pelo agronegócio é pobre em relação à complexidade natural. Ela elimina de saída a capacidade dos organismos manejados de interferir benéficamente no ambiente, introduzindo desequilíbrios e produzindo danos em muitos níveis”, analisa, em entrevista concedida por e-mail à IHU On-Line.

Para Nobre, a saída não é abandonar a ciência e a tecnologia produtiva de alimentos, mas sim associá-las e integrá-las a sistemas complexos de vidas em ecossistemas do Planeta. É entender, por exemplo, que a criação de áreas de plantio e produção agropecuária impactarão na chamada “equação do clima”. “É preciso remover os microscópios dos olhos,

olhar o conjunto, perceber as conexões e, assim, aplicar o conhecimento de forma sábia e benéfica”, aponta.

Antonio Donato Nobre é cientista do Centro de Ciência do Sistema Terrestre do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais - CCST/Inpe, autor do relatório *O Futuro Climático da Amazônia*, lançado no final de 2014. Tem atuado na divulgação e popularização da ciência, em temas como a Bomba biótica de umidade e sua importância para a valorização das grandes florestas, e os Rios Aéreos de vapor, que transferem umidade da Amazônia para as regiões produtivas do Brasil. Foi relator nos estudos sobre o Código Florestal promovidos pela Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência - SBPC e Academia Brasileira de Ciências. Possui graduação em Agronomia pela Universidade de São Paulo, mestrado em Biologia Tropical (Ecologia) pelo Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e é PhD em Earth System Sciences (Biogeochemistry) pela University of New Hampshire. Atualmente é pesquisador titular do Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e pesquisador Visitante no Centro de Ciência do Sistema Terrestre, do Instituto Nacional de Pesquisas Espaciais.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Quais os impactos da produção agrícola nas mudanças climáticas? Quais os riscos que o modelo do agronegócio (baseado nas grandes propriedades e produção em larga escala de uma só cultura por vez) representa?

Antonio Donato Nobre - A ocupação desordenada das paisagens produz pesados impactos no funcionamento do sistema de suporte à vida na Terra. A expansão das atividades agrícolas - quase sempre associada à devastação das flores-

tas que têm maior importância na regulação climática - tem consequências que se fazem sentir cada vez mais, e serão devastadoras se não mudarmos a prática da agricultura. A natureza, ao longo de bilhões de anos, evoluiu um sofisticadíssimo



É preciso iluminar e revelar a imensa teia de mentiras criada em torno da revolução verde com seus exuberantes tumores tecnológicos

sistema vivo de condicionamento do conforto ambiental. Biodiversidade é o outro nome para competência tecnológica na regulação climática. A maior parte da agricultura tecnificada adotada pelo agrobusiness é pobre em relação à complexidade natural. Ela elimina de saída a capacidade dos organismos manejados de interferir benéficamente no ambiente, introduzindo desequilíbrios e produzindo danos em muitos níveis.

IHU On-Line - Como aliar agricultura e pecuária à preservação de florestas e outros ecossistemas? Como o novo Código Florestal¹ brasileiro se insere nesse contexto?

1 Novo Código Florestal: o sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU realizou uma série de entrevistas sobre o tema. Acesso: 27/06/2012 – “Rio+20 é o piso, e não é o teto” é uma frase triste e o recibo oficial do resultado píffio’. Entrevista especial com André Lima, disponível em <http://bit.ly/MAzSD6>; 09/10/2011 – Mais estímulo ao desmatamento. Entrevista especial com André Lima, disponível em <http://bit.ly/1bOJHuv>; 28/05/2013 – Regulamentação do Código Florestal desagrada ruralistas, disponível em <http://bit.ly/19YXxsZ>; 25/05/2013 – Código Florestal: 1 ano e pouco avanço, disponível em <http://bit.ly/154amjw>; 23/05/2013 – Sociedade civil lança Observatório do Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/14UhnDq>; 22/05/2013 – Um ano do Código Florestal: tudo dito, nada feito, disponível em <http://bit.ly/18hmyj5>; 31/01/2013 – Subprocuradora propõe ações contra Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/Vy1ofM>; 29/01/2013 – Bancada ruralista se articula para derrubar vetos ao Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/Vy1ofM>; 23/01/2013 – Procuradoria-Geral da República considera inconstitucionais vários dispositivos do novo Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/WUxr1T>; 22/01/2013 – Procuradoria Geral questiona trechos do Código Florestal no Supremo <http://bit.ly/Ykc94u>; 20/10/2012 – Verdes e ruralistas divergem sobre vetos a pontos do Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/RL45Co>; 20/10/2012 – Depois da disputa do Código Florestal vem a da Mi-

Antonio Donato Nobre - Extensa literatura científica mostra muitos caminhos para unir com vantagens agricultura, criação de animais e a preservação das florestas e de outros importantes ecossistemas. Esse conhecimento disponível assevera não haver conflito legítimo entre proteção dos ecossistemas e produção agrícola. Muito ao contrário, a melhor ciência demonstra a dependência umbilical da agricultura aos serviços ambientais providos pelos ecossistemas nativos.

Em 2012, contrariando a vontade da sociedade, o congresso revogou o código florestal de 1965. A introdução de uma nova lei florestal lasciva e juridicamente confusa já está produzindo efeitos danosos, como aumentos intoleráveis no desmatamento e a eliminação da exigência, ou o estímulo à procrastinação, no que se refere à recuperação de áreas degradadas. Mas a proteção e recuperação de florestas tem direto impacto sobre o regime de chuvas. Incrível, portanto, que a agricultura, atividade que primeiro sofrerá com o clima inóspito que já bate às portas do Brasil, tenha sido justamente aquela que destruiu e continua destruindo os ecossistemas produtores de clima amigável. Enquanto estiver em vigor essa irresponsável e inconstitucional nova lei florestal, a degradação ambiental somente vai piorar.

IHU On-Line - De que forma o conhecimento mais detalhado sobre as formas de vida, e a relação

de vida, aponta relator da Dhesca, <http://bit.ly/RL3SyY>; 19/10/2012 – Código Florestal: o que restou?, disponível em <http://bit.ly/WvYGog>; 27/09/2012 – Os velhos coronéis e o Código Florestal, disponível em <http://bit.ly/RkPtld>. (Nota da **IHU On-Line**)

entre elas, em florestas, como a amazônica, pode inspirar formas mais eficientes de produção de alimentos e, ao mesmo tempo, minimizar impactos ambientais?

Antonio Donato Nobre - A biomimética² é uma nova área da tecnologia que copia e adapta soluções engenhosas encontradas pelos organismos para resolver desafios existenciais. Janine Benyus³, a pioneira popularizadora desse saber, antes ignorado, costuma dizer que os designs encontrados na natureza são resultados de 3,8 bilhões de anos de evolução tecnológica. Durante esse tempo, somente subsistiram soluções efetivas e eficazes, que de saída determinaram a superioridade da tecnologia natural.

Ora, a agricultura precisa redescobrir a potência sustentável e produtiva que é o manejo inteligente de agroecossistemas inspirados nos ecossistemas naturais, ao invés de se divorciar deste vasto campo de conhecimento e soluções, como fez com seus agrossistemas empobrecidos, envenenados e que exploram organismos geneticamente aberrantes.

IHU On-Line - Qual o papel do solo na “composição da equação do clima” no planeta? Em que medida o desequilíbrio do solo pode influenciar nas mudanças climáticas?

2 Biomimética: área da ciência que tem por objetivo o estudo das estruturas biológicas e das suas funções, procurando aprender com a Natureza, suas estratégias e soluções, e utilizar esse conhecimento em diferentes domínios da ciência. (Nota da IHU On-Line)

3 Janine M. Benyus (1958): cientista, escritor, consultor de inovação estadunidense. É autora de seis livros sobre biomimética, incluindo “Biomimicry: Innovation Inspired by Nature” (1997) (Biomimética: Inovação Inspirada pela Natureza, em livre tradução). Neste livro, ela desenvolve a tese básica de que os seres humanos devem conscientemente imitar os movimentos da natureza em seus projetos. Em 1998, Benyus co-fundou a Biomimética Aliança, a consultoria de inovação, o que ajuda os inovadores a aprender e imitar modelos naturais a fim de projetar sustentáveis produtos, processos e políticas que criem condições favoráveis à vida. Ela também é presidente do Instituto Biomimética, uma organização sem fins lucrativos cuja missão é a naturalizar biomimética na cultura. (Nota da **IHU On-Line**)

Antonio Donato Nobre - Microrganismos e plantas têm incrível capacidade para adaptar-se ao substrato, seja solo, sedimento ou mesmo rocha. Essa adaptação gera simultaneamente uma formação e condicionamento do substrato, o que o torna fértil para a vida vicejar ali. O metabolismo dos ecossistemas, incluindo sua relação com o substrato, tem íntima relação com os ciclos globais de elementos químicos. A composição e funcionamento da atmosfera depende, para sua estabilidade dinâmica, portanto, para o conforto e favorecimento da própria vida, do funcionamento ótimo dos ecossistemas naturais.

Na equação do clima, os ecossistemas são os órgãos indispensáveis que geram a homeostase⁴ ou equilíbrio planetário. A agricultura convencional extermina aquela vida que tem capacidade regulatória, mata o solo, fator chave para sua própria sustentação, e introduz de forma reducionista e irresponsável nutrientes hipersolúveis, substâncias tóxicas desconhecidas da natureza e organismos que podem ser chamados de Frankensteins genéticos. Todos estes insumos tornam as monoculturas do agronegócio sem qualquer função reguladora para o clima, e muito pior, devido à pesada emissão de gases-estufa e perturbações as mais variadas nos ciclos globais de nutrientes, a agricultura tecnificada é extremamente prejudicial para a estabilidade climática.

IHU On-Line - Desde a perspectiva do antropoceno⁵, como avalia

4 Homeostase: propriedade de um sistema aberta, seres vivos especialmente, de regular o seu ambiente interno de modo a manter uma condição estável, mediante múltiplos ajustes de equilíbrio dinâmico controlados por mecanismos de regulação interrelacionados. (Nota da **IHU On-Line**)

5 Antropoceno: termo usado por alguns cientistas para descrever o período mais recente na história do Planeta Terra. O sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU tem tratando dessa perspectiva em diversas publicações. Entre elas “Antropoceno: ou mudamos nosso estilo de vida, ou vamos sucumbir”. Entrevista especial com Wagner Costa Ribeiro, publicada nas Notícias do Dia, de 29-02-2016, disponível em <http://bit.ly/1T5xU2U>.

a relação do ser humano com as demais formas de vida do planeta hoje? Qual o papel da tecnologia e da ciência nessa relação?

Antonio Donato Nobre - Esta nova era foi batizada de antropoceno porque os seres humanos tornaram-se capazes de alterações massivas na delgada película esférica que nos permitiu a existência e nos dá abrigo. O maior drama da ocupação humana do ambiente superficial da Terra é que tal capacidade está destruindo o sistema de suporte à vida, sistema esse dependente 100% de todas demais espécies as quais o ser humano tem massacrado em sua expansão explosiva. Infelizmente, na expansão do antropoceno, o conhecimento científico tem sido apropriado de forma gananciosa por mentes limitadas e arrogantes, e empregado no desenvolvimento sinistro de tecnologias e engenharias que por absoluta ignorância tornaram-se incapazes de valorizar o capital natural da Terra. Este comportamento autodestrutivo tem direta relação com a visão de ganho em curto prazo e a ilusão de poder auferida na aplicação autista de agulhas tecnológicas.

IHU On-Line - Em que medida a aproximação entre ciência e saberes indígenas pode contribuir para um novo caminho em termos de preservação do planeta e produção de alimentos?

Antonio Donato Nobre - Cada pesquisador sincero, inteligente e com mente aberta deve reconhecer a máxima milenar da sabedoria socrática: “somente sei que nada sei”. O conhecimento verdadeiro e sem limites internos impõe uma postura sóbria e humilde diante da enormidade da complexidade do mundo e da natureza. Hoje, a ciência mais avançada dá inteiro e detalhado suporte ao saber ancestral de sociedades tribais, que perduraram por milênios. Descer do salto alto da arrogância que fermentou graças ao individualismo permitirá

reconhecer essa sabedoria básica de sustentabilidade, preservada no saber indígena.

Para a ciência, a aprender com o saber nativo está a veneração pela sabedoria da Mãe Terra; a intuição despreziosa que capta o essencial da complexidade em princípios simples e elegantes; e sua capacidade holística e lúdica de articular a miríade de componentes do ambiente em uma constelação coerente e funcional de elos significativos.

IHU On-Line - De que forma a tecnociência e a tecnocracia impactam na forma de observar o planeta? O que isso significa para a humanidade?

Antonio Donato Nobre - A ciência é esta fascinante aventura humana na busca do conhecimento, evoluída aceleradamente a partir do renascimento na Europa. Muitas são suas virtudes e incríveis suas aplicações. No entanto, tais brilhos parecem infelizmente vir acompanhados quase sempre de alucinantes danos colaterais, nem sempre reconhecidos como tal. Na ciência, que gera o conhecimento básico; na tecnologia, que aplica criativamente esse conhecimento; e na engenharia, que transforma conhecimento em realidade, grassa uma anomalia reducionista que permite a hipertrofia de soluções pontuais, desconectadas entre si e do conjunto.

Tal abordagem gera soluções autistas que não se comunicam, tumores exuberantes cuja expansão danifica tudo que está em volta. Assim, a tecnociência olha o mundo com um microscópio grudado em seus olhos, vê pixel, mas ignora a paisagem. Abre caminhos para que ânimos restritos se apropriem de conhecimentos parciais e destruam o mundo. É preciso remover os microscópios dos olhos, olhar o conjunto, perceber as conexões e, assim, aplicar o conhecimento de forma sábia e benéfica.

IHU On-Line - De que forma conceitos como a Ecologia Inte-

Confira mais em <http://bit.ly/1TFub7T>. (Nota da **IHU On-Line**).

gral, presentes na Encíclica *Laudato Si'*⁶, do papa Francisco, contribuem para o desenvolvimento de uma visão sistêmica do ser humano sobre o planeta? Qual a importância de uma perspectiva multidisciplinar acerca da temática ambiental?

Antonio Donato Nobre - Ecologia Integral deve significar o que o nome diz. Aliás, se não for integral não pode ser denominada ecologia. Isso porque na natureza não existe isolamento, cada partícula, cada componente, cada organismo e cada sistema interage com os demais, sob o sábio comando das leis fundamentais. Por isso a ação humana pode gerar um acorde harmonioso na grande sinfonia universal, ou - se desrespeitar as leis - tornar-se fonte de perturbação e destruição.

Mais importante do que ser multidisciplinar é ser não-disciplinar, isto é, integrar e dissolver as "disciplinas" em um saber amplo e articulado, sem fronteiras artificiais e domínios de egos. A ciência verdadeira é aquela oriunda do livre pensar, do profundo sentir e do intuir espontâneo. A busca da verdade está ao alcance de todas as pessoas, não é nem deveria ser

6 *Laudato Si'* (português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum"): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista IHU On-Line publicou uma edição em que analisa debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqhbAJ> (Nota da **IHU On-Line**)

território exclusivo dos iniciados na ciência. Todos somos dotados da capacidade de inquirir e temos como promessa de realização o dom da consciência. Cientistas são facilitadores, e como tal deveriam servir aos semelhantes com boa vontade, iluminando o caminho do conhecimento, guiando na direção do saber.

“

A tecnociência olha o mundo com um microscópio grudado em seus olhos, vê pixel, mas ignora a paisagem

IHU On-Line - Como avalia a agroecologia no Brasil hoje? O que a ciência e a tecnologia oferecem em termos de avanços para esse campo?

Antonio Donato Nobre - Agroecologia, agrofloresta sintrópica, sistemas agroflorestais, agricultura biodinâmica, trofobiose, agricultura orgânica, agricultura sustentável etc. compõem um rico repertório de abordagens que convergem na aspiração de emular em agroecossistemas a riqueza e funcionamento dos ecossistemas naturais. Uma parte dos desenvolvimentos científicos e tecnológicos autistas de até então pode ser aproveitada para essa nova era de agricultura produtiva, iluminada, respeitadora, harmônica e saudável.

É preciso, porém, que o isolamento acabe, que os conhecimentos sejam transparentes, integra-

dos, articulados, simplificados e recolocados em perspectiva. Se as agulhas tecnológicas foram danosas, como os transgênicos, por exemplo, ainda assim serão úteis para sabermos o que "não" fazer. Na compreensão em detalhe das bases moleculares da vida, abrindo portais para consciência sobre a complexidade astronômica existente e atuante em todos os organismos, a humanidade terá finalmente a prova irrefutável para o acerto das abordagens holísticas e ecológicas.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Antonio Donato Nobre - É preciso iluminar e revelar a imensa teia de mentiras criada em torno da revolução verde com seus exuberantes tumores tecnológicos. As falsidades suportadas por corporações, governos, mídia e educação bitoladora desde a mais tenra idade, implantaram um sistema mundial de dominação que, literalmente, enfia goela abaixo da humanidade um *menu* infernal de alimentos portadores de doenças. Esse triunfante modelo de negócio não se contenta em somente alimentar mal, o faz via quantidades crescentes de produtos animais, os quais requerem imensas áreas e grandes quantidades de água e outros insumos para serem produzidos. Com isso a pegada humana no planeta torna-se destrutiva e insuportável, e a consequência já se faz sentir no clima como falência múltipla de órgãos. Apesar disso, creio que ainda temos uma pequena chance de evitar o pior se, como humanidade, dermos apoio irrestrito para a busca da verdade. Precisamos de uma operação Lava Jato no campo, e a ciência tem todas as ferramentas para apoiar esse esforço de sobrevivência. ■

LEIA MAIS...

– *Amazônia, fé e ciência*. Entrevista especial com Antonio Donato Nobre, publicada nas **Notícias do Dia** de 24-08-2006, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1UTtn4F>.

Para além do autismo econômico

Por José Roque Junges

“**A** economia ecológica é uma crítica do autismo em que vivem os economistas convencionais, impondo um mundo irreal e fictício à sociedade porque não fazem as contas com os limites da natureza e com os resíduos que os seus processos produtivos ocasionam, tentando encontrar justificativas, ditas científicas, para não levar em consideração esses elementos, empurrando-os para debaixo do tapete. A economia ecológica permite também fazer despertar os cidadãos mais lúcidos do sonífero do consumismo e da panaceia do mercado como solução para tudo, ainda mais tratando-se de um mercado global totalmente desregulamentado, ideologia que os economistas convencionais difundem levando pouco a pouco o sistema terra que sustenta tudo a um colapso ecossistêmico”, analisa Roque Junges, que, no artigo a seguir, apresenta sua leitura da obra *Economia ecológica. Princípios e Aplicações* (Lisboa: Instituto Piaget, 2004), de Herman Daly e Joshua Farley.

José Roque Junges é graduado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS e em Teologia pelas Faculdades Cristo Rei - Unisinos, mestre em Teologia pela Pontifícia Universidad Católica de Chile e doutor em Teologia Moral pela Pontifícia Universidade Gregoriana de Roma, Itália.

Jesuíta, atualmente é professor e pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva da Unisinos. Entre seus livros mais recentes estão *Bioética sanitária: Desafios éticos da saúde coletiva* (São Paulo: Loyola, 2014), *(Bio)Ética Ambiental* (São Leopoldo: UNISINOS, 2010) e *Bioética: hermenêutica e casuística* (São Paulo: Loyola, 2006).

Eis o artigo.

Os dois autores são nomes de referência na área da economia ecológica. **Herman Daly**¹ é um reconhecido economista americano, um dos principais defensores e divulgadores da ideia de uma economia sustentável. Foi professor na School of Public Policy, no College Park da Universidade de Maryland nos Estados Unidos. Durante seis anos ocupou o cargo de economista sênior do Departamento Ambiental do Banco Mundial em Washington. **Joshua Farley**, professor no Gund Institut para Economia Ecológica, é licenciado em Biologia pela Universidade de Columbia, com mestrado em Assuntos Internacionais na área de Economia e Política do desenvolvimento. Tem doutorado em Economia Agrícola na especialidade de desenvolvimento econômico, métodos e

ética quantitativa pela Universidade de Cornell nos Estados Unidos.

A ideia de uma Economia ecológica foi proposta por Nicholas Georgescu-Roegen² em seu livro *The*

² **Nicholas Georgescu-Roegen** (1906-1994): foi um matemático e economista heterodoxo romeno cujos trabalhos resultaram no conceito de decrescimento econômico. É considerado o fundador da bioeconomia (ou economia ecológica). Graduado em Estatística pela Universidade de Paris, exerceu importantes cargos públicos em seu país. Em 1946 migrou para os Estados Unidos, onde já havia estudado com Joseph Schumpeter, que o direcionou para os estudos de economia. Foi professor de economia na Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee. Sua obra principal é *The Entropy Law and the Economic Process*, publicada em 1971. Nesse livro, com base na segunda lei da termodinâmica, a lei da entropia, Georgescu-Roegen aponta para a inevitável degradação dos recursos naturais em decorrência das atividades humanas. Criticou os economistas liberais neoclássicos por defenderem o crescimento econômico material sem limites, e desenvolveu uma teoria oposta e extremamente ousada para a época: o decrescimento econômico. A IHU vem publicando uma série de matérias sobre Roegen. Entre elas “Georgescu-Roegen, criador da bioeconomia, revisitado”, publicado na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007,

¹ Em 2011, o autor esteve na Unisinos. Na ocasião, concedeu a entrevista “A economia é um subsistema do ecossistema”, publicada na IHU On-Line número 369, de 15-08-2011, disponível em <http://bit.ly/23URrEM>. (Nota da **IHU On-Line**)

*Entropy Law and Economic Process*³, no qual critica a economia clássica, que não leva em consideração a lei da entropia⁴ na compreensão dos processos econômicos. Defende que esses processos não são mecânicos, obedecendo a leis da física newtoniana há muito superada, mas biológicos, com entrada e saída de energia, sofrendo os efeitos da entropia. Nos cálculos da economia clássica, não entram os insumos usados e os resíduos produzidos, parecendo que os processos econômicos acontecem no vácuo, como se não dependessem, por um lado, dos recursos naturais estocados que são limitados e dos resíduos produzidos que precisam ser absorvidos pelo ambiente e, por outro, dos serviços indispensáveis à sobrevivência oferecidos pela natureza.

Herman Daly é um discípulo, continuador e disseminador da proposta de Georgescu-Roegen. A obra que está sendo recenseada, Daly a escreveu em conjunto com Farley como um tratado completo de Economia ecológica, apresentando seus princípios e aplicações em contínuo diálogo e crítica com os pressupostos da economia clássica.

I

Na primeira parte, aborda a definição tradicional de economia como a ciência da alocação dos recursos escassos pelos fins alternativos desejáveis. Mas a economia ecológica distingue-se da economia convencional devido à sua visão pré-analítica do sistema econômico, enquanto subsistema do ecossistema global que o sustenta e contém. Essa é a primeira tese que diferencia radicalmente a economia ecológica da convencional: o mercado e a economia são um subsistema dentro de um sistema maior que tudo engloba que é a natureza, e não o contrário, como pensam comumente os economistas convencionais de que a natureza é um subsistema do mercado. Por isso o crescimento econômico não pode ser um fim em si mesmo, porque a natureza lhe impõe limites, fazendo aumentar a escassez de bens ecológicos e de serviços necessários ao próprio sistema econômico. Portanto, o fim derradeiro deve ser a manutenção dos suportes ecológicos da vida, e os meios de cunho econômico devem fazer as contas com esse fim.

disponível em <http://bit.ly/27ruYUy>; e “Entropia e Insustentabilidade: Georgescu-Roegen, o gênio redescoberto”, publicado nas Notícias do Dia de 17-06-2015, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/1NvALLH>; e “A natureza como limite da economia – a contribuição de Nicolas Georgescu-Roegen”, publicado nas Notícias do Dia de 23-04-2010, no sítio do IHU, disponível em <http://bit.ly/24UHIAI>. Confira mais em <http://bit.ly/23USrIU>. (Nota da **IHU On-Line**)

3 **Cambridge (MA)**: Harvard university Press, 1971. (Nota do autor)

4 **Entropia**: é uma grandeza termodinâmica que mensura o grau de irreversibilidade de um sistema, encontrando-se geralmente associada ao que denomina-se por “desordem”, não em senso comum, de um sistema termodinâmico. Em acordo com a segunda lei da termodinâmica, trabalho pode ser completamente convertido em calor, e por tal em energia térmica, mas energia térmica não pode ser completamente convertida em trabalho. Com a entropia procura-se mensurar a parcela de energia que não pode mais ser transformada em trabalho em transformações termodinâmicas à dada temperatura. (Nota da **IHU On-Line**)

II

A segunda parte examina os recursos escassos de que depende toda produção econômica, aplicando a eles as leis da física e da ecologia. O sistema econômico, como todo qualquer outro sistema, está sujeito às leis da termodinâmica⁵. Como não é possível criar alguma coisa do nada, a produção econômica é obrigada a gastar recursos naturais e a produzir lixo. O processo econômico não pode esquecer esse fato e precisa fazer as contas com os resultados desse gasto e desse resíduo. O crescimento econômico em contínuo aumento um dia terá que terminar devido às leis da termodinâmica que regem também os processos econômicos. Por isso, é importante a preocupação dos economistas ecológicos com a questão de uma escala sustentável de retirada de recursos finitos e escassos e de produção de lixo passível de ser absorvida pelo ambiente. A inexorabilidade das leis da termodinâmica nos procedimentos de produção exige a inclusão dos cálculos de entropia nos processos econômicos. Essa foi a grande intuição e inovação da proposta de Georgescu-Roegen.

A natureza, por um lado, nos põe à disposição um estoque de recursos naturais (minerais, petróleo, terra, água etc.), caracterizados pela exclusividade e rivalidade no acesso, necessários para a produção de fluxos econômicos; mas, por outro lado, a natureza nos oferece também bens e serviços proporcionados pelo conjunto ecossistêmico que conformam a sustentabilidade do sistema como um todo (o fornecimento do oxigênio, do equilíbrio climático e do regime de chuvas etc.), que são recursos comuns não sujeitos a um acesso exclusivo e rival. Assim, pode-se falar, por um lado, de recursos abióticos⁶, que são as matérias-primas que podem ser não renováveis (como os combustíveis fósseis) ou virtualmente indestrutíveis (os minerais, a água, a terra como superfície e a energia solar). Por outro lado, temos recursos bióticos⁷, que se

5 **Termodinâmica**: é o ramo da física que estuda as causas e os efeitos de mudanças na temperatura, pressão e volume – e de outras grandezas termodinâmicas fundamentais em casos menos gerais – em sistemas físicos em escala macroscópica. Grosso modo, calor significa “energia” em trânsito, e dinâmica se relaciona com “movimento”. Por isso, em essência, a termodinâmica estuda o movimento da energia e como a energia cria movimento. Historicamente, a termodinâmica se desenvolveu pela necessidade de aumentar-se a eficiência das primeiras máquinas a vapor, sendo em essência uma ciência experimental, que diz respeito apenas a propriedades macroscópicas ou de grande escala da matéria e energia. (Nota da **IHU On-Line**)

6 **Abiótico**: em ecologia, denominam-se fatores abióticos todas as influências que os seres vivos possam receber em um ecossistema, derivadas de aspectos físicos, químicos ou físico-químicos do meio ambiente, tais como a luz e a radiação solar, a temperatura, o vento, a água, a composição do solo, a pressão e outros. (Nota da **IHU On-Line**)

7 **Biótico**: em ecologia, chamam-se fatores bióticos a todos os efeitos causados pelos organismos em um ecossistema, que condicionam as populações que o formam. Por exemplo, a existência de uma espécie em número suficiente para assegurar a alimentação de outra condiciona a existência e a saúde desta última. Muitos dos fatores bióticos podem traduzir-se nas relações ecológicas que se podem observar num ecossistema, tais como a predação, o parasitismo ou a competição. Os seres vivos também interagem com alguns fatores abióticos podendo afetar o ecossistema de uma determinada região, como no caso dos

identificam com os serviços ecológicos, dependentes da estrutura global do ecossistema, incluindo, de um lado, os recursos renováveis que são todos os seres vivos, animais e vegetais, as florestas, por exemplo, todos dependentes da energia produzida pela fotossíntese e, de outro, os conjuntos ecossistêmicos que fornecem serviços indispensáveis para a sustentabilidade do sistema como um todo: o oxigênio, o clima, as chuvas etc. Para essa sustentabilidade não se pode esquecer também a capacidade de absorção de resíduos, que é um serviço indispensável que a natureza oferece e que aos poucos está chegando à sua exaustão, porque os processos econômicos não levam em conta essa capacidade.

III

A terceira parte aborda os elementos que conformam a microeconomia, cuja equação básica são as leis do mercado, a oferta e a procura que expressam a gramática do mercado. A obra explicita longamente, por um lado, as falhas do mercado quanto ao uso de recursos abióticos, que são os combustíveis fósseis, os minerais, a água doce, a superfície da terra e a energia solar, e, por outro, as deficiências do mercado quanto aos recursos renováveis, quanto aos serviços e bens que a natureza oferece como um todo (oxigênio, clima, chuvas etc.) e quanto à absorção dos resíduos. Em relação a esses recursos abióticos e bióticos, os mercados fracassam na atribuição eficiente, e por isso surge a pergunta sobre quais seriam as instituições e os mecanismos que poderiam funcionar melhor nessa atribuição de valor.

O problema está em que os recursos que são tirados da natureza não podem ser pensados fragmentariamente, porque são interdependentes e se condicionam mutuamente, e a atribuição dada pelo mercado não consegue ter essa visão sistêmica do conjunto. O mercado pode ser eficiente para atribuir valor a produtos manufaturados cuja escala ótima de produção é definida pela oferta e a procura, mas qualquer tipo de recurso natural, tanto abiótico quanto biótico, não pode ser definido pelo mercado, porque eles são finitos e a escala sustentável de sua retirada depende desse limite e do conjunto das interdependências ecossistêmicas. Só a política pode definir a escala sustentável e a distribuição justa dos recursos naturais que são bens comuns, objetivos que são totalmente ignorados pela microeconomia que se rege pelo mercado.

IV

A quarta parte trata da macroeconomia que se centra na forma como funciona o mercado, tendo como objetivo o crescimento econômico estável e permanente. Para isso reconhece a importância de intervenções de política fiscal para estabilizar o mercado. A

castores construindo diques num rio, o que vai alterar o seu fluxo. (Nota da **IHU On-Line**)

economia ecológica substitui o crescimento econômico pela escala ótima sustentável, em conjunto com a distribuição justa dos recursos naturais. A economia tradicional deixa essa atribuição às forças do mercado que para a economia ecológica não são adequadas para isso, sendo necessárias intervenções políticas.

A macroeconomia se baseia num binômio problemático entre Produto Interno Bruto - PIB e Bem-estar da população. Sua equação é que o crescimento econômico do PIB produz o Bem-estar, porque satisfaz os desejos de consumo dos indivíduos. Já está comprovado que essa equação é falsa, porque o PIB engloba apenas índices quantitativos limitados de acúmulo material que excluem outros critérios quantitativos além daqueles de cunho qualitativo que conformam o bem-estar total, a felicidade das pessoas. É necessário ir além dos indicadores de bem-estar baseados no consumo.

Um aspecto central da macroeconomia é o dinheiro, que por sua virtualidade pode parecer que escapa às leis da termodinâmica, como acontece com qualquer produção. Nesse sentido, o dinheiro seria apenas um meio que facilitaria a troca entre produtos. Por isso ele aparece como uma riqueza virtual, não real, dando origem ao capitalismo financeiro, que é virtual. Quem possui essa riqueza virtual são os bancos, que verdadeiramente têm o poder e o direito de cunhar a moeda. No fundo não é o governo que cunha a moeda, mas o poder financeiro através de suas transações. Essa dinâmica leva a que o dinheiro não seja verdadeiramente um meio para facilitar a troca, mas um fim em si mesmo, criando a ilusão de que o dinheiro como fim pode crescer ilimitadamente como se não dependesse do setor real. Por isso o dinheiro não está isento das leis da termodinâmica. As crises financeiras periódicas são uma demonstração desse fato.

O setor monetário da economia funciona como um lubrificante que ajuda a distribuir aquilo que foi produzido. Nesse sentido, as alavancas da política macroeconômica são monetárias, nomeadamente as despesas governamentais, os impostos, o aumento de circulação fiduciária e as taxas de juros. Essas ferramentas políticas são utilizadas para atingir a escala sustentável e a distribuição justa do que é produzido, objetivos essencialmente ignorados pela microeconomia que se rege pelo mercado.

V

A quinta parte da obra trata do mercado internacional. Aqui é necessário distinguir entre internacionalização e globalização. A primeira refere-se às relações entre as nações quanto ao comércio bilateral, aos tratados e às alianças para secundar interesses mútuos. Aqui imperava o conceito de vantagem comparativa no comércio entre as nações. A globalização é a integração econômica de diversas economias num único mercado econômico global, através do comércio livre, da mobilidade do capital e pela migração fácil e descontrolada de recursos humanos. A globalização é

erradicação das fronteiras nacionais que se tornaram porosas ao serviço dos objetivos de grandes grupos econômicos, as multinacionais. Aqui a vantagem comparativa é irrelevante e impõe-se a vantagem absoluta do capital financeiro global que conduz a maiores ganhos globais onde sempre existem vencedores e perdedores a nível internacional. Portanto, globalização e internacionalização são dois modelos opostos de comunidade mundial.

A globalização foi criada pelas instituições de Bretton Woods⁸ e pela Organização Mundial do Comércio⁹. Aqui aparece um primeiro problema: se a microeconomia se rege pelo mercado, necessitando das ferramentas monetárias da macroeconomia para definir a escala sustentável e a distribuição justa, a globalização, ao transformar a economia global num único mercado, pautado pelas suas leis, pretende escapar dessas ferramentas corretivas da macroeconomia na definição da escala e da distribuição. As instituições de comércio global e da mobilidade do capital estão a serviço dessa impossibilidade de decretar medidas macroeconômicas. Assim transformaram a economia global numa microeconomia. Por isso aparece a necessidade de uma governança econômica global.

Globalização econômica nunca poderá definir a escala sustentável para a retirada de recursos da natureza, por isso a Organização Mundial do Comércio pressiona contra qualquer legislação protetora do meio ambiente. Por outro lado, a globalização do mercado provoca na verdade mais pobreza num planeta finito devido à vantagem absoluta do capital. Está comprovado que os países em desenvolvimento que introduziram a liberalização de suas economias por pressão do Banco Mundial entraram numa espiral de pauperização de sua população.

A falta de uma política macroeconômica ao nível global que possa controlar os fluxos internacionais de capital e definir a escala ótima e a distribuição equi-

8 Conferência de Bretton Woods: nome com que ficou conhecida a Conferência Monetária Internacional, realizada em Bretton Woods, no estado de New Hampshire, nos EUA, em julho de 1944. Representantes de 44 países participaram da conferência. Nela foi planejada a recuperação do comércio internacional depois da Segunda Guerra Mundial e a expansão do comércio através da concessão de empréstimos e utilização de fundos. Os representantes dos países participantes concordaram em simplificar a transferência de dinheiro entre as nações, de forma a reparar os prejuízos da guerra e prevenir as depressões e o desemprego. Concordaram também em estabilizar as moedas nacionais, de forma que um país sempre soubesse o preço dos bens importados. A Conferência de Bretton Woods traçou os planos de dois organismos das Nações Unidas – o Fundo Monetário Internacional e o Banco Mundial. O fundo ajuda a manter constantes as taxas de câmbio, além de socorrer países com crises nas suas reservas cambiais, como no caso do Brasil e da Rússia, em 1998. O banco realiza empréstimos internacionais a longo prazo e dá garantia aos empréstimos feitos através de outros bancos. (Nota da **IHU On-Line**)

9 Organização Mundial do Comércio – OMC: organização internacional que supervisiona um grande número de acordos sobre as “regras do comércio” entre os seus estados-membros. Foi criada em 1995 sob a forma de um secretariado para administrar O Acordo Geral de Tarifas e Comércio – GATT. Atualmente inclui 150 países. A sua sede localiza-se em Genebra, Suíça. O diretor-geral atual, eleito em 2005, é Pascal Lamy. (Nota da **IHU On-Line**)

tativa dos recursos e da produção provoca a falta de estabilidade econômica, causando repetidas crises financeiras. A globalização econômica é uma panaceia ideológica para os problemas econômicos através da promessa de crescimento econômico e prosperidade para todos. Os fatos já comprovaram que essa equação é falsa e enganosa.

VI

A sexta parte da obra apresenta as políticas de cunho macroeconômico, necessárias para corrigir as falhas e as deficiências do mercado ao nível global. Se elas são uma necessidade ao nível da microeconomia, quanto mais numa economia globalizada, que se entende como um mercado totalmente desregulado de políticas macroeconômicas. Aqui está a causa de suas patologias.

Essas políticas macroeconômicas devem reger-se pelos seguintes seis princípios: 1) as políticas econômicas possuem sempre mais do que um objetivo e cada objetivo político independente requer um instrumento político independente; 2) devem almejar um grau desejável de macrocontrole com o mínimo sacrifício da liberdade e variabilidade dos níveis micro; 3) devem prever uma margem de erro quando lidam com o meio biofísico devido às incertezas; 4) devem sempre reconhecer que partimos de condições históricas iniciais; 5) devem ser capazes de se adaptar às alterações das condições; 6) o domínio da política - a construção da unidade deve ser congruente com o domínio das causas e efeitos do problema com o qual a política lida.

Para a economia ecológica, diante de recursos escassos e valiosos, a política deve definir a questão da escala sustentável e da distribuição equitativa, deixando algumas questões sobre recursos naturais para a atribuição eficiente do mercado. Os recursos naturais são, de saída, bens fora do mercado, mas uma vez definida a escala e a distribuição, eles podem ser transformados em bens de mercado. Por isso os seus preços dependem da definição da escala e da distribuição. Assim, não podemos estabelecer a escala sustentável de acordo com os critérios da atribuição eficiente do mercado, porque eles são limitados, nem estabelecer os limites distributivos pelo critério da atribuição eficiente, porque eles são exclusivos e rivais. Qual é então o critério para definir a escala da retirada e do uso dos recursos naturais: a sustentabilidade. Qual é o critério para organizar a distribuição desses recursos: a justiça. Portanto é necessário que os três objetivos da economia ecológica sejam definidos nesta ordem: primeiro a escala sustentável, em seguida a distribuição justa e depois a atribuição eficiente de valor dos recursos naturais transformados em bens do mercado.

Considerações críticas

A economia ecológica é uma crítica do *autismo* em que vivem os economistas convencionais, impondo um

mundo irreal e fictício à sociedade porque não fazem as contas com os limites da natureza e com os resíduos que os seus processos produtivos ocasionam, tentando encontrar justificativas, ditas científicas, para não levar em consideração esses elementos, empurrando-os para debaixo do tapete. A economia ecológica permite também fazer despertar os cidadãos mais lúcidos do sonífero do consumismo e da panaceia do mercado como solução para tudo, ainda mais tratando-se de um mercado global totalmente desregulamentado, ideologia que os economistas convencionais difundem levando pouco a pouco o sistema terra que sustenta tudo a um colapso ecossistêmico.

Nesse sentido, a economia ecológica é um modelo alternativo para definir a escala ótima sustentável, a distribuição justa e a atribuição eficiente dos recursos naturais. Por isso a economia ecológica defende que não se pode ter como foco o crescimento econômico ilimitado, mas a sustentabilidade do meio ambiente que engloba tudo, inclusive o mercado e o sistema econômico.

Agindo assim a economia poderá reencontrar a sua alma de origem, expressa na própria etimologia da palavra: boa norma da nossa casa comum (*oikos*=casa + *nomos*=norma), e afastar-se do caminho que a levou, pelas mãos do capitalismo, a transformar-se numa pura crematística (*krematha*=riqueza), origem das patologias ambientais e humanas que ela origina, por não levar em conta nossa casa comum.

Aqui se chega a um ponto crítico que o livro de Daly e Farley não chegam a discutir. O problema do modelo econômico, que nos está levando a um desastre ambiental, é o ponto de partida antropológico, isto é, a concepção de ser humano do qual parte a economia que conhecemos: o *homo oeconomicus*¹⁰, um ser racional que busca os seus interesses particulares criando imunidades contra qualquer encargo comum. O pior é que se encontrou uma justificativa ideológica para essa busca do interesse de cada um, porque isso melhoraria a situação de todos pela mão invisível do mercado. Os fatos de injustiça social e ambiental provocados pela pura aplicação das leis do mercado comprovam a falsidade desse princípio. Só economistas autistas podem continuar a defender essa ideologia.

A economia está a serviço da satisfação dos interesses individualistas e egoístas do ser humano, levando-o a esquecer sua dependência e necessidade do comum. Assistimos a uma gradativa corrosão de tudo aquilo que é comum, e a natureza é o principal bem comum da humanidade. Sua destruição a serviço de

10 *Homo oeconomicus* (ou o homem econômico): é uma ficção, formulada segundo procedimentos científicos do século XIX que aconselhavam a fragmentação do objeto de pesquisa para fins de investigação analítica. Os economistas assumiram que o estudo das ações econômicas do homem poderia ser feito abstraído-se as outras dimensões culturais do comportamento humano: dimensões morais, éticas, religiosas, políticas, etc., e concentraram seu interesse naquilo que eles identificaram como as duas funções elementares exercidas por todo e qualquer indivíduo: o consumo e a produção. (Nota da **IHU On-Line**)

interesses individualistas, regidos pelo mercado, é a principal causa da crise ambiental. Portanto, o problema de base está no ponto de partida antropológico do modelo econômico, regido unicamente pela ideologia do mercado, um ser humano viciado e corrompido que irá corromper tudo, porque só busca o seu interesse particular.

Ancoragem na política atual

Aqui, é oportuno propor uma reflexão para entender o momento político que vivemos no Brasil. Parece que todo problema está na corrupção política. Mas nos esquecemos de que a política foi corrompida quando se introduziu nela o paradigma e a ideologia do mercado onde cada um busca o seu interesse particular através dos lobbies dos grandes grupos econômicos, perdendo-se inteiramente a preocupação pelo bem comum que é o próprio sentido da política. Não é a política que é corrupta, mas os políticos que no exercício do seu mandato parlamentar se regem pela ideologia do mercado. Portanto, tenhamos a coragem, como demonstrou Jessé Souza¹¹ em seu importante livro *A Tolice da inteligência brasileira ou como o país se deixa manipular pela elite*¹², de buscar a causa da corrupção onde ela verdadeiramente está: na ideologia do mercado que corrompe tudo porque promove um ser humano egoísta e individualista que perdeu completamente o sentido do comum. Esse é o raio X dos nossos políticos, mas quem os ensinou a ser assim? A ideologia capitalista da busca do interesse particular de cada um.

Mais do que economia ecológica

Por isso não basta apenas uma economia ecológica como propõe Daly e Farley, mas é necessário completá-la e corrigi-la com proposta de uma economia civil centrada no Bem Comum, defendida pelo economista italiano Stefano Zamagni¹³ no seu livro traduzido para o português *Economia Civil: Eficiência, Equidade e Fe-*

11 **Jessé José Freire de Souza** (ou Jessé Souza) (1960): é um professor universitário e pesquisador brasileiro. Em 2 de abril de 2015 foi nomeado pela Presidência da República ao cargo de presidente do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada – Ipea. (Nota da **IHU On-Line**)

12 São Paulo: LeYa, 2015. (Nota do autor)

13 **Stefano Zamagni** (1943): é um economista italiano. É professor de Economia na Universidade de Bolonha. Zamagni é também um membro da Associação de Desenvolvimento Humano e Capability – HDCA, e membro da Pontifícia Academia das Ciências Sociais. O Instituto Humanitas Unisinos – IHU vem publicando uma série de materiais do autor. Confira em <http://bit.ly/1SZs96T>. Ele também concedeu uma série de entrevistas ao IHU. Entre elas “Em defesa de uma economia mais justa”, publicada na IHU On-Line número 465, de 18-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1TgEuA6>; “Necessitamos de uma governança, não de governante”. Entrevista especial com Stefano Zamagni, publicada nas Notícias do Dia de 06-06-2012, disponível em <http://bit.ly/1TSczpG>; “Reciprocidade, fraternidade, justiça: uma revolução da concepção de economia”. Entrevista especial com Stefano Zamagni, publicada nas Notícias do Dia de 05-06-2011, disponível em <http://bit.ly/1ZXbnFS>. Além de artigos publicados pelo IHU, entre eles “O desenvolvimento da economia civil. Por um estado social subsidiário”, publicado na IHU On-Line número 454, de 15-09-2014, disponível em <http://bit.ly/1V63mPU> (Nota da **IHU On-Line**)

licidade¹⁴. Economia civil, para esse autor, seria um fenômeno marcado, pelas empresas de economia de comunhão, pela responsabilidade social empresarial, pelas empresas sociais, pelas empresas cooperativas. Ou seja, um modo verdadeiramente revolucionário de conceber a economia, que não é o de exaltar o mercado ou o Estado, mas sim o de introduzir no agir econômico formas de empresa que não tenham como fim a maximização do lucro e muito menos o fim especulativo.

Zamagni parte da constatação de que a organização do mercado provoca um crescimento exponencial das desigualdades sociais e simultaneamente a redução das liberdades das pessoas. Ao excluir as empresas e as pessoas menos produtivas, a lógica de organização do capitalismo que conhecemos gera uma espécie de darwinismo social pela exclusão social que provoca.

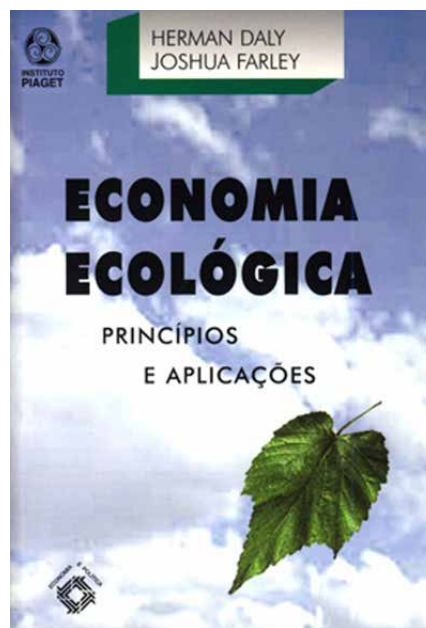
Assim, o mercado pode ter um papel importante e necessário na atribuição eficiente de valor ao nível da microeconomia, mas nunca ao nível de uma macroeconomia global que pretende funcionar como se fosse uma microeconomia. Para sua estabilidade, toda microeconomia necessita de diretrizes macroeconômicas de política fiscal que impõem regras limitativas. O neoliberalismo, que defende a total desregulamentação política a nível global, nega justamente esse princípio, impondo regras de comércio internacional a serviço dos interesses particulares das multinacionais e provocando crises periódicas de desestabilização financeira. Essa ideologia não tem interesse na escala sustentável, provocando destruição da natureza, muito menos preocupação com a distribuição justa, deixando no mundo um rastro de injustiça e pobreza.

A atribuição eficiente de valor pelo mercado precisa de corretivos macroeconômicos de preservação da na-

¹⁴ São Paulo: Cidade Nova, 2010. (Nota do autor)

tureza e de promoção do comum, dois valores básicos para a continuidade da humanidade. Esses corretivos definem a escala ótima de sustentabilidade ambiental, que é a preocupação da economia ecológica de Daly e Farley, e a distribuição justa, que é o objetivo da economia civil do bem comum de Zamagni. ■

A publicação



Autores: Herman Daly e Joshua Farley

Título: Economia ecológica. Princípios e Aplicações

Editora: Instituto Piaget, Lisboa

Ano: 2004

Número de páginas: 530

LEIA MAIS...

- *Ecologia Integral e justiça ambiental no cuidado da “casa comum”*. Entrevista José Roque Junges, publicada na **IHU On-Line**, número 469, de 03-08-2015, disponível em <http://bit.ly/1NvB1kg>.
- *Agenciamentos imunitários e biopolíticos do direito à saúde*. Entrevista José Roque Junges, publicada na **IHU On-Line**, número 344, de 21-09-2010, disponível em <http://bit.ly/1WBv73N>.
- *“Se o aborto é um problema, a sua solução não é o próprio aborto”*. Entrevista José Roque Junges, publicada na **IHU On-Line**, número 219, de 14-05-2007, disponível em <http://bit.ly/1XeUqaT>.
- *O Concílio Vaticano II e a ética cristã na atualidade*. Entrevista José Roque Junges, publicada na **IHU On-Line**, número 401, de 03-09-2012, disponível em <http://bit.ly/1OvUiSK>.
- *A medicalização da vida faz mal à saúde*. Entrevista especial com José Roque Junges, publicada nas **Notícias do Dia** de 26-05-2013, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, disponível em <http://bit.ly/1R40trP>.

Quando o bolso enche e o espírito se esvazia

Alastair McIntosh trabalha na perspectiva da ecologia humana para entrelaçar os conceitos de ativismo espiritual com ambiental, uma forma de despertar a consciência para guiar mudanças

Por João Vitor Santos | Tradução Moisés Sbardelotto

A conexão entre o espírito e o ambiente é fundamental para compreender o mundo e a relação com ele. Essa é a perspectiva de Alastair McIntosh, ativista, acadêmico e escritor escocês, que trabalha com conceitos baseados na Teologia da Libertação. Para ele, "o ativismo espiritual tem a ver com trabalhar com conscientização - a ativação da consciência para guiar a mudança que esperamos no mundo". Sem essa postura, acredita que o ativismo ambiental pode correr o risco de esvaziamento. "Temos observado que, se as pessoas não têm um fundamento espiritual para o seu ativismo pela mudança social, ambiental e até mesmo religiosa, então, na maioria das vezes, elas se 'queimam' ou se 'vendem'", completa.

McIntosh também destaca que quando, por exemplo, a questão econômica está desprendida dessa relação (espiritual/ambiental), se esvazia e passa a ser um fim em si e não um meio para a vida humana no planeta. "A questão espiritual, portanto, é perguntar que necessidade o consumismo está tentando preencher. Eu acho que ele está preenchendo um vazio dentro de nós mesmos, que não aprendemos a preencher de maneiras melhores", analisa.

Na entrevista a seguir, concedida por e-mail à **IHU On-Line**, o ativista aponta que "o problema com o capitalismo é

quando o dinheiro por si só vem regular o mundo". Para ele, o que deve mover é o sentido à vida. Assim, a ideia primeira é sempre se as ações que se executam promovem a vida ou a destruição. "A questão de economia, então, sempre deve ser: ela é conduzida dentro de um marco de sentido e de ética que dá vida?", questiona.

Alastair McIntosh é ativista, acadêmico e escritor escocês que busca aplicar a Teologia da Libertação no seu trabalho de ativismo espiritual pela mudança social, ambiental e religiosa. Ao se anunciar como Quaker (nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum em um movimento protestante britânico do século XVII), não assume formação teológica formal. Entretanto, é membro honorário da Faculdade de Teologia da Universidade de Edimburgo e professor visitante de Ciências Sociais na Universidade de Glasgow. É líder do movimento de reforma agrária da Escócia, conforme descrito em seu livro *Soil and Soul: People versus Corporate Power* (London: Aurum Press, 2001) (em tradução livre, Solo e alma: o povo contra o poder corporativo). Vive com a sua esposa em Govan, onde é diretor fundador da associação GalGael Trust, que trabalha com a pobreza urbana.

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Como o senhor compreende a ecologia humana, desde a relação do ser humano com o ambiente social e com o ambiente natural?

Alastair McIntosh - Eu entendo a ecologia humana como a ecologia do ser humano. Falamos sobre a ecologia dos ratos, ou das girafas, ou dos cardumes de peixes no mar.

O que queremos dizer com isso é a sua relação com o ambiente. Pois bem, é o mesmo para a ecologia humana. A relação entre o ambiente social e o ambiente natural.



A questão espiritual, portanto, é perguntar que necessidade o consumismo está tentando preencher. Eu acho que ele está preenchendo um vazio dentro de nós mesmos, que não aprendemos a preencher de maneiras melhores

Você pode perguntar se isso não é o mesmo que a geografia humana. Sempre, no uso de tais palavras, isso depende de como definimos nossos termos. Geografia, do grego *geo*, significa aquilo que tem a ver com a Terra. A raiz grega *oikos* é um pouco diferente. Ela significa “habitação” ou “casa”. Palavras como ecologia, economia, ecumênico e paroquial, portanto, têm todas a ver com a nossa relação com a casa, com o nosso ser incorporado no lugar. Esse sentido de lugar é cosmológico.

E, mais, eu diria que ele deve se integrar em um sentido exterior, geográfico e geológico, mas também em um sentido interior. Um sentido criativo, imaginativo e espiritual. Para mim, portanto, a ecologia humana engloba questões do sentido e da sustentação da vida. Ela pode nos ajudar a abordar a questão de qual é o sentido que dá sentido à vida. Para mim, portanto, a ecologia humana integra o estudo da espiritualidade e da teologia. Nem todo mundo concordaria com isso, porque, para alguns, a vida interior - aquela que eu estou chamando de vida espiritual - não tem qualquer sentido mais profundo. Bem, isso depende do nosso sistema de crenças e também da nossa experiência de vida. Algumas pessoas simplesmente não experimentaram isso ou podem estar fechadas para experimentar isso. Essa pode ser a sua escolha.

IHU On-Line - Em que medida o agronegócio representa uma

relação baseada na lógica do consumismo/capitalismo entre o ser humano e o planeta? Como a agroecologia pode se apresentar como alternativa?

Alastair McIntosh - Essa é uma forma de relação entre o ser humano e o planeta, e, como uma forma de fazer economia, é uma maneira de organizar essa relação medida com a nossa casa. É isso que a palavra economia significa. A medição ou a métrica de como nós habitamos o nosso mundo. O problema com o capitalismo é quando o dinheiro por si só vem regular o mundo, na ausência de valores baseados naquilo que dá sentido. Especificamente, no sentido expressado pelo fato de perguntar o que dá vida. Esta sempre é a questão espiritual central na ética: *isso dá vida?*; e, se tomarmos os ensinamentos de Jesus, somos chamados a apreciar não apenas qualquer tipo de vida, mas a “vida abundante” (João 10, 10), a riqueza da plenitude da vida. Eu chamo isso de vida como amor tornado manifesto.

A questão de economia, então, sempre deve ser: ela é conduzida dentro de um marco de sentido e de ética que dá vida? O fluxo de capitais às vezes é e às vezes não é. Quando o capitalismo não tem qualquer restrição, ele tende à destruição da vida. Quando o consumismo é promovido para vender produtos, explorando as vulnerabilidades psicológicas dos consumidores, ele destrói o planeta, assim como a alma.

Mas não tem que ser assim. Uma economia que dá vida é aquela que alimenta as cinco mil pessoas [referindo-se ao relato evangélico] com base em princípios de justa relação entre as pessoas. E. F. Schumacher¹, que escreveu *Small is Beautiful*², falou sobre a justa relação como o princípio da economia budista. Eu acho que a maioria das tradições espirituais entende isso. Elas encorajam as pessoas a buscar a suficiência na produção econômica, a serem consumidoras, mas não a irem ao excesso, a serem consumistas. Platão³ descreveu isso muito claramente no Livro 2 da *República*⁴. Ele contou como as pessoas precisam viver com uma abundância modesta, em vez de um estado de “inflamação”, como ele a chamou, se quiserem viver em contentamento e em paz; e, no seu tempo livre, disse ele, elas irão cantar hinos aos deuses. Pois bem, os jo-

1 Ernst Friedrich Fritz Schumacher (1911-1977): pensador econômico, estatístico e economista no Reino Unido, servindo como conselheiro-chefe de economia ao National Coal Board britânico por duas décadas. Suas ideias tornaram-se populares em boa parte do mundo anglófono durante a década de 1970. Ele é mais conhecido por sua crítica às economias ocidentais e suas propostas de tecnologias adequadas e descentralizadas. As teorias básicas de desenvolvimento de Schumacher ficaram conhecidas pelos termos “escala intermediária” e “tecnologia intermediária”. Em 1977, publicou *A Guide for the Perplexed*, uma crítica ao cientificismo materialista e uma exploração da natureza e da organização do conhecimento. Junto com amigos de longa data e sócios como Mansur Hoda, Schumacher fundou o Intermediate Technology Development Group, agora conhecido como Practical Action, em 1966. (Nota da **IHU On-Line**)

2 New York: Harper Perennial, 1989. (Nota da **IHU On-Line**)

3 Platão (427-347 a. C.): filósofo ateniense. Criador de sistemas filosóficos influentes até hoje, como a Teoria das Ideias e a Dialética. Discípulo de Sócrates, Platão foi mestre de Aristóteles. Entre suas obras, destacam-se *A República* (São Paulo: Editora Edipro, 2012) e *Fédon* (São Paulo: Martin Claret, 2002). Sobre Platão, confira e entrevista *As implicações éticas da cosmologia de Platão*, concedida pelo filósofo Marcelo Perine à edição 194 da revista **IHU On-Line**, de 04-09-2006, disponível em <http://bit.ly/pte-X8f>. Leia, também, a edição 294 da Revista **IHU On-Line**, de 25-05-2009, intitulada *Platão. A totalidade em movimento*, disponível em **IHU On-Line**)

4 São Paulo: Martin Claret, 2000. (Nota da **IHU On-Line**)

vens da cidade riram dele, mas, como ele apontou, no seu tipo de economia exploradora, vemos as raízes da guerra.

Uma outra economia

Qual é a resposta? Para mim, a resposta é trazer as relações de volta para a nossa economia. É por isso que movimentos como o *Fair Trade* [Comércio Justo]⁵ e a agricultura orgânica são tão importantes. Eles são formas de fazer negócios que buscam trazer as justas relações. É por isso também que eu não deixo da responsabilidade social corporativa (CSR). Sim, muitas vezes ela é uma *greenwash* ["maquiagem verde"], mas eu também a tenho visto ser muito mais do que isso.

Todos nós consumimos os produtos e os serviços de empresas, e é importante lembrar que pode haver pessoas nessas organizações que tentam não ter que abandonar seus valores na soleira da porta quando vão para o trabalho. Eu tenho trabalhado com o programa *One Planet Leaders*⁶ da WWF⁷ sobre

5 Comércio justo (em inglês: fair trade): é um dos pilares da sustentabilidade econômica e ecológica (ou econológica, como vem sendo chamada). Trata-se de um movimento social e uma modalidade de comércio internacional que busca o estabelecimento de preços justos, bem como de padrões sociais e ambientais equilibrados nas cadeias produtivas, promovendo o encontro de produtores responsáveis com consumidores éticos. (Nota da **IHU On-Line**)

6 One Planet Leaders (um líder do planeta, em tradução livre): programa da ONG WWF que reúne a corte de negócios de ponta e conhecimentos de sustentabilidade. Muitos líderes empresariais reconhecem a necessidade de responder ao desafio da sustentabilidade, mas não sabe como transformá-lo em proveito próprio e usá-lo para empurrar para a criação de valor. Este programa não só tenta equipá-los com as informações mais recentes e relevantes na sustentabilidade, mas também com um conjunto afiada de liderança, estratégia de negócios e mudar ferramentas de gerenciamento que são de classe mundial. (Nota da **IHU On-Line**)

7 WWF: inicialmente World Wildlife Fund, e depois World Wide Fund for Nature, é uma das mais conhecidas ONGs ambientalistas do planeta, tendo iniciado suas atividades em 1961, por iniciativa de um grupo de cientistas da Suíça preocupados com a devastação da natureza. A partir da sede na Suíça a entidade se tornou uma rede mundial de defesa do meio-ambiente, com representações nos principais países do mundo. A rede é apoiada

isso e devo dizer que tenho ficado impressionado com algumas das iniciativas que vi e com as pessoas que conheci.

IHU On-Line - Qual a relação entre mudanças climáticas e espiritualidade? De que forma o pensamento teológico pode contribuir para a compreensão sistêmica da relação do ser humano com o planeta?

Alastair McIntosh - As mudanças climáticas são impulsionadas tanto pelos níveis populacionais, quanto pelo nível de consumo material.

“

Eu defino a Teologia da Libertação como a teologia que liberta a própria teologia, de modo que ela possa dar vida

Neste momento, no mundo, é o consumismo - que eu defino como consumo em excesso daquilo que é necessário para a suficiência digna - que está guiando o impacto planetário por meio das emissões de CO2 e, portanto, causando as mudanças climáticas.

A questão espiritual, portanto, é perguntar que necessidade o consumismo está tentando preencher. Eu acho que ele está preenchendo um vazio dentro de nós mesmos, que não aprendemos a preencher de maneiras melhores. A vida espiritual é a melhor maneira. Aqui, o objetivo é preencher nosso vazio interior com o divino, com revelações do amor divino e de tudo o que flui a partir do amor.

por pessoas de origens diferentes, preocupadas com o mesmo objetivo: garantir a preservação do planeta. (Nota da **IHU On-Line**)

Perspectiva de Francisco

O papa vem de uma tradição que, da melhor forma, entende essas coisas. Estou animado com o fato de que esse papa parece estar aberto e parece estar praticando a Teologia da Libertação⁸. Eu defino a Teologia da Libertação como a teologia que liberta a própria teologia, de modo que ela possa dar vida. Embora eu não seja católico romano, admiro muito as pessoas dessa Igreja que estão ensinando o resto de nós a como fazer isso, e a *Laudato si'*⁹, assim como outros escritos desse papa e, especialmente, a *Evangelii gaudium*¹⁰, estão

8 Teologia da Libertação: escola teológica desenvolvida depois do Concílio Vaticano II. Surge na América Latina, a partir da opção pelos pobres, e se espalha por todo o mundo. O teólogo peruano Gustavo Gutiérrez é um dos primeiros que propõe esta teologia. A teologia da libertação tem um impacto decisivo em muitos países do mundo. Sobre o tema confira a edição 214 da *IHU On-Line*, de 02-04-2007, intitulada *Teologia da libertação*, disponível para download em <http://bit.ly/bsMG96>. Leia, também, a edição 404 da revista *IHU On-Line*, de 05-10-2012, intitulada *Congresso Continental de Teologia. Concílio Vaticano II e Teologia da Libertação em debate*, disponível em <http://bit.ly/SSYVTO>. (Nota da **IHU On-Line**)

9 *Laudato Si'* (português: Louvado sejas; subtítulo: "Sobre o Cuidado da Casa Comum"): encíclica do Papa Francisco, na qual critica o consumismo e desenvolvimento irresponsável e faz um apelo à mudança e à unificação global das ações para combater a degradação ambiental e as alterações climáticas. Publicada oficialmente em 18 de junho de 2015, mediante grande interesse das comunidades religiosas, ambientais e científicas internacionais, dos líderes empresariais e dos meios de comunicação social, o documento é a segunda encíclica publicada por Francisco. A primeira foi *Lumen fidei* em 2013. No entanto, *Lumen fidei* é na sua maioria um trabalho de Bento XVI. Por isso *Laudato Si'* é vista como a primeira encíclica inteiramente da responsabilidade de Francisco. A revista *IHU On-Line* publicou uma edição em que analisa debate a Encíclica. Confira em <http://bit.ly/1NqhbAJ>. O Instituto Humanitas Unidos - IHU ainda produziu conteúdo na plataforma Médium, disponível em <http://bit.ly/1R40X14>. (Nota da **IHU On-Line**)

10 *Evangelii gaudium*: A exortação apostólica *Evangelii Gaudium*, publicada no dia 24 de novembro de 2013, é o documento que orienta o programa do pontificado do Papa Francisco. O tema principal é o anúncio missionário do Evangelho e sua relação com a alegria cristã. Fala também sobre a paz, a homilética, a justiça social, a família, o respeito pela criação (ecologia), o ecumenismo e o diálogo inter-religioso, e o papel das

ajudando muito nisso. Eles legitimam formas espirituais de pensar sobre questões como o capitalismo, em relação ao qual o papa é extremamente crítico. A minha esperança é de que ele vai começar, em breve, a pensar mais profundamente sobre a espiritualidade da violência e da não violência, porque isso está no coração de tudo.

IHU On-Line - No que consiste a perspectiva do ativismo espiritual e como pode se entrelaçar a ideia de ativismo ambiental?

Alastair McIntosh - Recentemente, com a ajuda de um ativista mais jovem, Matt Carmichael, eu escrevi um livro chamado *Spiritual Activism* [Ativismo espiritual]¹¹, que se baseia no meu livro anterior e mais conhecido, *Soil and Soul*, que é sobre a comunidade e a reforma agrária. Nós escrevemos sobre o ativismo espiritual, porque temos observado que, se as pessoas não têm um fundamento espiritual para o seu ativismo pela mudança social, ambiental e até mesmo religiosa, então, na maioria das vezes, elas se “queimam” ou se “vendem”.

O que é o espiritual?

O espiritual é a interioridade, ou a natureza interior, de todas as coisas. É o que dá sentido e interconecta. É o fluxo da própria força vital, e não estou me referindo à vida apenas no sentido biológico: estou me referindo à vida como uma qualidade da consciência, e, portanto, aquilo que o grande educador brasileiro Paulo Freire¹² chamou de “conscientização”.

mulheres na Igreja. Também critica o consumo da sociedade capitalista, e insiste que os principais destinatários da mensagem cristã são os pobres. Acusa também o atual sistema econômico de ser injusto, baseado na tirania do mercado, a especulação financeira, a corrupção generalizada e a evasão fiscal. *Evangelii Gaudium*. A alegria do Evangelho. Sobre o anúncio do Evangelho no mundo atual é publicada, no Brasil, pelas Editoras Paulus e Loyola (São Paulo: 2013). (Nota da **IHU On-Line**)

¹¹ London: Green Books, 2015. (Nota da **IHU On-Line**)

¹² Paulo Freire (1921-1997): educador brasileiro. Como diretor do Serviço de Extensão

O ativismo espiritual tem a ver com trabalhar com conscientização - a ativação da consciência para guiar a mudança que esperamos no mundo. Isso significa que temos de entender o que significa ser um ser humano. É entender o que Freire chamou de processo de humani-

“

As pessoas não têm um fundamento espiritual para o seu ativismo pela mudança social, ambiental e até mesmo religiosa, então, na maioria das vezes, elas se ‘queimam’ ou se ‘vendem’

zação. E isso não apenas para os pobres, mas também para aqueles que são afligidos por serem ricos, porque, como Freire mostrou em sua profunda humanidade, os pobres são as únicas pessoas que podem libertar os ricos das desilusões da sua riqueza.

Quando Freire veio para a Escócia nos anos 1990, eu tive o privilégio - quando ele estava falando, e a sua garganta ficou seca - de ir buscar para ele um copo d’água. Eu nunca escrevi sobre isso antes.

Cultural da Universidade de Recife, obteve sucesso em programas de alfabetização, depois adotados pelo governo federal (1963). Esteve exilado entre 1964 e 1971 e fundou o Instituto de Ação Cultural em Genebra, Suíça. Foi também professor da Unicamp (1979) e secretário de Educação da prefeitura de São Paulo (1989-1993). É autor de *A Pedagogia do Oprimido*, entre outras obras. A edição 223 da revista **IHU On-Line**, de 11-06-2007, teve como título Paulo Freire: *pedagogia da esperança* e está disponível em <http://bit.ly/ihuon223>. (Nota da **IHU On-Line**)

Mas, de certa forma, é isso que faz a conscientização do ativismo espiritual como uma aplicação da teologia da libertação. Ela nos molha quando as nossas gargantas secam. Ela nos capacita no nosso ativismo, não apenas para falar, mas também para fazer poesia e até mesmo para cantar um canto novo (Salmo 96, 1).

IHU On-Line - Como compreender a relação entre o ser humano e a terra? Em que medida o desequilíbrio nessa relação - a incapacidade de compreender essa relação - pode representar risco para todas as formas de vida do planeta?

Alastair McIntosh - Eu acho que a relação tem a ver com o desenrolar da vida consciente, mediante os processos de tempo dentro da eternidade. É sobre isso que estou escrevendo em meu próximo livro - *Poacher’s Pilgrimage: an Island Journey* [A peregrinação do caçador ilegal: uma jornada insular, em tradução livre]. Estou escrevendo sobre a questão do que somos por dentro. Estou chamando isso de “uma ecologia da imaginação”. Eu acho que a Terra e este universo inteiro são mantidos dentro da habilidade imaginativa de Deus; mantidos dentro do *mythos* cósmico como a inteligência imaginativa ou criativa, e expressados, manifestados através do *logos* cósmico ou inteligência organizativa. Nesse pensamento, eu recorro fortemente ao teólogo indiano-espanhol Raimon Pannikar¹³.

¹³ Raimon Pannikar (1918-2010): padre e teólogo espanhol. Durante sua carreira acadêmica, teve a oportunidade de abordar diferentes tradições culturais. Publicou mais de 40 livros e 300 artigos de filosofia, ciência, metafísica, religião e hinduísmo. Foi membro do Instituto Internacional de Filologia (Paris, França) e presidente do Vivarium - Centro de Estudos Interculturais da Catalunha. Há um amplo material no sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU dos quais destacamos: *Superar a cristologia tribal, o desafio proposto por Raimon Panikkar*, disponível em <http://bit.ly/1lMqMEem>; *Raimon Panikkar: diálogo e interculturalidade*, disponível em <http://bit.ly/1lMqTjp>; *Raimon Panikkar, teólogo da dissidência*, disponível em <http://bit.ly/1rQV2DS>. (Nota da **IHU On-Line**)

Quando Panikkar veio para Glasgow no início dos anos 1990, para dar suas *Gifford Lectures*, agora publicadas no livro *The Rhythm of Being*¹⁴ [O ritmo do ser, em tradução livre], foi uma xícara de chá que eu servi para ele. A sua conferência em Govan, em Glasgow, onde eu vivo agora, foi sobre o tema *Agricultura, tecnocultura ou cultura humana?*. No fim, eu fiz uma pergunta: "Panikkarji, você nos mostrou muito claramente o que está errado no mundo, mas como podemos endireitá-lo?".

Ele respondeu: "Não cabe a mim lhe dizer como. Você deve trabalhar o 'como' por conta própria".

Quando eu levei para ele a xícara de chá - bem, podemos imaginar como os indianos podem ser em relação ao açúcar... -, ele pegou uma colher de açúcar, depois duas, e três, e foi colocando a colher no açucareiro de novo, quando me perguntou: "Quanto açúcar...?".

E eu respondi: "Panikkarji, não cabe a mim dizer quanto açúcar. Você deve resolver isso...!".

Bem, aí você vê que está o desafio do consumo e do consumismo. De encontrar o equilíbrio da relação certa dentro de nós mesmos, com os outros e com todo o ecossistema, que inclui o seu contexto divino.

IHU On-Line - Como os princípios de Quaker¹⁵, a ideia de não

14 New York: Orbis Books, 2013. (Nota da IHU On-Line)

15 **Quaker** (também denominado quacre em português): é o nome dado a vários grupos religiosos, com origem comum num movimento protestante britânico do século XVII. A denominação quaker é chamada de quakerismo, Sociedade Religiosa dos Amigos (em inglês: Religious Society of Friends), ou simplesmente Sociedade dos Amigos ou Amigos. Eles são conhecidos pela defesa do pacifismo e da simplicidade. Estima-se que haja 360.000 quakers no mundo, sendo o Quênia na África o local que possui a maior comunidade quaker. Criado em 1652, pelo inglês George Fox, o Movimento Quaker pretendeu ser a restauração da fé cristã original, após séculos de apostasia. A Sociedade dos Amigos, como também são conhecidos, reagia contra o que considerava abusos da Igreja Anglicana, colocando-se como "sob a inspiração directa do Espírito Santo". Os membros desta sociedade, ridicularizados no século

violência, por exemplo, podem ser associadas à relação do ser humano como o meio ambiente? Quando a produção de alimentos pode ser tomada como "ação de violência" para com a terra e demais formas de vida do planeta?

Alastair McIntosh - Eu acho que temos sido mal servidos pelas teologias - sejam elas cristãs ou não - que nos ensinam as religiões violentas de homens violentos de tempos violentos. Quando eu leio os quatro evangelhos, eu encontro Jesus praticando e ensinando profundamente não a teoria da guerra justa, mas plenamente a não violência.

“ A terra é a base da providência de Deus, e a palavra “providência” significa providenciar, prover

Eu entendo a Cruz como a representação do poder do amor para absorver a violência do mundo, assumindo o sofrimento. No fim, esse amor nunca pode morrer. A Ressurreição é intrínseca a ele, porque esse amor vem de um lugar que impacta dentro do tempo, por meio da encarnação, mas está fora do espaço e do tempo.

No livro *Poacher's Pilgrimage*¹⁶, em que eu escrevo sobre isso, estou usando o termo "teoria da libertação da expiação" [*liberation theory of the atonement*]. Eu tomo isso do meu falecido amigo, o teó-

XVII com o nome de quakers (inglês para "tremedores"), que a maioria adota até hoje, rejeitam qualquer organização clerical, para viver no recolhimento, na pureza moral e na prática ativa do pacifismo, da solidariedade e da filantropia. (Nota da IHU On-Line)

16 *Island Spirituality: Spiritual Values of Lewis and Harris* (Islands Book Trust, June 2013)

logo estadunidense Walter Wink¹⁷. Para mim, uma teoria da libertação entende que nós só somos libertados da violência quando nos recusamos a jogar o seu jogo, quando nos recusamos a entrar no seu enquadramento da realidade. Como podemos fazer isso? Os santos e mártires mostram que apenas pelo poder de Deus podemos fazer isso. O arcebispo [Óscar Arnulfo] Romero¹⁸ disse que isso significa assumir a violência do amor, mas não no sentido de ser violento, e sim de entender o caminho da Cruz como um caminho que absorve essa violência e a transforma em amor.

Essa é a grande tarefa teológica e espiritual do terceiro milênio do cristianismo, e uma tarefa na qual devemos trabalhar junto com todas as outras féis que se baseiam na busca de entender e de se apaixonar pelo Deus que é amor.

IHU On-Line - Por que é importante abordar o tema da reforma agrária ao tratar das questões ambientais?

Alastair McIntosh - Porque a terra é a própria base do ecos (latim)

17 **Walter Wink** (1935-2012): biblista americano, teólogo e ativista que foi uma figura importante no Cristianismo Progressista. Passou grande parte de sua carreira docente em Auburn Theological Seminary em New York City. Ele era conhecido por sua defesa da e trabalhos relacionados com a resistência não-violenta e suas obras seminais sobre "Os Poderes", Nomeando o Powers (1984), desmascarar a Powers (1986), envolvendo os Poderes (1992), quando os poderes cair (1998), e os poderes constituídos (1999). Ele também é conhecido por cunhar a frase "o mito da violência redentora". (Nota da IHU On-Line)

18 **Dom Oscar Romero** (1917-1980): arcebispo católico romano, foi assassinado enquanto oficiava missa, na tarde de 24 de março de 1980. Sua dedicação aos pobres, numa época de efervescência social e guerra, converteu-o em mártir. Em fevereiro de 2015, foi beatificado pelo Papa Francisco. Confirma nas Notícias do Dia, do sítio do Instituto Humanitas Unisinos - IHU, a entrevista especial com Anne Marie Crosville, Dom Oscar Romero ajudou a fortalecer meu compromisso com os mais pobres, disponível para download em <http://bit.ly/18Dkbb4>. Leia também as notícias publicadas em 09-11-2009, El Salvador reconhece responsabilidade no assassinato de Dom Romero, em <http://bit.ly/15FzAYv> e em 20-05-2007, Pedida a canonização de Oscar Romero na V Conferência, em <http://bit.ly/15FzCPU>. Dom Oscar Romero foi beatificado no dia 23 de maio de 2015, em San Salvador. (Nota da IHU On-Line)

ou *oikos* (grego) de que eu tenho falado. É por isso que o meu trabalho tem sido tão profundamente influenciado pelos teólogos da libertação latino-americanos - por Gustavo Gutiérrez¹⁹, Leonardo Boff²⁰, Dom Helder Câmara²¹ e to-

19 **Gustavo Gutiérrez Merino** (1928): é um teólogo peruano e sacerdote dominicano, considerado por muitos como o fundador da Teologia da Libertação. (Nota da **IHU On-Line**)

20 **Leonardo Boff** (1938): teólogo brasileiro, autor de mais de 60 livros nas áreas de teologia, espiritualidade, filosofia, antropologia e mística. Boff escreveu um depoimento sobre as razões que ainda lhe motivam a ser cristão, publicado na edição especial de Natal da IHU On-Line, número 209, de 18-12-2006, disponível em <http://bit.ly/iBjvZq>, e concedeu uma entrevista sobre a Teologia da Libertação na IHU On-Line número 214, de 02-04-2007, disponível em <http://bit.ly/kaibZx>. Na edição 238, de 01-10-2007, intitulada *Francisco. O santo*, concedeu a entrevista *A ecologia exterior e a ecologia interior. Francisco, uma síntese feliz*, disponível em <http://bit.ly/km44R2>. Sua entrevista mais recente à IHU On-Line intitulada *Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si'*. "Nem a ONU produziu um texto desta natureza" e está disponível em <http://bit.ly/1lk6J6U> (Nota da **IHU On-Line**)

21 **Dom Hélder Câmara** (1909-1999): arcebispo lembrado na história da Igreja Católica no Brasil e no mundo como um grande defensor da paz e da justiça. Foi ordenado sacerdote aos 22 anos de idade, em 1931. Aos 55 anos, foi nomeado arcebispo de Olinda e Recife. Assumiu a Arquidiocese em 12-03-1964, permanecendo neste cargo durante 20 anos. Na época em que tomou posse como arcebispo em Pernambuco, o Brasil encontrava-se em pleno domínio da ditadura militar. Paralelamente às atividades religiosas, criou projetos e organizações pastorais, destinadas

dos os outros - e pelos invisíveis povos camponeses da terra - que eram a sua inspiração. Em *Soil and Soul*, mostrei como alguns de nós aplicaram as suas ideias na Escócia, e isso faz parte do motivo pelo qual agora a reforma agrária está acontecendo aqui.

A terra é a base da providência de Deus, e a palavra "providência" significa providenciar, prover. É o dom da bênção, da suficiência pela suficiência abençoada. A ter-

a atender às comunidades do Nordeste, que viviam em situação de miséria. Dedicamos a editoria Memória da IHU On-Line número 125, de 29-11-2005, a Dom Hélder Câmara, publicando o artigo Hélder Câmara: cartas do Concílio em <http://bit.ly/ihuon125>. Na edição 157, de 26-09-2005, publicamos a entrevista O Concílio, Dom Helder e a Igreja no Brasil, realizada com Ernanne Pinheiro, que pode ser lida em <http://bit.ly/ihuon157>. Confira, ainda, a editoria Filme da Semana da edição 227 da IHU On-Line, 09-06-2007, que comenta o documentário Dom Hélder Câmara - o santo rebelde. O material pode ser acessado em <http://bit.ly/ihuon227>. Veja também as entrevistas A amizade espiritual entre Paulo VI e Dom Helder Câmara, disponível em <http://bit.ly/1uFCR7r>; e Dom Helder Câmara: "A síntese da melhor tradição espiritual da América Latina", ambas com Ivanir Rampon e publicada nas Notícias do Dia, de 02-11-2014 e 08-09-2013, disponível em <http://bit.ly/1S1nSy7>. O processo de beatificação e canonização foi recentemente autorizado pelo Vaticano e iniciado na arquidiocese de Olinda e Recife, sobre isso leia Dom Helder Câmara. Hoje é a abertura oficial do processo de beatificação e canonização, publicado nas Notícias do Dia, de 03-05-2015, disponível em <http://bit.ly/1cL289g>. (Nota da **IHU On-Line**)

ra, propriamente entendida, nos religa à nossa natureza divina. Ela ajuda a nos tornarmos, como disse o apóstolo Pedro, "participantes da natureza divina" (2Pedro 1, 4).

IHU On-Line - Quais os desafios da humanidade para produzir alimentos numa integração sistêmica com o planeta?

Alastair McIntosh - "O pão nosso de cada dia nos dai hoje... venha a nós o Vosso Reino... assim na Terra como no Céu" (Mateus 6, 9-13).

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Alastair McIntosh - É suficiente dizer: amém. Mas, lembre-se, embora eu tenha dito essas coisas dentro da compreensão da fé cristã, o próprio Cristo disse: "Tenho ainda outras ovelhas que não são deste rebanho" (João 10, 16). Devemos resistir à tentação de tornar o nosso Cristo muito pequeno. Nós vivemos em uma era global com uma exposição às mais diferentes fés pelas quais os seres humanos tentam entender a realidade divina, incluindo as fés indígenas. Somos chamados, creio eu, a honrar todos os caminhos para a Verdade que se baseiam no amor tornado manifesto. ■

CICLO DE DEBATES

ECONOMIA BRASILEIRA:

Onde estamos e para onde vamos?

UM DEBATE COM OS INTERPRETES DO BRASIL

12 de abril a 06 de junho de 2016

Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros – IHU UNISINOS - CAMPUS SÃO LEOPOLDO/RS

Informações e inscrições em ihu.unisinos.br

Uma educação para além da gestão ambiental

Genebaldo Freire Dias defende uma reorientação na ideia de Educação Ambiental como forma de superar o que chama de “falha de percepção” humana que leva o Planeta ao esgotamento

Por João Vitor Santos

O doutor em Ecologia Genebaldo Freire Dias endossa o discurso de quem acredita que a forma de vida humana hoje é uma postura suicida. “Sem tempo para refletir, investe tudo em um materialismo-consumismo insaciável e se afunda em depressões existenciais crônicas e sistêmicas”, analisa. Para ele, a questão está centrada na “lógica de mercado que vê a natureza como um fornecedor de capacidade infinita e gratuita, e sem qualquer tradução em consequências desse usufruto ignorante”.

Dias acredita que a educação possa ser um caminho para superar o que chama de “falha de percepção” social hoje. Porém, alerta que até mesmo em disciplinas como a Educação Ambiental há a reprodução de um modelo que já se mostra falido, baseado na mesma lógica de mercado. “A prática da Educação Ambiental estacionou nos elementos de gestão ambiental. A maior parte

do que se faz é ainda muito afastado do que seria necessário para se atingir a ampliação da percepção, módulo inicial das mudanças necessárias”, dispara, em entrevista concedida por e-mail à **IHU On-Line**. E completa: “o primeiro desafio é promover essa disciplina conforme seus objetivos e princípios primais. Sem isso, o que se segue é burocracia, acomodação cartorial”.

Genebaldo Freire Dias é bacharel, mestre e doutor em Ecologia pela Universidade de Brasília - UnB. Atualmente é consultor independente com atuação nas áreas de Educação e Gestão Ambiental. Possui 19 livros publicados sobre a temática ambiental, entre eles *Mudança climática e você* (São Paulo: Editora Gaia, 2014), *Dinâmicas e Instrumentação para a Educação Ambiental* (São Paulo: Gaia, 2010) e *Educação Ambiental - princípios e práticas* (São Paulo: Gaia, 2010).

Confira a entrevista.

IHU On-Line - Qual o papel da educação ambiental como forma de introduzir novas perspectivas sistêmicas para a humanidade? Quais os desafios para se pensar a educação ambiental de forma interdisciplinar?

Genebaldo Freire Dias - A prática da Educação Ambiental - EA estacionou nos elementos de gestão ambiental - lixo, coleta seletiva, reciclagem, economias (de água, energia elétrica e outros), poluições, mudança climática etc., confundindo-os com os processos verdadeiros da EA. Assim, o

primeiro desafio é promover essa disciplina conforme seus objetivos e princípios primais. A maior parte do que se faz é ainda muito afastado do que seria necessário para se atingir a ampliação da percepção, módulo inicial das mudanças necessárias. Sem isso, o que se segue é burocracia, acomodação cartorial.

O formato interdisciplinar proposto desde Tbilisi (1977)¹ foi su-

¹ Em 1975, a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura - UNESCO promoveu, em Belgrado, na Iugoslávia, o Encontro Internacional de Educação Ambiental, criando o Programa Internacio-

focado pela egolatria. Cada dono do pedaço de conhecimento viu a

nal de Educação Ambiental - PIEA, que apresenta um conjunto de princípios e diretrizes para o desenvolvimento da área. Em 1977, aconteceu a Primeira Conferência Intergovernamental de Educação Ambiental, em Tbilisi, na Rússia, organizada pela UNESCO com a colaboração do Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente - PNUMA, que gerou um documento onde constam os objetivos, funções, estratégias, características, princípios e recomendações da educação ambiental, que servem como base para a prática dos educadores ambientais no mundo inteiro até os dias atuais. Nesse documento, conta a proposta de se trabalhar a Educação Ambiental de forma interdisciplinar, ligando-a a várias áreas de conhecimento. (Nota da **IHU On-Line**)



A sociedade humana vive uma falha de percepção. Assume um estilo de vida suicida e cria inúmeros mecanismos para não aceitar isso

sua “propriedade” ameaçada no processo natural de diluição. O ser humano ainda não atingiu um estágio² evolutivo a ponto de ceder um pouco do seu domínio para espaços-manifestações mais altruístas. O que vem dando resultados palpáveis é a abordagem por meio de projetos multidisciplinares.

IHU On-Line - No que consiste sua ideia de ecopercepção? Em que medida dialoga com o conceito de Ecologia Integral³ e com teorias como a da Trofobiose⁴?

Genebaldo Freire Dias - Antes de qualquer coisa, refuto o “sua ideia”. Isso não existe. Não temos “nossa” ideia. Não somos autores de coisa alguma. Isso é criação do ego humano. Somos apenas sensores, sintonizadores das vibrações que já existem e estão por aí.

² É estágio mesmo; estágio é de foguete. (Nota do entrevistado)

³ O conceito de Ecologia Integral – desde uma visão sistêmica – aparece na Encíclica Laudato Si’, do papa Francisco. A abordagem do conceito é amplamente discutida em entrevista “Ecologia integral. A grande novidade da Laudato Si’. ‘Nem a ONU produziu um texto desta natureza”, com o teólogo e filósofo Leonardo Boff, publicada nas Notícias do Dia, de 18-06-2016, no sítio do Instituto Humanitas Unisinos – IHU, disponível em <http://bit.ly/1TLwrgW>. Confira, também, a edição 469, de 03-08-2015, da **IHU On-Line**, que reflete acerca da Encíclica com diversos pesquisadores, disponível em <http://bit.ly/1PQo04f>. (Nota da **IHU On-Line**)

⁴ **Teoria da Trofobiose**: diz que uma planta desequilibrada nutricionalmente torna-se mais suscetível a pragas e patógenos. A adubação mineral e o uso de agrotóxicos provocam inibição na síntese de proteínas, causando acúmulo de nitrogênio e aminoácidos livres no suco celular e na seiva da planta, alimento que pragas e patógenos utilizarão para se proliferar. O primeiro a formular a teoria foi Francis Chaboussou. (Nota da **IHU On-Line**)

Ecopercepção? Simples: perceber o ambiente (em sua totalidade). A sociedade humana vive uma falha de percepção. Assume um estilo de vida suicida e cria inúmeros mecanismos para não aceitar isso. Sem tempo para refletir, investe tudo em um materialismo-consumismo insaciável e se afunda em depressões existenciais crônicas e sistêmicas. Erode⁵ seu conforto emocional em troca de coisas. E estas logo viram lixo.

O conceito dialoga com a Ecologia Integral pela sua natureza “trans-sistêmica”. Com os ideais de Francis Chaboussou⁶, Trofobiose dialoga ao expor o intrincado equilíbrio que desmontamos por um misto de analfabetismo ambiental, ignorância e imediatismo.

IHU On-Line - De que forma a gestão de conflitos pode ser pensada como forma de romper a lógica mercantil que se estabelece entre o ser humano e o planeta?

Genebaldo freire Dias - O que se possa imaginar de “pensamentos” para essa possibilidade de se romper com essa lógica mercantil vem sendo tentada desde 1972 (Estocolmo)⁷. Já se escreveu tudo

⁵ No sentido de erosão, desgastar ou remover a superfície da Terra, pela ação da água, vento ou outros agentes erosivos. (Nota da **IHU On-Line**)

⁶ Francis Chaboussou: pesquisador francês autor da Teoria da Trofobiose que, na década de 1970, lançou um dos pilares da agroecologia. Formado em biologia pela Universidade de Bordeaux, na França, foi pesquisador do Institut National de la Recherche Agronomique e da Estação de Zoologia do Centro de Pesquisas Agronômicas de Bordeaux. (Nota da **IHU On-Line**)

⁷ Conferência das Nações Unidas sobre o Meio Ambiente Humano (em inglês United Nations Conference on the Human Environment): também conhecida como Conferência

o que precisamos, já se formalizou em tratados, acordos, convenções e tudo o mais que se possa nomear em maneiras de abordar a temática-desafio. Porém, os indicadores de insustentabilidade do modelo vêm se tornando cada vez mais nítidos, diversos e abrangentes. Ou seja, a velocidade de formação de fatores de sustentabilidade está infinitamente inferior à fúria e avidez dos fatores que empurram a relação pessoas-planeta para faixas de conflitos.

Muito do que será feito para ajustar a nossa equação vai ocorrer por meio de gestão de conflitos. Pode parecer neocatastrofismo, niilismo puritano ou surto espasmódico de verborragia ambientalista, mas estamos nos aproximando muito rápido dos cenários de conflitos, principalmente por energia, água e proteínas, muitas vezes expressados nas obras de ficção. Infelizmente, o que a mídia despeja em nossas salas diariamente parece não deixar de corroborar tais assertivas.

IHU On-Line - Como a degradação ambiental pode ser mensurada no cotidiano, desde a questão econômica, até perspectivas políticas e sociais?

Genebaldo Freire Dias - Pela perda contínua da qualidade da experiência humana empurrada para baixo pela perda da qualidade de vida. São indicadores irrefutáveis dessa relação apodrecida. Desemprego, ondas migratórias desesperadas, radicalismo étnico-político-religioso, epidemias de hipertensão, obesidade, diabetes, câncer, estresse, cardiopatias, de-

de Estocolmo, foi a primeira grande reunião de chefes de estado organizada pelas Nações Unidas – ONU para tratar das questões relacionadas à degradação do meio ambiente, realizada entre os dias 5 a 16 de junho de 1972 na cidade sueca de Estocolmo. A Conferência de Estocolmo é amplamente reconhecida como um marco nas tentativas de melhorar as relações do homem com o Meio Ambiente, e também por ter inaugurado a busca por equilíbrio entre desenvolvimento econômico e redução da degradação ambiental (poluição urbana e rural, desmatamento etc.), que mais tarde evoluiria para a noção de desenvolvimento sustentável. (Nota da **IHU On-Line**)

pressão e suicídio. E tudo isso ainda em meio a um caldo de ocaso moral e ético com o flagelo da corrupção global, da poluição generalizada e do desmonte dos mecanismos que sustentam a vida orgânica (desmatamento, queimadas, incêndios florestais, destruição de nascentes, abatimento da biodiversidade e outros) por meio de processos ecossistêmicos históricos, indicam a nossa falha de percepção.

Com tal contexto, justifica-se a improficuidade do processo de Educação Ambiental (e de outros tantos que precisam se ajustar), se praticada nos moldes majoritários atuais com foco apenas em gestão ambiental. Prescinde o tom transcendente sem o qual nos perdemos, sem o qual não eco perceberemos nossos cenários, desafios e ingratidões.

IHU On-Line - Que relação é possível traçar entre as formas de vida humana pós-industrial e o aquecimento global? Quais os impactos desse "homem pós-industrial" no campo?

Genebaldo Freire Dias - A relação é simples e direta. Cada ser humano sobre o planeta exerce uma pressão de demanda de recursos naturais (pegada ecológica)⁸. Tal pressão vem aumentando com o tempo em função de padrões de produção, consumo e descarte cada vez mais impactantes, requerendo cada vez mais recursos naturais. A lógica de mercado que vê a natureza como um fornecedor de capacidade infinita e gratuita, e sem qualquer tradução em consequências desse usufruto ignorante, está nos levando para quadros impensáveis de desequilíbrios políticos, sociais, econômicos e morais, cuja amostragem já está disponível nos noticiários da TV todos os dias.

⁸ **Pegada ecológica:** é uma expressão traduzida do Inglês *ecological footprint* e refere-se, em termos de divulgação ecológica, à quantidade de terra e água que seria necessária para sustentar as gerações atuais, tendo em conta todos os recursos materiais e energéticos, gastos por uma determinada população. (Nota da **IHU On-Line**)

O cinismo e a maluquice da negação da contribuição humana ao aquecimento global denotam bem a iniquidade do processo calculado de impor uma peneira à luz do sol, de calar obviedades. O impacto no campo dessa desastrosa "escolha" de modo de vida é multifacetado. Vai desde o caos climático que frustra safras até o sucesso das pragas; vai da erosão e perda da fertilidade do solo ao desemprego, falência e abandono de terras areificadas; vai desde o sumiço das abelhas que brindavam a polinização à escravidão tecnológica dos transgênicos; do uso crescente de biocidas ao suicídio de agricultores e indução de cânceres na população rural... e por aí segue.

“

A teia educacional está atrelada a enciclopedismos engavetados com conteúdos

IHU On-Line - Como o senhor entende o conceito de antropoceno? De que forma as discussões acerca do antropoceno podem contribuir para o debate ecológico?

Genebaldo Freire Dias - Quando publicamos o nosso livro *Antropoceno - iniciação à temática ambiental* (São Paulo: Gaia, 2002), quase fui trucidado. Há uns cinco anos, o conceito foi capa do *The Economist*⁹ e virou "cult". Pura apresentação acadêmica dos egos.

⁹ **The Economist:** é uma publicação inglesa de notícias e assuntos internacionais de propriedade da The Economist Newspaper Ltd. e editada em sua sede na cidade de Londres, no Reino Unido. Está em publicação contínua desde a sua fundação por James Wilson, em setembro de 1843. Por razões históricas a *The Economist* refere-se a si mesma como um jornal, mas cada edição é impressa em formato de revista de notícias. (Nota da **IHU On-Line**)

Tal conceito é mais antigo do que a estrada. Não tem donos.

Antropoceno é a era da transformação-alteração da Terra por meio da ação humana. Admite-se a presença humana como um fator inclusive geológico, capaz de impor mudanças perceptíveis no planeta. Parece óbvio. E é. Mas não para desenvimentistas autocentros. Afinal, seria difícil explicar como 7 bilhões de pessoas derrubando florestas, consumindo combustíveis fósseis (jogando gás carbônico para a atmosfera como vem fazendo nos últimos 400 anos), poluindo rios, lagos e mares, matando 1 milhão de bois e 120 milhões de frangos diariamente, produzindo milhares de toneladas de lixo diariamente e emitindo metano para atmosfera, dizimando animais e destroçando a biodiversidade não pudessem interferir em nada nas dinâmicas do planeta.

Não é por falta de ferramentas teóricas e evidências objetivas que o discurso dito ecológico ainda não se assenta em muitas mesas de decisões políticas e econômicas. Ecossistemas não sentam nessas mesas, mas também não conseguem enganá-los.

IHU On-Line - Qual o papel da sociedade civil, como as cooperativas, e o poder público na promoção e efetivação de formas de vidas mais ecológicas desde o campo até a cidade?

Genebaldo Freire Dias - Tudo poderia começar com um processo educacional que revelasse às pessoas o fascínio da vida, o mistério de estar vivo, de pertencer a uma forma orgânica raríssima no universo, com possibilidades mínimas de sobrevivência em um universo gelado. A utopia passaria por aqui. Mas isso vai levar muito tempo porquanto a teia educacional está atrelada a enciclopedismos engavetados com conteúdos. Afastada dos valores humanos, e centrada na produção de consumidores úteis, a educação ainda precisará de muitas décadas de saltos evolutivos até que a percepção da maioria das pessoas possa identificar e

valorizar o seu lugar de expressão física e biológica, a Terra. Levará tempo para esse resgate, inclusive espiritual e estético. Mas não há nada de errado se olharmos o contexto como etapas evolutivas. Apenas dá uma angústia danada quando se sabe que tudo poderia ser diferente, mais sereno, menos conflitante, e com mais leveza.

IHU On-Line - O que está por trás da lógica do agronegócio e como a perspectiva da agroecologia se contrapõe a essa forma de produção? Que relação se estabelece entre a sociedade e o planeta nas duas perspectivas?

Genebaldo Freire Dias - Não há nada "por trás" da lógica do agronegócio além do lucro. Todo negócio, seja qual for, tem o lucro como base primal, onipresente, absoluta. Todo negócio que explora

recursos naturais o faz em formas exploratórias via custo/benefício (socializar os custos e privatizar

“

A agroecologia não se contrapõe. Ela pode somar, complementar redes de cooperação e influência

os benefícios). O negócio "verde" ainda é cinicamente hipócrita. Revestido em belas embalagens de marketing, ainda representa menos de 5% de produções honestas.

A agroecologia não se contrapõe. Ela pode somar, complementar redes de cooperação e influência via resultados de inovações. Enquanto a agroecologia for vista-percebida como uma "alternativa", e não como forma evoluída de relação com os sistemas terrestres de sustentação da vida, reinará a visão do primo pobre, do colar "riponga" sobre a mesa dos negócios. Os avanços e os desafios da agroecologia hoje no Brasil são os mesmos de todo processo que favorece a promoção de saltos evolutivos na escalada humana.

IHU On-Line - Deseja acrescentar algo?

Genebaldo Freire Dias - Temos inscrito em nosso patrimônio genético as informações para a sobrevivência. Temos sido bons nisso. Até agora. ■

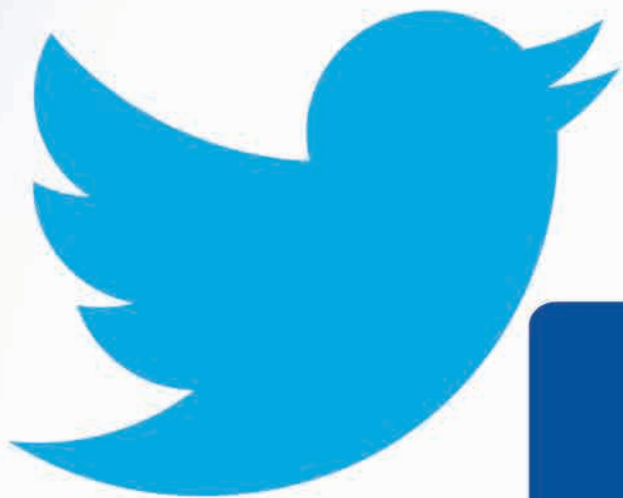
Cadernos Teologia Pública

Cadernos Teologia Pública divulga artigos que apresentam a contribuição da teologia com os debates que se desenvolvem na esfera pública da sociedade e na universidade, com abertura ao diálogo com as ciências, com a cultura e com as religiões.

Publicações disponíveis em: ihu.unisinos.br

IHU

Na Web



ihu.unisinos.br

IHU ON-LINE



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS



UNISINOS

**IHU em
Revista**

Agenda de Eventos

Confira os próximos eventos promovidos pelo Instituto Humanitas Unisinos - IHU



Economia brasileira: onde estamos e para onde vamos? Um debate com os intérpretes do Brasil

Conferência: A substituição de importações e o desenvolvimento brasileiro. Atualidade e desafios a partir da obra de Maria da Conceição Tavares

Conferencista: Prof. Dr. Eduardo Figueiredo Bastian - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Horário: 19h30min às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1VzY67X>

66

Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas

Conferência: Arqueologia da glória: a doxologia do poder midiático e a captura dazoe aionos

Conferencista: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - UNISINOS

Horário: 19h às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1SzkVSc>



IHU Ideias

Conferência: Brasil, e agora, para onde vamos?

Conferencista: Prof. Dr. Rodrigo Ghiringhelli Azevedo - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS

Horário: 17h30min às 19h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1eOZYTU>



Implicações ético-políticas do cristianismo na filosofia de M. Foucault e G. Agamben. Governamentalidade, economia política, messianismo e democracia de massas

Conferência: O tempo que resta. Comentário da carta aos Romanos

Conferencista: Prof. Dr. Castor Bartolomé Ruiz - UNISINOS

Horário: 19h às 22h

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros - IHU

Saiba mais em <http://bit.ly/1SzkVSc>



Cadernos IHU ideias

O Cadernos IHU ideias apresenta artigos produzidos por palestrantes convidados(as) dos eventos promovidos pelo Instituto, além de artigos inéditos de pesquisadores(as) em diversas universidades e instituições de pesquisa.

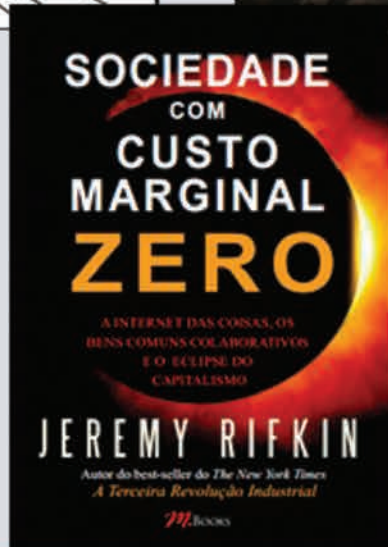
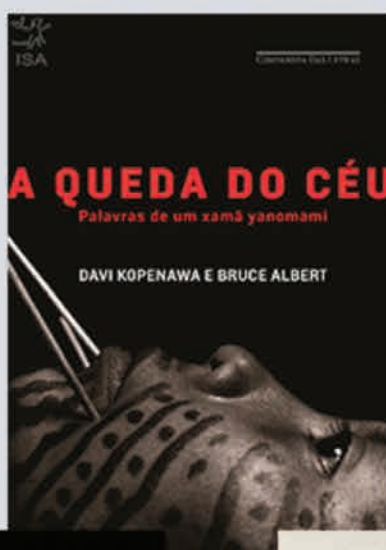


Acesse: ihu.unisinos.br

I Ciclo de Estudos. Modos de existência e a contemporaneidade em debate. Reflexões transdisciplinares à luz de diferentes obras

De 05 de maio a 10 de novembro de 2016

Local: Sala Ignacio Ellacuría e Companheiros –
IHU (Campus de São Leopoldo da UNISINOS)



PUBLICAÇÕES

Brasil: A dialética da dissimulação



Cadernos IHU ideias, em sua 239ª edição, publica o artigo de Fábio Konder Comparato, Professor Emérito da Universidade de São Paulo - USP.

Em obra primorosa, a *Dialética da Colonização*, o Professor Alfredo Bosi focalizou o caráter intrinsecamente contraditório do processo colonizador do Brasil. Inspirado nessa visão metodológica, o Fábio Konder Comparato ressalta no artigo outra oposição entre aparência e realidade, formando uma unidade dialética: o caráter fundamentalmente dissimulado dos nossos grupos sociais dominantes, com fundas repercussões na vida social. Para ilustrar esse propósito e, concomitantemente, prestar homenagem a um dos melhores comentadores da literatura brasileira, Comparato recorre neste trabalho a citações de obras de um dos maiores literatos brasileiros, notadamente Machado de Assis.

O artigo completo em PDF está disponível em <http://bit.ly/24PVTH7>

Esta e outras edições dos Cadernos IHU ideias podem ser adquiridas diretamente no Instituto Humanitas Unisinos - IHU ou solicitadas pelo endereço humanitas@unisinos.br.

Informações pelo telefone 55 (51) 3590 8213.

ME TRÓ POLES

3º CICLO DE ESTUDOS

POLÍTICAS PÚBLICAS E
TECNOLOGIAS DE
GOVERNO

TERRITÓRIOS,
GOVERNAMENTO DA VIDA
E O COMUM

**UNISINOS – SÃO LEOPOLDO
| RS**

**30 DE MARÇO A
08 DE JUNHO DE 2016**

INFORMAÇÕES E INSCRIÇÕES – IHU.UNISINOS.BR

PROMOÇÃO



INSTITUTO
HUMANITAS
UNISINOS

 **UNISINOS**
Somos infinitas possibilidades

Retrovisor

Releia algumas das edições já publicadas da IHU On-Line

O ECOMenismo de *Laudato Si'*. Da Crise Ecológica à Ecologia Integral

Edição 469 - Ano XV - 03.08.2015

Disponível em <http://bit.ly/1PQo04f>

Frente ao paradigma tecnocrático dominante, a Carta Encíclica do Papa Francisco, *Laudato Si'*, sobre o cuidado da casa comum, coloca em causa o lugar do ser humano na contemporaneidade. O texto se inscreve no contexto da realização da 21ª Conferência das Partes da Convenção das Nações Unidas sobre Mudanças Climáticas - COP 21, realizada em Paris, de 30 de novembro a 11 de dezembro de 2015. Nessa edição, a IHU On-Line debate o documento pontifício no contexto das mudanças climáticas que desafiam o cuidado da casa comum.

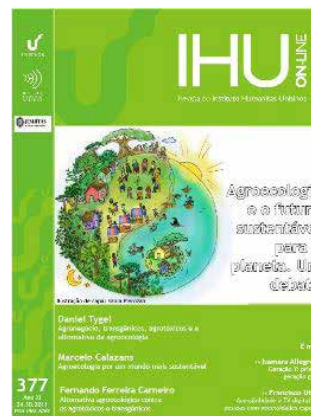


Agroecologia e o futuro sustentável para o planeta. Um debate

Edição 377 - Ano XI - 24.10.2011

Disponível em <http://bit.ly/24RBk0z>

Essa edição da revista IHU On-Line de 2011 retoma o tema sustentabilidade do planeta. Desta vez debatendo a proposta da agroecologia. Participam do debate o professor pesquisador da Universidade de Brasília - UnB Fernando Ferreira Carneiro; o secretário executivo do Fórum Brasileiro de Economia Solidária Daniel Tygel; o sociólogo Marcelo Calazans, coordenador do Programa Regional da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional - Fase no Espírito Santo; a socióloga Letícia Rangel Tura, Diretora-executiva da organização não governamental Fase - Programa Regional da Federação de Órgãos para Assistência Social e Educacional; a antropóloga Maria Emília Lisboa Pacheco, assessora do programa Direito à segurança alimentar, à agroecologia e à economia solidária, da Fase; a advogada da Terra de Direitos Larissa Ambrosano Packer; e a nutricionista Claudia Witt, mestranda em Saúde Coletiva na Unisinos.

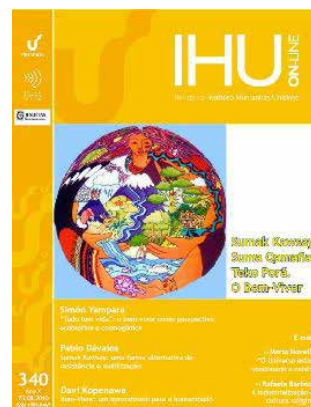


Sumak Kawsay, Suma Qamana, Teko Pora. O Bem-Viver

Edição 340 - Ano X - 23.08.2010

Disponível em <http://bit.ly/1MRpPYX>

Nos últimos anos, diversos países latino-americanos, como Equador e Bolívia, incorporaram, nas suas constituições, o conceito do bem-viver, que nas línguas dos povos originários soa como Sumak Kawsay (quíchua), Suma Qamaña (aimará), Teko Porã (guarani). Para alguns sociólogos e pesquisadores temos aí uma das grandes novidades no início do século XXI. Essa edição da IHU On-Line, em parceria com escritório brasileiro da Fundação Ética Mundial no Brasil, busca compreender melhor a contribuição específica que trazem os povos originários para a crise civilizacional que vivemos.



IV COLÓQUIO INTERNACIONAL IHU

13 e 14

de setembro
de 2016

Políticas Públicas, Financeirização e Crise Sistêmica

Objetivo Geral

Analisar transdisciplinarmente a construção e efetivação das políticas públicas no Brasil, tendo como referência a financeirização e a crise sistêmica, de forma a apontar e problematizar seus principais resultados, limites e possibilidades.

Programação

Compreendendo a financeirização: conceito(s), origens, impactos e (im)possibilidades - Prof. Dr. Yann Moulier Boutang - Universidade de Tecnologia de Compiègne - UTC - França

Financeirização e suas estruturas: a transição ecológica para uma sociedade dos comuns? - Prof. Dr. Gaël Giraud - Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS - França

Social-Desenvolvimentismo, financeirização, avanços e retrocessos: o estágio de desenvolvimento que não chegou virá? - Prof. Dr. João Sicsú - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

A financeirização e seus impactos à vida em sociedade: (co)gestão pública, privada e/ou social - Prof. Dr. Yann Moulier Boutang - Universidade de Tecnologia de Compiègne - UTC - França

Democracia, políticas públicas, poder e representação: considerações epistemológicas - Profa. Dra. Francini Lube Guizardi - Fundação Oswaldo Cruz - Fiocruz/Brasília

Políticas Públicas, Financeirização e Crises no Brasil: um olhar a partir de Deleuze, da antropologia imanentista e da sociedade pólen - Prof. Dr. Giuseppe Cocco - Universidade Federal do Rio de Janeiro - UFRJ

Políticas Públicas, Financeirização e a aposta municipalista: experiências internacionais e a comparação com o cenário brasileiro - Bernardo Gutiérrez - Global Revolution Research Network - Universitat Oberta de Catalunya (UOC)

O capitalismo vindouro e a sustentabilidade: os papéis da gestão e da economia - Prof. Dr. Gaël Giraud - Centre National de la Recherche Scientifique - CNRS - França

Para ver a programação acesse <http://bit.ly/1SV4FvV>.

Para se inscrever acesse <http://bit.ly/1XeCvkB>.



ihu.unisinos.br



bit.ly/iHuon



twitter.com/_ihu



youtube.com/iHucomunica



medium.com/@_ihu